



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PROFLETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

SIMARA RIBEIRO GOMES DA CUNHA LIMA

**LEITURA DO LIVRO *CHÃO DOS SIMPLES* NA SALA DE AULA: riso e tradição
regional nos contos de Manoel Onofre Júnior**

**NATAL/RN
2018**

Simara Ribeiro Gomes da Cunha Lima

LEITURA DO LIVRO *CHÃO DOS SIMPLES* NA SALA DE AULA: riso e tradição regional nos contos de Manoel Onofre Júnior

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Profletras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras (Mestrado Profissional).

Orientador: Prof. Dr. Derivaldo dos Santos

NATAL/RN
2018

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Lima, Simara Ribeiro Gomes da Cunha.

Leitura do livro Chão dos Simples na sala de aula: riso e tradição regional nos contos de Manoel Onofre Júnior / Simara Ribeiro Gomes da Cunha Lima. - Natal, 2018.
173f.: il. color.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Mestrado Profissional em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Derivaldo dos Santos.

1. Ensino - Dissertação. 2. Letramento - Dissertação. 3. Onofre Júnior - Dissertação. 4. Literatura - Dissertação. I. Santos, Derivaldo dos. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 82:37

Simara Ribeiro Gomes da Cunha Lima

LEITURA DO LIVRO *CHÃO DOS SIMPLES* NA SALA DE AULA: riso e tradição regional nos contos de Manoel Onofre Júnior

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Profletras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras (Mestrado Profissional).

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Derivaldo dos Santos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Presidente da Banca

Profa. Dra. Cássia de Fátima Matos dos Santos
Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN
Examinadora Externa

Prof. Dr. José Luiz Ferreira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Examinador Interno

Aos meus filhos, Joálisson, Joanderson e Giovanna,
por serem ao mesmo tempo, o meu local e o meu
universal.

A Joálisson, por ser um bom humorista.

A Joanderson, pelo humor irônico.

A Giovanna, pelo riso contagiante.

A eles, por serem a literatura em minha vida.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Ao escritor e acadêmico norte-rio-grandense, Manoel Onofre Júnior, pela atenção, simpatia e simplicidade com que nos acolheu. Por se mostrar sempre disponível para ajudar durante toda a pesquisa, por ser para nós um ser humano especial, dono de uma personalidade ímpar. Pelo sentido excepcional que deu a esta pesquisa. Por ter nos apresentado com **Chão dos Simples**, livro que transformou positivamente nossas vidas.

Ao Professor Dr. Derivaldo dos Santos, pelo exemplo de vida que é para nós novacruzenses. Por ser o meu mentor intelectual desde a adolescência. Pelas lições que me proporcionou. Por ter nos apresentado Manoel Onofre Júnior, através da obra **Chão dos Simples**. Pela atenção, dedicação, empenho e paciência com que nos atendeu durante esta pesquisa.

Nossa mais sincera gratidão.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser o meu alicerce, o meu porto seguro, por ser o meu ontem, meu hoje e meu amanhã. Por ter permitido mais uma vitória em minha vida.

A minha queridíssima mãe, Terezinha, que me ajudou de todas as formas para que eu concluísse o mestrado, mesmo sem consciência da magnitude de suas ações.

Aos meus filhos - Joálisson, Joanderson e Giovanna - a mola propulsora da minha vida. E por terem compreendido a minha pouca paciência e as minhas ausências.

Aos meus familiares, especialmente meus irmãos, Edinho e Edilma, e a minha cunhada Dêda, os quais me ajudaram de alguma forma nessa conquista.

Aos professores do ProfLetras, pelo empenho e atenção com que nos repassaram seus saberes.

Aos amigos, Nayara, Elisângela, Walter, Socorro, pelo companheirismo e brincadeiras que amenizaram os percalços do caminho.

Aos meus alunos – voluntários - da Escola Municipal Manoel João Barbosa, pelo empenho com o qual se dedicaram para a concretização desse projeto. Aos professores e funcionários que contribuíram para que essa pesquisa fosse realizada com êxito.

A todos os amigos da turma 3 do ProfLetras, pelo vínculo de carinho e amizade construído entre nós.

À Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pela seriedade e ética com que conduz o Mestrado Profissional de Letras.

A todos vocês, o meu profundo agradecimento.

RESUMO

O ensino de Literatura tem sido negligenciado ao longo das últimas décadas na Educação Básica, principalmente em escolas públicas. Por esse motivo, e cientes da importância do conhecimento veiculado nos textos literários na construção da aprendizagem dos alunos enquanto cidadãos, é que optamos por ensinar literatura. Destarte, o presente trabalho traz uma proposta de intervenção em sala de aula, aplicada na série do 8º ano da Escola Municipal Manoel João Barbosa, situada na zona rural do município de Logradouro no estado da Paraíba. O fulcro principal de nosso trabalho foi desenvolver a competência leitora do aluno através de textos literários, com o foco em sua transformação crítico-social e cultural. Por essa razão, levamos o letramento literário para a turma supracitada através da aplicação de leitura de contos que integram o livro **Chão do simples** (2014), do escritor potiguar Manoel Onofre Jr., tendo como unidade temática o riso e a tradição regionalista. Por conseguinte, inserimos o texto literário na sala de aula, motivando no aluno o interesse pela leitura, além de proporcionar-lhes condições necessárias à produção de contos regionalistas, a partir de suas vivências e experiências com os contos lidos. Como se trata de experiência de leitura no âmbito escolar, este estudo adotou o modelo de sequência didática básica, segundo a sistematização de Rildo Cosson (2014), em seu livro: **Letramento Literário: teoria e prática** que compreende em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Além da fundamentação nas reflexões de Rildo Cosson, este trabalho também teve como aporte teórico o pensamento Antonio Candido (1995), em seu ensaio “O direito à literatura”; a sistematização crítica de Antoine Compagnon (2009), presente em sua obra **Literatura para quê?**; o ensaio de Leyla Perrone-Moisés (1996), “Literatura para todos”; entre outros. As sistematizações teóricas e críticas dos referidos autores nos serviram de base para reflexão acerca da pertinência e do papel da literatura na escola e na vida dos indivíduos, seja como instrumento de crítica social, na formação cidadã, seja na sua formação intelectual e cultural. Os resultados alcançados por esta pesquisa apontam para a importância do ensino de literatura na sala de aula, sendo o texto literário a fonte desse ensino. Essa metodologia possibilitou aos alunos o livre acesso à leitura como forma de autorreconhecimento, bem como construção de novos saberes. Aliado a isso, observamos que os discentes engajados nessa intervenção, ampliaram as habilidades de leitura e de escrita comprovando, assim, um avanço na competência de leitores literários.

Palavras-chave: Ensino. Literatura. Letramento. Onofre Júnior.

ABSTRACT

The teaching of literature has been neglected during the last decades in Elementary Education, mainly in public schools. For this reason, and aware of the importance of the knowledge disseminated in literary texts in the construction of students' learning as citizens, we chose to teach literature. Thus, this work presents a proposal for intervention in the classroom, applied in the 8th grade of the Municipal School *Manoel João Barbosa*, located in the rural area of the municipality of Logradouro in the state of Paraíba. The main objective of our work was to develop the student reading skills through literary texts, with the focus on their critical-social and cultural transformation. For this reason, we take the literary literacy to the aforementioned class through the application of reading of tales that are part of the book, ***Chão dos Simples (Floor of the Simple)*** (2014) written by Manoel Onofre Jr. which was born in the state of Rio Grande do Norte. The book has as its thematic unit the laughter and the regionalist tradition. Therefore, we insert the literary text in the classroom, motivating the student's interest in reading; in addition, we provide them with necessary conditions to produce regionalist tales from their experiences with the stories read. As this study is about reading experience in school, it adopts the basic didactic sequence model, according to the systematization of Rildo Cosson (2014) in his book: ***Letramento Literário: teoria e prática (Literary Literature: theory and practice)***, which comprises four phases: motivation, introduction, reading and interpretation. In addition to the theoretical ground in Rildo Cosson's reflections, this work also had as theoretical contribution the thought of Antonio Candido (1995), in his essay "*O direito à literatura*" (*The right to literature*); the critical systematization of Antoine Compagnon (2009), present in his work ***Literatura para quê? (Literature for what?)***; the essay by Leyla Perrone-Moisés (1996), "*Literatura para todos*" (*Literature for All*), among others. The theoretical and critical systematizations of these authors served as basis for reflection on the relevance and role of literature at school and in individuals' lives, either as an instrument of social criticism, in the formation of citizens, or as their intellectual and cultural formation. The results achieved by this research point out to the importance of teaching literature in the classroom, the literary text being the source of this teaching. This methodology allowed the students free access to reading as a form of self-recognition, as well as the construction of new knowledge. Combined to this, we observed that the students engaged in this intervention, increased reading and writing skills, thus proving an advance in the competence of literary readers.

Keywords: Teaching. Literature. Literacy. Onofre Júnior.

E eu aqui
Relendo um livro
Que nunca li.

(Millôr Fernandes, in Hai-Kais)

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Registro da etapa de motivação.....	85
Imagem 2 – Registro da etapa de motivação.....	85
Imagem 3 – Registro da etapa de motivação.....	85
Imagem 4 – Registro da etapa de motivação.....	85
Imagem 5 – Registro da etapa de motivação.....	86
Imagem 6 – Registro da etapa de motivação.....	86
Imagem 7 – Registro da etapa de motivação.....	86
Imagem 8 – Registro da etapa de motivação.....	87
Imagem 9 – Registro da etapa de motivação.....	87
Imagem 10 – Registro da etapa de motivação.....	87
Imagem 11 – Registro da etapa de motivação.....	87
Imagem 12 – Registro da etapa de motivação.....	88
Imagem 13 – Registro da etapa de motivação.....	88
Imagem 14 – Registro da etapa de motivação.....	88
Imagem 15 – Registro da etapa de leitura.....	102
Imagem 16 – Registro da etapa de interpretação.....	103
Imagem 17 – Registro da etapa de interpretação.....	104
Imagem 18 – Registro da abertura da culminância do projeto: Eu também conto um conto.....	105
Imagem 19 – Registro da abertura da culminância do projeto: Eu também conto um conto.....	105
Imagem 20 – Registro da abertura da culminância do projeto: Eu também conto um conto.....	106
Imagem 21 – Registro da abertura da culminância do projeto: Eu também conto um conto.....	106
Imagem 22 – Registro do momento em que alunos cantaram a música Vilarejo.....	106
Imagem 23 – Registro da apresentação da peça A Cruviana.....	107
Imagem 24 – Registro da apresentação da peça João Garcia.....	107
Imagem 25 – Registro da mesa de convidados.....	107
Imagem 26 – Registro da fala de Manoel Onofre Júnior.....	108

Imagem 27 – Registro da fala de Manoel Onofre Júnior..... 108

LISTA DE QUADOS

Quadro 1 – Sinóptico das aulas.....	81
Quadro 2 – Atividade “Dar um título ao conto”.....	91
Quadro 3 – Questionário sobre o conto “A Bestinha de Antonino” – Exemplo MT.....	92
Quadro 4 – Questionário sobre o conto “A Bestinha de Antonino” – Exemplo B.....	92
Quadro 5 – Questionário sobre o conto “A Bestinha de Antonino” – Exemplo R.....	93
Quadro 6 – Questionário sobre o conto “A Bestinha de Antonino” – Exemplo I.....	94
Quadro 7 – Conto escrito pela aluna D.....	96
Quadro 8 – Conto escrito pelo aluno F.....	97
Quadro 9 – Conto escrito pelo aluno S.....	98
Quadro 10 – Questionário sobre o conto “Artes e Tribulações de um Cigano em Umarizal” – Exemplo 1.....	99
Quadro 11 – Questionário sobre o conto “Artes e Tribulações de um Cigano em Umarizal” – Exemplo 2.....	100
Quadro 12 – Questionário sobre o conto “Artes e Tribulações de um Cigano em Umarizal” – Exemplo 3.....	100
Quadro 13 – Contos escritos pelos alunos.....	103

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. A LITERATURA NORTE-RIO-GRANDENSE: UM BREVE HISTÓRICO.....	20
2.1 MANOEL ONOFRE JÚNIOR: UM ESCRITOR DA TERRA.....	29
2.2 CHÃO DOS SIMPLES: PRESENÇA DA TRADIÇÃO REGIONAL NA CENA DAS LETRAS CONTEMPORÂNEAS.....	32
3. A LITERATURA NO CONTEXTO ESCOLAR: REFLEXÕES TEÓRICAS.....	35
3.1 CONTO: BREVES TESSITURAS DE UM GÊNERO.....	41
3.2 REGIONALISMO: DO LOCAL AO UNIVERSAL.....	45
3.2.1 Permanência da tradição regional na literatura contemporânea.....	51
3.3 A PRESENÇA DO RISO NOS CONTOS DE CHÃO DOS SIMPLES.....	58
3.4 OS CONTOS DE MANOEL ONOFRE JÚNIOR: RISO E REGIONALISMO NA SALA DE AULA.....	67
4. LETRAMENTO LITERÁRIO: DA NECESSIDADE DE ENSINAR LITERATURA.....	73
4.1 A SEQUÊNCIA BÁSICA DE COSSON: UMA PROPOSTA DE ENSINO.....	75
4.2 APRESENTAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR.....	79
4.3 A TURMA ESCOLHIDA.....	80
4.4 A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	81
5. EU TAMBÉM CONTO UM CONTO: CHÃO DOS SIMPLES.....	83
5.1 PONTO DE PARTIDA DA INTERVENÇÃO.....	84
5.2 A TRAVESSIA.....	88
5.2.1 Introdução.....	88
5.2.2 Leitura.....	89
5.3 PONTO DE CHEGADA.....	101
5.3.1 Momentos decisivos.....	101
5.3.2 O dia D.....	105
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS.....	113
APÊNDICES.....	116
ANEXOS.....	125

1. INTRODUÇÃO

Engajados com objetivo de incluir o ensino de literatura como algo inerente às aulas de Língua Portuguesa, é que apresentamos neste trabalho, uma proposta de intervenção desenvolvida na Escola Municipal Manoel João Barbosa, situada na zona rural do município de Logradouro no estado da Paraíba. Ora, não é fácil assumirmos a tarefa de inserção definitiva da literatura nesta ou naquela escola. Porém, uma vez conscientes de nosso papel como educadora, assumimos esse compromisso com a formação mais ampla dos alunos através da aplicação do texto literário em sala de aula. Mesmo sabendo que a literatura vem perdendo espaço em um mundo cada vez mais dominado pelas tecnologias, onde as pessoas têm dedicado pouco tempo à leitura de obras literárias, vale a pena resistirmos e persistirmos com sua aplicação em sala de aula. Somos cientes de que há, nas obras, independentemente dos gêneros a que pertencem, valores e conteúdos que devem ser transmitidos a nossos alunos, porque nelas residem um acúmulo de conhecimento capaz de contribuir para a formação da cidadania e da consciência de quem delas se alimentam pela leitura. Busca-se com o ensino da literatura a formação de um leitor capaz de melhor refletir sobre seu entorno e sobre si, de “[...] um leitor livre, responsável e crítico – capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção”, para lembrarmos aqui de Annie Rouxel (2013, p. 18).

Se é fato que o ensino de literatura vem perdendo espaço no contexto atual, sentimos que é ainda mais forte, a falta de espaço e de conhecimento acerca da literatura norte-rio-grandense em nosso estado, o que torna essa realidade mais negativa para nós, que somos potiguares. Dizemos isso porque, devido a diversos fatores, parte da nossa história literária não chega até nós e, conseqüentemente, até os nossos alunos. Por conseguinte, perdemos a oportunidade de reconhecer e valorizar aquilo que é nosso. A nossa literatura, os nossos escritores. Compreendendo a importância da literatura do Rio Grande do Norte como parte do patrimônio histórico de nosso estado, vimos a necessidade de levá-la mais além, através do escritor Manoel Onofre Júnior e de sua obra **Chão dos Simples**, apresentando-os a um público que ainda não os conheciam.

Para isso, levamos para os nossos discentes, os contos presentes no livro **Chão dos Simples**, do escritor potiguar Manoel Onofre Júnior (2014), a fim de trabalharmos no paradigma do letramento literário. Essa escolha não foi aleatória.

Esses contos trazem características de uma tradição regionalista que é vivenciada cotidianamente pelos alunos, haja vista estes morarem na zona rural de uma pequena cidade. Por esse motivo, as leituras tornam-se mais significativas, pois apresentam histórias muito próximas do modo de vida deles. Um outro ponto importante é a aproximação entre o campo semântico usado nas narrativas e a oralidade desses alunos, o que faz com que os leitores se sintam valorizados, reconhecidos através do texto, construindo assim, um sentimento de pertença à sua região. Em vista disso, pudemos perceber, durante as atividades de aplicação do texto literário em sala de aula, que essa identificação contribuiu para a viabilização do letramento literário e o seu papel na formação de cidadãos mais críticos.

Por que insistimos em querer formar cidadãos críticos? Porque acreditamos que é dever da educação transformar o educando em um ser humano reflexivo, atuante na sociedade em que vive. Não apenas formado, mas inconformado com as injustiças sociais impostas pelo poder dominante que insiste em não querer seres ativamente pensantes e impacientes com as desigualdades socioculturais vigentes.

Assim sendo, a literatura se consolida como matéria educadora, ainda que não seja esta sua finalidade primeira. Nesta perspectiva, o texto literário entra em sala de aula como um objeto que leva o sujeito a assumir uma posição diante dele. Ou seja, ao entrar em contato com a narrativa, o aluno, agora leitor, poderá manifestar suas opiniões acerca do que está posto nas linhas e entrelinhas do texto. Apreciar, opinar, refletir, comentar, criticar serão alguns dos elementos que contribuirão para o desenvolvimento social e cultural deste aluno.

A literatura, como bem diz Antonio Candido (1995) é um direito, e se é um direito, deve ser assegurado a todos. No entanto, o que a faz tão inacessível nas escolas públicas? Nós, professores e alunos de escola pública da educação básica, sofreremos diariamente a inacessibilidade não apenas ao ensino da literatura, mas a distintos elementos necessários para uma boa educação. Essa deficiência vai desde questões referentes à infraestrutura, com instalações adequadas para um bom desempenho em todas as áreas do conhecimento, até o efetivo acesso às áreas do conhecimento necessário a cada nível de aprendizagem. Em tais circunstâncias, as desigualdades que os nossos aprendizes sofrem fora da escola se refletem também dentro dela.

Perrone–Moisés (1996), em seu artigo “Literatura para todos”, chama a nossa atenção para a discrepância que há em sentido qualitativo, entre o ensino da escola

pública e a escola privada nas diferentes regiões do país. Esta defasagem que ocorre principalmente nas competências leitora e escritora desses alunos menos favorecidos em termos de educação, reflete-se em outros campos de suas aprendizagens. Outrossim, tendo em vista que o currículo escolar da Educação Básica não tem um lugar específico para a disciplina de Literatura, sendo esta, segundo Cosson (2014), considerada apenas como um complemento não obrigatório da disciplina de Língua Portuguesa, cabe ao professor compreender a sua importância e dedicar um tempo determinado de suas aulas ao ensino literário. O intuito desta prática seria não somente se ater ao ensino de leitura, mas ao ensino da formação leitora do aluno, para que este perceba o que está à sua volta e, conseqüentemente, possa melhor ler o mundo.

Antoine Compagnon (2009, p. 20), no livro **Literatura para quê?**, faz algumas reflexões acerca da pertinência da literatura, dentre as quais destacamos: “Quais valores a literatura pode criar e transmitir ao mundo atual?”; “Que lugar deve ser o seu no espaço público?”; “Por que defender sua presença na escola?”. Partindo de tais indagações, inferimos que a literatura, devido às suas especificidades enquanto texto ajuda-nos a pensar sobre a vida e sobre nós mesmos. A literatura contribui de forma decisiva para o desenvolvimento da competência leitora e escritora do aluno, imprescindível à sua formação cidadã, compreendendo, também, seu crescimento intelectual.

Assim, levando em consideração a importância do ensino literário em escolas públicas, principalmente de ensino fundamental, e mediante os argumentos que foram aqui expostos, nosso objetivo fulcral ao ensinar literatura neste trabalho é: promover a leitura de textos literários na turma do oitavo ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Manoel João Barbosa, município de Logradouro/PB, com o foco na transformação crítico-social e cultural do aluno, através da aplicação de contos integrantes do livro **Chão dos Simples**, de Manoel Onofre Júnior, tendo como categoria analítica o riso e a tradição literária regional.

A experiência de leitura de contos que se dará via letramento literário, será realizada com o intento de desenvolver a competência leitora e escritora de nossos alunos, formando assim, uma comunidade de leitores de textos literários. Seguindo com esta tarefa, elencamos os seguintes objetivos específicos: inserir a leitura de textos literários de forma significativa, como meio de prover aos alunos o conhecimento indispensável para o seu desenvolvimento humano; proporcionar aos

alunos condições necessárias à produção de contos com a tradição regional, a partir de vivências e das experiências com os contos lidos; e por fim, produzir uma Antologia com os contos escritos pelos discentes e divulgá-la em um evento para a comunidade escolar.

Esta dissertação está estruturada em dois grandes eixos: um de natureza teórica, outro com o teor interventivo. No que concerne ao primeiro eixo, pensamos, refletimos e discutimos a função da literatura na sala de aula, além das consequências que a ausência ou a presença desta produz na vida do indivíduo. Consideramos fundamental a discussão dessa parte teórica porque nos forneceu subsídios para melhor entendermos o texto literário, suas especificidades, sua pertinência para a sociedade e seu papel no espaço escolar. O segundo eixo corresponde ao relato da aplicação da intervenção desse trabalho em sala de aula. Sendo assim, é neste momento que explanamos a trajetória de todo o trabalho aplicado em sala de aula e os resultados por ele obtidos. Ainda sobre o ponto de vista da estrutura, dividimos nosso trabalho em cinco seções mais as considerações finais. Ao longo desta pesquisa refletimos e discutimos a pertinência desta intervenção, os caminhos que escolhemos e porque os escolhemos, sempre tendo em vista que a experiência vivida se deu através do processo de letramento literário.

A primeira seção corresponde à introdução desta pesquisa. Nela, apresentamos a importância de levar a literatura para sala de aula. Para tanto, tomamos como justificativa, a escassez de textos literários como objeto de estudo no processo de ensino dos alunos, principalmente de escolas públicas, e as consequências disso, no processo de aprendizagem. Em nossa proposta de intervenção aqui exposta, apontamos o ensino de literatura como um fator de formação intelectual, crítico e sociocultural do aluno, bem como um instrumento de formação de uma comunidade de leitores de textos literários.

A segunda seção discorre sobre “Um breve histórico da literatura no Rio Grande do Norte”, embasada em Duarte e Macêdo (2001) com seu livro **Literatura do Rio Grande do Norte: antologia**, além de Tarcísio Gurgel (2001), com sua obra **Informação da Literatura Potiguar**. E partindo da historiografia literária do estado, apresentamos, também, uma breve biografia do escritor Manoel Onofre Júnior e a contextualização de sua obra **Chão do simples**.

A terceira seção, intitulada “A literatura no contexto escolar: reflexões teóricas” traz o aporte teórico deste trabalho. Nessa seção, discutimos o papel socializador e

humanizador da literatura na vida do indivíduo, tomando como base, dentre outros estudiosos da literatura, as reflexões de Antonio Candido (1995), que aponta o saber literário como um fator de humanização; de Antoine Compagnon (2009) em sua sistematização crítica acerca do ensino de literatura e a sua pertinência tanto na vida do homem como na sala de aula; Llosa (2004), em seu artigo “A literatura e a vida”, bem como o ensaio de Leyla Perrone-Moisés (1996), “Literatura para todos”.

Dando sequência à terceira seção, discutimos sobre o gênero conto e as categorias analíticas que norteiam as análises: a tradição regional e o riso. Para tanto, embasamo-nos em Chiappini (1995) em seu artigo “Do Beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura”, no qual a autora traça os caminhos percorridos pelo regionalismo na literatura nacional e universal, além de Candido (2006) e Araújo (2010), em seu ensaio “A tendência Regionalista na Literatura Brasileira”. Por conseguinte, “A presença do riso em **Chão dos Simples**”, fundamentamo-nos principalmente no pensamento de Duarte (2006), em **Ironia e humor na literatura**, e nas reflexões de Alberti (1999), em **O riso e o risível na história do pensamento**, entre outros.

Na quarta seção, intitulada “Letramento Literário: da necessidade de ensinar Literatura” trazemos a pesquisa teórico-metodológica dessa intervenção. Nessa seção, discutimos a importância de levar para a sala de aula o texto literário via letramento literário. Para isso, tomamos como base teórica, o texto de Rildo Cosson (2014), **Letramento Literário: teoria e prática**, tendo seu modelo de sequência básica, como a metodologia de ensino adotada nessa intervenção. Para essas questões nos serve também de aporte teórico o pensamento de Regina Zilberman em seu artigo “O papel da literatura na escola” (2009), e seu livro **A leitura e o ensino da literatura** (2012).

E a quinta seção, “Eu também conto um conto: Chão dos Simples”, encerra este trabalho, trazendo os percursos e os resultados desta pesquisa, realizada na sala de aula. Dentre esses resultados, destacamos a antologia de contos produzida pelos alunos. Com o mesmo título desta seção, a antologia é constituída por dezoito contos, escritos no espaço escolar. É importante salientar que, a maior parte desses textos traz a tradição regional atrelada a outros elementos como o riso, o fantástico. Isso ocorre porque o processo de escrita foi norteado a partir de leituras de contos de **Chão dos Simples**, contudo, os alunos tinham a liberdade de escrita. Concluímos com as considerações finais deste trabalho.

2. A LITERATURA NORTE-RIO-GRANDENSE: UM BREVE HISTÓRICO

Conhecer o passado é fundamental para se compreender o presente. A trajetória de um povo, sua história, significa muito para aqueles que querem saber suas origens, seus antepassados, como tudo começou, onde começou, enfim, como chegamos aqui. Ou melhor, o que aconteceu até estarmos aqui. Assim é com a nossa literatura. Nosso patrimônio ao mesmo tempo que material, também memorial. Não é precipitado dizer que o nosso acervo literário é jovem, se comparado ao de outros estados, e porque não dizer, de outros países. Para que possamos ter uma visão mais concreta sobre o atraso da nossa literatura impressa, refletimos sobre a citação abaixo:

A primeira preocupação escrita explícita com o registro historiográfico e crítico da literatura potiguar, embora manifestada em 1897, só veio a público no ano seguinte. Teve-a um audacioso crítico, um quase imberbe rapaz, de nome Antonio Marinho, que, pelas páginas de *A Tribuna*, espécie de revista cultural de uma associação denominada Congresso Literário, propôs-se nas edições de janeiro e fevereiro de 1898, a fazer um balanço da nossa produção literária até então, pondo em relevo alguns nomes ainda hoje lembrados, outros que caíram no esquecimento. (GURGEL, 2001, p. 21).

Para reforçar tal citação, Zila Mamede, um dos nomes mais conhecidos da literatura potiguar, atentou para esse fato. Em **Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual (1918 – 1968)**, a escritora disse que “O Rio Grande do Norte é um dos Estados brasileiros em que há menor número de bibliotecas e, em especial, de fontes de informação impressa” (apud DUARTE; MACÊDO, 2001, p. 26). Contudo:

A ideia de publicar uma História da Literatura do Rio Grande do Norte, parece haver entrado nas cogitações de Luís Câmara Cascudo no período em que ele lançou-se ao projeto de **Alma Patrícia**, pois irá sugerir este intento na contracapa de **Joio**, livro de 1924. Não se concretizando, viria a ser retomada, tempos depois, como parte de um projeto mais abrangente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, no qual teria como companheiros Veríssimo de Melo e Manoel Rodrigues de Melo, no final dos anos cinquenta. (GURGEL, 2001, p. 25).

Tanto o projeto de Câmara Cascudo quanto o projeto da Academia Norte-rio-grandense de Letras de publicar a História da Literatura do Rio grande do Norte, não foram exitosos. Por esse motivo, para atender as inquietações de um público ansioso em querer conhecer a literatura norte-rio-grandense, pois pouco se sabia até então, foi que Duarte e Macêdo publicaram em 2001, após anos de pesquisas e levantamento de dados, uma antologia com autores norte-rio-grandenses, para

sistematizar o que temos de literatura e história literária. “Esta antologia é um ato de amor. Nasceu do desejo de conhecer e divulgar a literatura do Rio Grande do Norte”. (DUARTE; MACÊDO, 2001, p. 23).

O fato de a produção literária das décadas passadas não ter sido recolhida a tempo, de maneira completa e sistemática, através de publicações e reedições, dificulta em muito o trabalho de quem, às vésperas do século XXI, pretende conhecer os primórdios da história literária potiguar. (DUARTE; MACÊDO, 2001, p. 25).

Entretanto, apesar das dificuldades encontradas, Duarte e Macêdo (2001) seguiram com sua pesquisa obstinada em coletar dados que contribuíssem significativamente para a sistematização da literatura norte-rio-grandense, os quais são apresentados neste trabalho. De fato, já havia nomes em nossa literatura bem mais conhecidos do que suas próprias obras, dentre os quais se destacam: Auta de Souza, Câmara Cascudo, Jorge Fernandes e Nísia Floresta. Algumas antologias haviam sido escritas, tratando especificamente da poesia, as quais de alguma forma somaram para a coleção de dados. “[...], como a organizada por Ezequiel Wanderley em 1922, com 108 autores, intitulada **Poetas do Rio Grande do Norte**, e a de Rômulo Chaves Wanderley, **Panorama da poesia norte-rio-grandense**, de 1965, com 226 poetas” (DUARTE; MACÊDO, 2001, p. 23). O que distingue essas duas obras é o fato de Ezequiel Wanderley ter publicado, em sua antologia, apenas poetas essencialmente potiguares, ou seja, nascidos em terras potiguares. Já Rômulo Wanderley acrescentou em sua obra, os escritores que, mesmo não nascendo em nossa terra, produziram em terras potiguares.

Sendo assim, após um longo período de pesquisas e seleção de informações, Duarte e Macêdo (2001) dividiram a literatura do Rio Grande do Norte em quatro etapas e nelas incluíram, além dos escritores que nasceram no Estado, aqueles que, mesmo sendo de outros Estados, produziram sua literatura no Rio Grande do Norte. Por conseguinte, as autoras classificaram as etapas em um primeiro momento, que seria o de **Formação**; um segundo, chamado de **Transição**; o terceiro, de **Modernista**; e, para finalizar, o quarto, denominado de **Vertentes Contemporâneas**.

No período de **Formação** havia, na literatura potiguar, a característica de exaltação da “Terra natal”. Os escritores da época exaltavam em suas obras o lugar onde nasceram, onde viveram. Dentre eles, destacam-se: Nísia Floresta, Lourival Açucena, Polycarpo Feitosa, Henrique Castriciano, Auta de Souza e Ferreira Itajubá.

No entanto, é válido ressaltar que um dos momentos marcantes desse período é o fato de o Rio Grande do Norte ter sido subordinado à Pernambuco até o ano de 1817. A capitania, que nos primeiros séculos após o descobrimento, sofreu com os abusos da luta pelo poder entre franceses, holandeses e portugueses, passou para o status de província apenas no século XIX. Por esse motivo, Cascudo (1927 apud GURGEL, 2001, p. 31) declarou que: “A cidade do Natal, fundada no século XVI, nasceu no século XX. Os intermediários são períodos de história guerreira, política ou dorminhoca. Faz de conta que não existiram”. Em consonância, Duarte e Macêdo (2001) enfatizam que esse fato é responsável pelo atraso político, social e artístico do estado.

Naquele tempo, as famílias abastadas mandavam os filhos homens estudar fora. Eram eles que ao retornar, faziam-se porta-vozes das novidades que lentamente transformavam a província. As mulheres permaneciam em casa, voltadas exclusivamente para a vida doméstica. Uma ou outra escapava do rígido controle patriarcal e tentava interferir na construção cultural do seu Estado. (DUARTE; MACÊDO, 2001, p. 31).

Contudo, mesmo diante de todas essas dificuldades, é nesse período que cresce entre os escritores da província o ideário de construção de uma identidade artística da terra natal. Uma atividade exclusiva para os homens, se não houvesse mulheres à frente de seu tempo, dispostas a transpor as barreiras e as convenções impostas pela sociedade da época, como Nísia Floresta e Auta de Souza.

Um outro ponto importante é a condição econômica dos escritores e também dos moradores potiguares. O Rio Grande do Norte lutava pela sobrevivência. Ler era uma atividade para poucos. Segundo Macêdo e Duarte (2001), parte dos escritores, como Nísia Floresta, Henrique Castriciano e Auta de Souza eram ricos herdeiros, enquanto Lourival Açucena e Ferreira Itajubá advinham das camadas populares, fato considerado raro. “Açucena, embora razoavelmente prestigiado, morreu sem ver seus versos publicados; e Ferreira Itajubá, inquieto e pouco sociável, equilibrou-se na indigência durante a vida e morreu anônimo e miserável no Rio de Janeiro”. (DUARTE; MACÊDO, 2001, p. 31).

Somente com a promulgação da Lei Estadual nº 145, de 06 de agosto de 1900, de autoria de Henrique Castriciano, prevendo a edição dos livros considerados úteis à cultura do Estado, dá-se oportunidade a muitos escritores de verem seus livros publicados. Aliás, essa lei de Henrique Castriciano pode ser considerada a primeira lei cultural do país, segundo Câmara Cascudo, no livro *Nosso Amigo Castriciano*. (DUARTE; MACÊDO, 2001, p. 31).

Até então, nesse primeiro momento, segundo Duarte e Macêdo (2001), a literatura era publicada em jornais e revistas e esses eram os veículos de divulgação. “Impressa em forma de poemas, artigos, contos, crônicas, a Literatura começa a existir no Rio Grande do Norte, de modo ainda tímido, na segunda metade do século dezenove”. (GURGEL, 2001, p. 32).

O Recreio, criado em 1861, teve 25 números e pode ser considerado o primeiro jornal verdadeiramente literário, em meio a dezenas de outros títulos de periódicos que se seguiram, como **O Natalense**, **A tesoura**, **O estudante**, **O clarim Natalense** e o **Argos Natalense**. (DUARTE; MACÊDO, 2001, p. 31).

Outras revistas foram publicadas no final do século XIX, porém, segundo Duarte e Macêdo (2001), a **república**, criada em 1889, foi “o maior arquivo de nossa vida intelectual”. Dessa revista, fizeram parte grandes nomes como: Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, Manoel Dantas, Eloy de Souza, Henrique Castriciano, Auta de Souza, Luís Câmara Cascudo.

Lourival Açucena, um dos maiores escritores do período da **Formação**, apesar de não ter visto nenhum de seus versos publicados em livro durante sua vida, teve o privilégio de vê-los publicados em duas grandes revistas da época: **O Recreio** e **A Tribuna**. É válido ressaltar que não há uma homogeneidade no estilo de escrita de Açucena. Segundo Gurgel (2001, p. 34-35): “[...] sua poesia não revela unidade, um traço comum, capaz de caracterizá-la. Ao contrário, é fácil perceber lendo os seus poemas, que a ele não preocupou filiar-se a qualquer escola”. Apesar disso, percebe-se em seu versos uma certa tendência do arcadismo. Mas também, “[...] é possível vê-lo [...] como romântico e até como poeta clássico” (GURGEL, 2001, p. 35). Veja um trecho de “A Política”, uma de suas poesias:

[...]
 Esses arautos políticos
 Quer de uma, quer de outra grei
 Quando estão de baixo gritam:
 ” Viva o povo” – “Abaixo o Rei o Rei”
 Mas o sábio Rei,
 Que conhece tudo,
 Faz que não entende,
 Fica surdo e mudo;
 E o povo que idéia
 Não tem dos negócios
 Vai crendo nas loas
 Das tais capadóciós...
 Já ouviu, Yayá?

[...]. (AÇUCENA apud GURGEL, 2001, p. 35).

No trecho do poema supracitado, o eu-lírico revela o descontentamento com a política da época. É nítido que o poder público fecha os olhos para os problemas sociais enfrentados pelo povo. Observe os versos: “Mas o sábio Rei, / Que conhece tudo, / Faz que não entende, / Fica surdo e mudo”. Os versos seguintes apontam para um povo iludido. “E o povo que idéia / Não tem dos negócios/ /Vai crendo nas loas/ Das tais capadócios...”. Esse tipo de poema satírico, engajado com a sociedade, também conquistou o público da época. Segundo Gurgel (2001), Açucena cantava os seus versos, acompanhados pelo violão e alcançava a essência da alma de seus admiradores. Era difícil não cair nos encantos do versador e violeiro. Sem dúvidas, Lourival Açucena é tido como um dos poetas mais queridos da província.

O segundo período, chamado de **Transição**, corresponde às três primeiras décadas do século XX. Desse período fazem parte os nomes: Palmyra Wanderley, Othoniel Menezes, Afonso Bezerra, entre outros. Nessa fase, são as questões de ordem estética que nortearão os escritores, haja vista já terem estabelecido a noção de terra Natal no período anterior. Ademais, os escritores da **Transição**, preocuparam-se em resgatar os traços literários das obras do período de **Formação**, além de seguir as correntes nacionais da época. A esse respeito, citamos o pensamento das estudiosas:

[...] esteticamente é composta de traços literários que atestam as diversas influências a que os autores estavam submetidos, que desde um romantismo tardio, com ênfase na emoção e no sentimento nativista, ao simbolismo, e até as propostas modernas, como o futurismo e demais correntes em moda na literatura. (DUARTE; MACÊDO, 2001, p. 32).

Grandes acontecimentos dessa fase foram a primeira publicação do **Manifesto Futurista**, publicado no jornal **A República**, em 9 de junho de 1909, por iniciativa de Manoel Dantas. E, de acordo com Duarte e Macêdo (2001, p. 32) “a criação do primeiro jornal literário feminino, **Via-Láctea** (1914 – 1915), sob a responsabilidade de Palmyra e Carolina Wanderley”.

Consagrada como uma das maiores escritoras de **Transição**, Palmyra Wanderley, apesar de trazer um sobrenome influente nas letras norte-rio-grandenses, conseguiu o seu próprio espaço na literatura. Bela, letrada e de família abastada, a jovem Palmyra tinha um olhar deslumbrado com sua terra Natal. Em suas letras,

segundo Gurgel (2001, p. 52), “[...] Palmyra usou, sem reservas, do verso livre e, embora nela estejam presentes sinais de um romantismo retardatário [...] sua opção pelo novo é clara”. O fato é, que mesmo sendo uma literata de transição, Palmyra seguiu sendo uma das grandes precursoras do modernismo em nossa literatura.

Dentre as suas obras, **Roseira Brava** (1929) vem para aumentar ainda mais a importância do cenário poético da época. Livro de linguagem simples, segundo Gurgel (2001), possui versos que apresentam traços da poesia de Ferreira Itajubá, escritor por quem Palmyra tinha grande admiração. Além disso, os seus versos trazem com sutileza, uma sensualidade ao descrever com detalhes a cor local, de modo a ultrapassá-la. É com **Roseira Brava** que Palmyra Wanderley se consolida como uma das maiores escritoras de sua época. Observe o soneto, “Árvore do bem”, da poetisa:

ÁRVORE DO BEM

A corola vermelha ao fogo se compara,
No cálix de coral, o pólen de ouro se inflama,
Rubra, a flor de romã, de pétalas avara,
Lembra a chama do amor, do meu amor a chama.

Romãzeira a florir, tu, na existência amara,
És a árvore do bem, que a doçura derrama.
De ti é que nos vem essa virtude rara
De ser feliz no amor, de amar a quem nos ama.

O fruto circular, sem atrativo, embora,
Em escrínios encerra as gemas cor da aurora,
Veladas por um véu dourado ... E se adivinha.

Que a coroa que cinge o fruto apetecido,
É a coroa de um rei, talvez desconhecido,
A guardar os rubis de um colar de rainha.
(PALMYRA WANDERLEY apud GURGEL, 2001, p. 193).

Para Gurgel (2001. p. 52), “Talvez o modo mais rico de se ler a poesia de Palmyra Wanderley seja tomando como ponto de partida a sensualidade latente nos seus versos”. Podemos perceber tal afirmação analisando o poema acima. Veja como o eu-lírico se refere à romã, já na primeira estrofe: “A corola vermelha ao fogo se compara, / No cálix de coral, o pólen de ouro se inflama, / Rubra, a flor de romã, de pétalas avara, / Lembra a chama do amor, do meu amor a chama”. A forma como a fruta é descrita apresenta um tom de sensualidade marcante nas poesias de Palmyra. Vemos isso na comparação da cor vermelha da fruta com o fogo que inflama. Tal característica acompanha os versos seguintes, em palavras como rubra, chama, fruto apetecido. Além disso, o último verso da primeira estrofe, assemelha o fruto à chama

do amor. Assim são as poesias da escritora que, em uma certa fase, representou o passado em sua obra, em outra, aderiu entusiasticamente ao futuro. Podemos afirmar que: “Com sua poesia de transição Palmyra Wanderley encerra, por assim dizer, esse período em que a produção literária faz eco ao refinamento intelectual da oligarquia Albuquerque Maranhão”. (GURGEL, 2001, p. 53).

O terceiro período nomeado de **Modernista** teve início com a publicação do **Livro de Poemas**, de Jorge Fernandes em 1927, o escritor rompeu com os padrões anteriores com o intuito de levar a literatura potiguar às transformações que norteavam a literatura nacional. Para Araújo (1995, p. 52), “O que há de notável em Jorge Fernandes é que foi ele o primeiro, no Rio Grande do Norte, a cantar no verso livre, sem rima, e desprezando métrica e fórmulas tradicionais”.

A poesia produzida pelo “futurista” potiguar nos anos vinte, tem certamente um sabor de novidade. Começa que despreza rima e métrica. Introduce o uso repetido de recursos onomatopéicos, que enriquece a sonoridade das ideias líricas, fala de coisas corriqueiras, do cotidiano da cidade, como operários e bondes, de paisagens do sertão [...]. (GURGEL, 2001, p. 63).

Para Gurgel (2001), Jorge Fernandes aborda em suas letras futuristas, temas sobre coisas cotidianas, tanto citadinas quanto regionais, com a proeza de um grande poeta, fazendo com que suas poesias se assemelhem a conversas. Além disso, o escritor também traz em seus poemas elementos da modernidade como máquinas, aviões, luz elétrica, dentre outros.

Ademais, é importante compreender a influência que Câmara Cascudo exercia sobre os demais poetas e natalenses daquele período. Cascudo era uma espécie de mentor intelectual, adepto ao modernismo, cuja repercussão de suas obras era nacional. Jorge Fernandes, com o seu ar futurista, logo caiu no agrado de Câmara Cascudo. Eles costumavam se reunir no *Café Magestic*, espécie de clube dos aristocratas, mas não restrito a eles, onde surgiam rodas de conversas bem humoradas. A freguesia intelectual compunha a roda de elite, da qual Jorge Fernandes era o presidente vitalício. Nesse contexto, Jorge Fernandes desencadeou o movimento humorístico dentro do modernismo, sobre o qual Câmara Cascudo (1998, p. 151-152) declarou em **Alma Patrícia**:

Jorge Fernandes, o pioneiro do humorismo, é também poeta delicado e sutil, passional e emotivo. Possuidor duma alma forte, Jorge tem atravessado a vida num largo gesto de semeador de risos. “Sou mais sério sorrindo, que sisudo”, disse ele.

Isto define-o quanto a singular maneira de usar o riso como arma de ataque e de defesa aos males dos homens e as penas da vida. Reúne atualmente os contos magníficos que outrora escreveu e, muito em breve, “Terra Brava” demonstrará o alto grau de magia, viveza, colorido e observação, aliado a uma notável técnica descritiva, com uma intensa dramatização nas figuras. “Terra Brava” preencherá a lacuna dum livro de contos, vistos e vividos em nosso cenário, e o espírito sereno de Jorge Fernandes se voltando para descrever a terra do sertão, terra divina e má, terá brava, de ouro e luz, terá na vitalidade do seu esforço e do seu trabalho a seara luminosa dos triunfos.

Um outro fator a ser percebido é a atenção que Cascudo dá para a escrita regionalista de Jorge Fernandes. A sua obra **Livro de Poemas** contém dez poemas com temáticas da reminiscência; seis poemas sobre a modernidade; e 22 poemas com temas regionalistas. Sendo este, o tema que prevalece sobre os demais. Porém, esse fato não retira de Jorge Fernandes o status de precursor do modernismo no estado, ao contrário, aponta para uma das especificidades do nosso modernismo. Observe o poema “Rede”:

REDE ...

Embaladora do sono...
 Balanço dos alpendres e dos ranchos...
 Vai - e - vem nas modinhas langorosas...
 Vai - e - vem de embalos e canções...
 Professora de violões...
 Tipóia dos amores nordestinos...
 Grande... Larga e forte... pra casais...

SUSPENSA ...

Berço de grande raça

Guardadora de sonhos...
 Pra madorna ao meio-dia...
 Grande... côncova...
 Lá no fundo dorme um bichinho...
 - Ô...ô...ô...ôô... ôôôôôôôô ...
 - Balança o punho da rede pro menino dormir...
 (JORGE FERNANDES apud GURGEL, 2001, p. 192).

Em um poema de versos livres, o poeta apresenta uma forma fora das convenções estéticas que antecederam o modernismo. Veja que o uso pontuação, e a repetição do som: “- Ô...ô...ô...ôô... ôôôôôôôô ...” apresenta o tom moderno no poema. O modo como a palavra “suspensa” foi escrita, denotando o formato da rede, exhibe um outro elemento do movimento. Unido a isso, o poema “Rede” traz uma modernidade regional em seu tema. Podemos confirmar isso através dos versos: “Balanço dos alpendres e dos ranchos...” e “Tipóia dos amores nordestinos...”. Não há dúvidas de que Jorge Fernandes é o grande nome do modernismo potiguar,

contudo, como tantos escritores, não é reconhecido em seu próprio tempo, mas no futuro, quando muitas vezes já não estão mais vivos para regozijarem-se de seus feitos.

[...] Jorge publica seu **Livro de poemas** [...] A repercussão é negativa e, mesmo contando com o aval de Câmara Cascudo, só muitos anos depois o livro do irreverente sócio do *Café Magestic*, (onde também comandava as atividades da “academia” Diocésia) obtém reconhecimento como divisor de águas da poesia do Estado. (GURGEL, 2001, p. 191).

O período **Modernista** durou até os meados de 1960. Duarte e Macêdo (2001) declaram que:

Nesses trinta anos de literatura também são muitas as transformações, pois pretende-se marcar uma diferença em relação ao restante do país e construir uma identidade própria. Tivemos, [...] a ênfase no regionalismo que marcou o projeto literário de José Bezerra Gomes [...] o neoparnasianismo da geração de 45 que seduz Zila Mamede; e a permanência de certos traços do período anterior. (DUARTE; MACÊDO, 2001, p. 32-33).

Nesse período, o soneto continua tendo a predileção na produção de alguns escritores, como os poetas Deífílo Gurgel e Myriam Coeli que rebuscavam cada vez mais as suas poesias, aproximando-se de grandes nomes da época.

O quarto período denominado de **Vertentes Contemporâneas**, abrange as principais tendências da literatura, desde os anos de 1970 até os dias hodiernos.

Temos aí, por exemplo, desde as releituras dos sonetos realizadas por Alex Nascimento e Jarbas Martins, aos haicais de Diógenes da Cunha Lima, aos exercícios poéticos de Paulo de Tarso Correia de Melo e Luís Carlos Guimarães, às formas mais livres praticadas por quase todos os demais poetas. (DUARTE; MACÊDO, 2001, p. 33).

Na ficção, temos os nomes de Nei Leandro de Castro, com a construção parodística da saga norte-rio-grandense, Tarcísio Gurgel com seus contos, Franklin Jorge e o seu documento ficcional, além de outros. Um grupo se destacou como “Geração do Mimeógrafo”, pela forma como imprimiam os seus trabalhos, nele aparecem os nomes de Carlos Gurgel, João Gualberto Aguiar, João Batista de Moraes Neto, Vicente Vitoriano e Carlos Humberto Dantas. Temos também nesse período, Manoel Onofre Júnior que se consagra como escritor da contemporaneidade, como ficcionista, pesquisador e escritor da história literária norte-rio-grandense. Sobre o literata:

Manoel Onofre Jr., que partindo de um pequeno volume denominado **Serra Nova**, ainda nos sessenta (mais adiante refundido num maior, contendo novas histórias, resultando por fim no ano de 98, numa terceira edição, em um belo volume agora intitulado **Chão dos Simples**), logo optaria pela pesquisa literária e histórica, dando à cultura do Estado importante contribuição. (GURGEL, 2001, p. 134).

Nesse âmbito, é considerando o contexto da literatura contemporânea, que nosso trabalho se ocupa da investigação literária e da aplicação de **Chão do simples** do autor Manoel Onofre Júnior, com o intento de promover além de conhecimento literário, o conhecimento de um escritor local, dentro de um contexto significativo para os leitores devido à qualidade e às peculiaridades da obra supracitada.

2.1 MANOEL ONOFRE JÚNIOR: UM ESCRITOR DA TERRA

Manoel Onofre Júnior nasceu em Santana dos Matos/RN, em 20 de julho de 1943. Todavia, antes dos dois anos de idade o escritor mudou-se para Martins, cidade onde viveu até os onze anos de idade. Fato dito por ele mesmo, quando entrevistado pelo pesquisador Thiago Gonzaga (2013): “Como já tive a oportunidade de dizer, Martins é a minha Itabira, mas não é uma fotografia na parede, nem dói” (MANOEL ONOFRE JR. in GONZAGA, 2013, p. 71). Durante a juventude, o escritor mudou-se para Mossoró onde cursou parte do ginásio no Colégio Diocesano Santa Luzia, em 1956, período em que Onofre Jr. descreve como um dos mais traumáticos em sua vida, devido ao rigor com o qual era tratado no tradicional colégio interno.

Após um ano de internato, com a mudança de seus pais para Mossoró, Onofre Júnior declara que recebeu seu “alvará de soltura”, pois pôde ingressar plenamente na vida estudantil, agora no externato, dando início as suas primeiras letras publicadas em forma de crônicas que abordavam os aspectos sobre a cidade de Mossoró, no jornalzinho “O Estudante”, criado por ele e um grupo de amigos que cursavam a quarta série ginásial.

Em 1964, o escritor ingressou na Faculdade de Direito de Natal, curso que concluiu em 1967. Em 1970, Onofre Jr. fez concurso para Juiz de Direito, aprovado, assumiu as funções de titular da comarca de São Bento no Norte. Em 1989 foi promovido a desembargador do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Norte, carreira pela qual, hoje, encontra-se aposentado. Sobre o seu desempenho na Magistratura, Onofre Jr. declara:

Nunca tive a pretensão de ser um jurista, meu conhecimento jurídico “dava para o gasto”, mas creio que não me faltavam senso de justiça e disposição para o trabalho. Cuidava de cumprir rigorosamente, os prazos legais, a fim de que os processos não sofressem retardamento. Outra diretiva minha como juiz: manter distância da política partidária. Achava, como ainda acho, que o Poder Judiciário deve ser independente, livre de influências comprometedoras. (MANOEL ONOFRE JR. in GONZAGA, 2013, p. 76).

Entretanto, Manoel Onofre Jr. ainda se refere a um certo desencantamento com a profissão devido ao formalismo processual e o caráter burocrático que condicionava, de certa forma, a maneira como ele trabalhava. Ademais, o desejo de dedicar-se às letras o consumia, segundo ele próprio. Dessa forma, ao aposentar-se, o escritor pôde dar curso a sua paixão que era a escrita literária. Fato que iniciara muito antes de sua aposentadoria como jurista.

Meus primeiros trabalhos literários, propriamente ditos, foram os quatro contos incluídos no livrinho de estreia, “Serra Nova” (1964). Eu aspirava a ser um ficcionista, e creio que sofri influência do Regionalismo de 30. Minhas devoções literárias, eram, então, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado. (MANOEL ONOFRE JR. in GONZAGA, 2013, p. 76).

É fato que Manoel Onofre Jr. dedicou e continua a dedicar parte da sua vida ao estudo das Letras, contribuindo de forma significativa com a Literatura potiguar. Nessa trajetória, o escritor teve o privilégio de conviver com grandes nomes da nossa literatura, dentre eles: Câmara Cascudo, de quem recebeu o apelido de Cruviana e com quem aprendeu a valorizar a cultura de um povo; Palmyra Wanderley, Deífilo Gurgel. Sobre os escritores da nossa terra, Onofre Júnior declara: “Temos escritores e poetas que nada ficam a dever às estrelas de projeção nacional, mas, infelizmente, vivem emparedados na província literária”. (MANOEL ONOFRE JR. in GONZAGA, 2013, p. 77).

Ocupante da cadeira de número 5 da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Manoel Onofre Jr. expressa no início de seu discurso de posse, a simplicidade singular de um ser humano grandioso:

Desprovido de eloquência, devo ser breve, para não cansar os presentes. Mas, peço encarecidamente que não tomem o meu laconismo como despreço a este evento, que reputo de alto significado. Na verdade, a acolhida desta Academia constitui para mim uma grande honra – principalmente porque representa implícito reconhecimento ao meu trabalho literário. Assim, honrado e grato, entro nesta Casa, juntando-me, prazerosamente, a todos os acadêmicos, que tanto a dignificam e a ilustram, sob a presidência de Diógenes da Cunha Lima. (MANOEL ONOFRE JR., 1996 apud MARINHO, 2004, p.143).

Indagado por Gonzaga (2013) sobre quem é Manoel Onofre Júnior, o escritor se autodefine como “um sertanejo desgarrado, que dorme em rede, gosta de paçoca e aluá. Um cara sempre em busca da luz, cético, mas não pessimista. Um que não quer ser solitário, mas solidário”. (MANOEL ONOFRE JR. in GONZAGA, 2013, p. 84).

Acerca de sua Literatura, Onofre Júnior é um devotado à terra Natal. O escritor fez da história e da cultura de seu povo, os elementos principais de sua produção ficcionista. Dentre as diversas obras que o autor publicou, está o livro **Chão dos Simples**, publicado pela primeira vez em 1983. Essa obra possui vinte e três contos de cunho regionalista, característica marcante na escrita do autor, que também é evidenciado pela escrita em forma de prosa.

É compreensível que qualquer um sinta prazer em ter pessoas ilustres como conterrâneos. Onofre Jr. é um ilustre conterrâneo da literatura contemporânea do Rio Grande do Norte e é, sem dúvida, honroso poder estudar o seu legado, que é rico em valor sócio, histórico, ideológico, estético e cultural. Thiago Gonzaga (2014) enfatiza, no prefácio do livro **Chão dos Simples**, as características da escrita literária de Onofre Júnior, bem com o seu papel que perpassa da literatura local para a universal:

Percebe-se o alcance universal da narrativa do escritor por meio da oralidade, da historicidade e da condição dos seus personagens, com suas lutas e dores, sua beleza, sua alegria, e o interesse em entender o homem, dentre muitos outros aspectos. (p. 16).

O escritor potiguar desvela tão claramente a realidade de um povo simples que através da leitura de seus textos literários o indivíduo pode se engajar significativamente com a realidade em que vive, uma vez que histórias semelhantes à nossa se repetem em cenários diferentes, com sujeitos diferentes e, é justamente essa repetência cíclica e dialógica que nos torna tão iguais mesmo na diferença.

No entanto, Manoel Onofre Júnior, escritor e pesquisador caracterizado como homem discreto por quem o conhece, é dono de um acervo literário que inclui muito mais do que ficção. Gonzaga (2013, p. 77) aponta-o como “o nome mais importante na pesquisa, na análise e na divulgação da literatura produzida aqui no Rio Grande do Norte, nos dias atuais”. E é justamente por esse motivo que: “Suas obras oscilam entre a história e a poesia, a literatura e a geografia, a arte, a música, focalizando em seus mínimos detalhes, a cultura potiguar desenvolvida nas “planícies” existentes entre a serra da Cidade de Martins e a Cidade de Natal”. (MARINHO, 2004, p. 11).

Corroborando com as citações acima, Veríssimo de Melo publica uma nota sobre Manoel Onofre Jr., no Jornal *Tribuna do Norte*, em 17 de setembro de 1995, logo após a publicação do livro **Ficcionistas Potiguares: Biografia e crítica**, a qual define o compromisso do escritor com a literatura norte-rio-grandense: “Manoel Onofre Jr., escritor fecundo, tenaz, de estilo límpido, com incursões em vários campos da literatura norte-rio-grandense. Incansável na sua faina literária, lança quase um livro a cada ano”.

2.2 CHÃO DOS SIMPLES: PRESENÇA DA TRADIÇÃO REGIONAL NA CENA DAS LETRAS CONTEMPORÂNEAS

O livro **Chão dos Simples**, do escritor Manoel Onofre Júnior, um dos maiores da ficção do Rio Grande do Norte, completou trinta anos de sua 1ª edição, publicada pela editora Clima em Natal/RN, no ano de 1983. Sua 2ª edição revista e aumentada teve sua publicação em 1998 pela editora Econômico, também em Natal/RN. Em 2014, após trinta anos de sua primeira edição, foi publicada a 3ª edição comemorativa, revista e ampliada, pela editora Sarau de Letras, Mossoró/RN. Após o esgotamento de todas as edições, uma quarta edição vem sendo preparada por uma editora de Recife/PE, para atender aos anseios de leitores que desejam ter em mãos um exemplar daquele que é um marco da literatura contemporânea do Rio Grande do Norte.

A referida obra contém vinte e três contos de cunho regionalista e que trazem um tanto de humor, sendo evidenciada e reconhecida, no âmbito literário local, como uma das maiores obras do escritor, senão a maior. A leitura de **Chão dos Simples** torna-se agradável pela leveza com a qual o autor apresenta o sertão nordestino. Certamente o nome “simples” não foi escolhido por acaso, tendo em vista que os contos narram a vida de pessoas simples as quais moram em lugares simples, e expressam uma beleza que só pode ser enxergada pela riqueza da simplicidade. Inspirado pelas suas próprias raízes, Onofre Júnior consegue transmitir para o leitor o apreço com o qual escreveu cada conto.

Seus narrativas, normalmente construídas a partir de causos, têm como aspectos predominantes uma linguagem corredia, sem artifícios, em histórias cheias de humor, numa deliberada revalorização do episódico na vida sertaneja, onde ressaltam: a esperteza do matuto e um resto de encantamento propiciado pela natureza. (GURGEL, 2001, p. 134).

Podemos perceber esse detalhe em vários contos, como em “Jesuíno Brilhante”:

Pino do meidia, poeirão subindo das patas dos cavalos, potopoco, potopoco, potopoco. Xexéu, cabra brincalhão, não se cansava de dizer: “Doze hora e minha barriga não melhora”. Ninguém havia almoçado ainda, pois as provisões de boca tinham se acabado. O restinho de farinha e rapadura, na travessia do riacho dos Campos a água levou. (ONOFRE JÚNIOR, 2014, p. 99).

E os contos seguem com essas características, que podem ser percebidas, inclusive, na linguagem das personagens e na descrição detalhada do espaço. Veja um trecho do conto “A Bestinha de Antonino”:

Sucede que um barbatão vinha pondo em alvoroço as vizinhanças da propriedade de Antonino. O touro, criado no mato, longe de mourão e curral, pulava cerca de roçado e chifrava quem encontrasse. Muitos vaqueiros de fama já haviam corrido atrás dele, sem resultados. O bicho tinha parte com o diabo, furava o mato numa carreira que não havia cavalo que acompanhasse. Depois, sumia-se. Sinhá Josefa contava que ele morava numa furna, junto com a caipora. Os meninos acreditavam. Mas o resto do povo da casa sabia que não: o boi vivia era na caatinga mais fechada, lá para as bandas do serrote do Varela. Cerca não era obstáculo para ele. Certo dia, Zé Caé encontrou seu roçado em destroços. Grande parte do milharal no chão, o feijoal murcho que dava pena. E viu o boi lá no outro lado do roçado, em pé, debaixo do juazeiro, o bucho quase estourando. Espingarda na mão, Zé Caé fez pontaria bem na testa da fera. “Agora me paga!” O tiro ecoou pelo pé do alto fronteiro, mas nem sinal do boi. (ONOFRE JÚNIOR, 2014, p. 77-78).

Por esse estilo de narração, é que Manoel Onofre Júnior obteve da crítica literária potiguar o reconhecimento de sua obra. Marinho (2004) cita alguns dos comentários que críticos literários fizeram à obra, ao longo desses trinta anos, dentre eles está o de Veríssimo de Melo que diz:

E eis um dos melhores livros da moderna ficção norte-rio-grandense: “Chão dos Simples”, de Manoel Onofre Jr., edição “Clima”, Natal, 1983. Reunião de contos curtos, deliciosa, por sinal, onde o real e o imaginário se harmonizam de maneira perfeita. Daí ser difícil assinalar até onde existe recriação nessa obra. (VERÍSSIMO DE MELO, 1983 apud MARINHO, 2004, p. 232).

Em 1983, Veríssimo de Melo fez essa crítica positiva ao livro **Chão do Simples**, em Natal: **A República**, revista de Domingo. Ora, é cabível dizer, que a obra só melhorou ao longo das décadas. Onofre Júnior a aperfeiçoou a cada reedição. O fato é que o escritor parece dominar a estrutura estética e composicional do conto de modo tão tranquilo, que manuseia sua escrita de forma concisa e perfeita. É nesse sentido

que Nelson Patriota (1983 apud MARINHO, 2004, p. 230-231) declara que “todo escritor faz preceder à construção de sua obra um modelo teórico. Mesmo um escrito breve – um conto, por exemplo, supõe uma teoria do conto, um modelo de conto”. Nos contos de **Chão dos Simples**, podemos ver como Onofre Jr. domina essa técnica. Em narrativas curtas, o narrador conta uma história muito bem tecida, em um tempo linear, atendendo a todas as expectativas de um bom conto. É assim que **Chão dos Simples** conta e encanta seus leitores.

3. A LITERATURA NO CONTEXTO ESCOLAR: REFLEXÕES TEÓRICAS

O conhecimento foi e sempre será uma forma de detenção de poder. Neste sentido, a palavra poder assume um valor polissêmico, dentre os vários significados, destacamos: força, influência, capacidade de fazer algo, autoridade, posse, domínio etc. Quando nos referimos a conhecimento, podemos afirmar, então, que, em posse dele, o indivíduo pode transformar a sociedade à qual pertence, tendo, além disso, a capacidade de fazer algo não apenas em prol de si, mas também de outros. Nessa perspectiva, o poder adquirido pelo conhecimento autoriza o sujeito a agir de maneira desenvolva em um determinado âmbito socialmente privilegiado.

Conscientes do caráter empoderador do saber, haja vista ser este um veículo de ascensão social, compreendemos melhor a nossa responsabilidade enquanto professores, pois é sabido que é dever da escola promover um ensino de forma sistematizada e acessível a todos, independentemente de raça, credo ou classe social. Para isso, o comprometimento do profissional de educação que atua em sala de aula, com o ensino e com a aprendizagem de seus alunos em uma dada área de conhecimento, é um dos fatores que determinará o êxito de sua prática docente e da aquisição do saber pelo discente.

Por conseguinte, na condição de professor de Língua Portuguesa (LP), podemos perceber que uma responsabilidade maior no quesito de ensino e aprendizagem recai sobre nós, pois é estudando LP que o aluno aprende a ler e a escrever. Zilberman (2012, p. 9), em sua obra **A leitura e o ensino da literatura**, afirma que “A escola é o lugar onde se aprende a ler e a escrever, conhece-se a literatura e desenvolve-se o gosto de ler”. Pautados na citação da autora, adentramos no universo da literatura como um dos meios mais prazerosos de se apropriar da leitura e da escrita, considerando o contexto escolar como um espaço que favorece o hábito da leitura.

Em semelhante perspectiva, Cosson (2014, p. 20) declara que “a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo”. Sabemos que através de textos literários o aluno pode se engajar significativamente com a realidade em que vive, uma vez que histórias semelhantes a nossa se repetem em cenários diferentes, com sujeitos diferentes, e é justamente essa repetência cíclica e dialógica que nos torna tão iguais mesmo na diferença. Dessa forma, o texto literário previamente selecionado e trabalhado de forma crítica

na sala de aula, pode promover o aluno a se perceber como indivíduo ativo da sociedade em que vive. E tirá-lo, então, da condição de sujeito paciente, passando a ser um sujeito agente. Isso ocorre exatamente porque o texto literário, segundo Zilberman, apresenta um aspecto ambivalente:

Dúbia, a literatura provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê. (ZILBERMAN, 2009, p. 17).

A identificação de si com o texto literário é algo milenar e universal utilizados há séculos com fins didáticos. O que propomos é que essa função do ensino literário de promover no aluno uma viagem no texto, no interior do outro e também no interior de si mesmo, seja uma prática efetiva na escola, haja vista o resultado que essa prática produz, seja de reflexão, de criatividade de posicionamento em relação ao texto.

Em consonância, Llosa (2004), em seu artigo “A literatura e a vida”, afirma que a literatura foi e sempre será o elemento que estabelece dialogismo e interação entre os indivíduos, independentemente de classes sociais, de tempo e espaço. Assim sendo, sua importância se consolida no contexto escolar, a partir do momento em que ela promove no indivíduo a percepção de si, através do outro. Nesse caso, o aluno como sujeito leitor, se reconhece como cidadão crítico que pensa e age a partir do texto.

A literatura [...] diferentemente da ciência e da técnica, é, foi e continuará sendo, enquanto existir, um desses denominadores comuns da experiência humana, graças ao qual os seres vivos se reconhecem e dialogam, não importam o quão distintas sejam suas ocupações e desígnios vitais, as geografias e as circunstâncias em que existem, e, inclusive os tempos históricos que determinam seu horizonte. (LLOSA, 2004, p. 352).

O que Llosa (2004), Zilberman (2009) e Cosson (2014) comungam é que a literatura traz em si uma bagagem que só ela tem em termos de escrita. O texto literário além da sua forma estética, está arraigado de um conteúdo social, histórico, cultural, ideológico, memorial, ou seja, uma fonte rica de conhecimentos, que aliados a uma boa leitura e uma interpretação coerente, pode elevar o intelecto do aluno a outros níveis da aprendizagem.

Com todos esses argumentos, poderíamos nos fazer as seguintes perguntas: Teria a literatura a função de humanização e conscientização acerca da vida e dos homens? Qual seria o seu papel social na escola e na formação leitora? Para o primeiro questionamento, a resposta é positiva. E poderíamos dizer mais, que o primeiro questionamento é resposta para o segundo, pois a literatura, enquanto conteúdo, possui um caráter social, o qual apresentado ao aluno faz com que esse compreenda melhor os mecanismos de uma sociedade. Além disso, é lendo que se aprende a ler. Sendo assim, podemos dizer que aprendendo a ler certos textos literários, o discente estará aprendendo a ler também a sociedade apresentada nesses textos, podendo compará-la com a sociedade na qual está inserido. Em consequência, a literatura tem a função de humanizar e de conscientizar acerca da vida e dos homens, uma vez que ela desenvolve no indivíduo um olhar crítico para sociedade, o que pode ser melhor apreendido na citação abaixo:

E nada defende melhor o ser vivo contra a estupidez dos preconceitos, do racismo, da xenofobia, das afirmações caipiras do sectarismo religioso ou político, ou dos nacionalismos excludentes, como essa comprovação incessante que sempre aparece na grande literatura: a igualdade essencial dos homens e mulheres de todas as geografias e a injustiça que é estabelecer, entre eles, formas de discriminação, sujeição ou exploração. Nada ensina melhor que a literatura a ver, nas diferenças étnicas e culturais, a riqueza do patrimônio humano e a valorizá-las como uma manifestação da sua múltipla criatividade. (LLOSA, 2004, p. 352).

Com base nessa citação de Llosa (2004), confirmamos o uso indispensável do texto literário na escola, não apenas para a construção do saber de nossos alunos, mas também como objeto de libertação dos preconceitos e exclusões que compõem esta sociedade, em diferentes momentos, em distintos contextos. A pluralidade de povos e, conseqüentemente, de cultura é imanente a toda sociedade. A necessidade de reconhecer, de valorizar e respeitar a diferença que existe entre uma e outra cultura, é vital para a formação de um ser humano humanizado, que enxerga a diferença do outro, quando ganha a consciência de que também é diferente. O autor complementa seu pensamento afirmando que através da literatura “entende-se e vive-se melhor a vida, e entender e viver a vida melhor significa vivê-la e compartilhá-la com os outros” (LLOSA, 2004, p. 353). Essa é a conscientização que pretendemos alcançar quando levamos o texto literário para os nossos alunos.

Antonio Candido (1995), em seu ensaio “O direito à literatura”, eleva a necessidade de acesso à literatura ao patamar dos direitos humanos, ou seja, estudar

literatura é um direito que deve ser assegurado a todos os cidadãos por aqueles que detêm o poder. Nesse sentido, Candido (1995) chama a nossa atenção para o aprendizado que teve, enquanto conviveu, durante as décadas de 1940 e 1960 aqui no Brasil, com o dominicano Padre Louis-Joseph Lebret, sociólogo francês, fundador do movimento Economia e Humanismo. Padre Louis-Joseph Lebret, diferenciava os bens compressíveis de bens incompressíveis. Candido (1995, p. 240) dizia:

Penso na sua distinção entre “bens compressíveis” e “bens incompressíveis”, que está ligada, a meu ver, aos problema dos direitos humanos, pois a maneira de conceber a estes depende daquilo que classificamos como bens incompressíveis, isto é, os que não podem ser negados a ninguém.

Então, que bens incompressíveis podem ser chamados de indispensáveis? Ora, mas o que é indispensável a um também não é a outro? Como nós podemos classificar o que é e o que não é indispensável a qualquer indivíduo, sem estarmos cometendo algum tipo de injustiça? Ou melhor, como nós educadores podemos dizer que o ensino de Literatura é dispensável para qualquer aluno? Quem nos dá esse direito? Candido cita alguns itens que consideramos indispensáveis, não apenas a alguns, mas a todos:

[...] e chegando mais perto do tema eu lembraria que são bens incompressíveis não apenas os que asseguram sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.: e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura. (CANDIDO, 1995, p. 241).

O autor finaliza citando a arte e a literatura. Certamente, a arte e a literatura são bens incompressíveis, e por esse motivo indispensáveis à vida humana por tudo que elas representam, como o caráter, não apenas transformador do pensamento humano, mas formador de novas percepções de vida. Esse direito não é indispensável apenas às classes mais privilegiadas de uma sociedade, ele é indispensável a todos. À vista disso, garantir o ensino do texto literário no ambiente escolar é o nosso dever. Um compromisso que assumimos enquanto professor de LP e que não deve ser perdido de vista, com o risco de, na sua ausência, privar o discente de uma formação cidadã ampla, tornando-o um indivíduo crítico, reflexivo, sobre as situações que o rodeiam.

A sistematização crítica de Antoine Compagnon (2009), presente em sua obra **Literatura para quê?**, aborda discussões que nortearam o ensino literário desde o século XIX, além da pertinência e permanência do mesmo no cenário contemporâneo. Compagnon (2009) corrobora com o pensamento de autores supracitados, uma vez que reafirma o posicionamento de Proust: “A vida verdadeira, a vida afinal descoberta e tornada clara, por conseguinte, a única vida plenamente vivida, é a literatura” (PROUST, 2002 apud COMPAGNON, 2009, p. 21). Além disso, o teórico traz à tona em sua aula no Collège de France, a reflexão de grandes nomes da literatura como Barthes, Proust, Calvino entre outros, de que mesmo oscilando entre pontos de vistas distintos, sobre forma, estrutura; a literatura tem um ponto em comum, o de que mesmo em tempos de crise, nos quais suscitam questionamentos sobre sua relevância no contexto escolar, ela se revitaliza, e isso acontece, segundo esses teóricos, porque a só literatura pode ensinar sobre o homem na sua essência.

Lemos, mesmo se ler não é indispensável para viver, porque a vida é mais cômoda, mais clara para aqueles que leem que para aqueles que não leem. Primeiramente, em um sentido bastante simples, viver é mais fácil [...] para aqueles que sabem ler, não somente as informações, os manuais de instrução, as receitas médicas, os jornais e as cédulas de voto, mas também a literatura. (COMPAGNON, 2009, p. 29).

Segundo o autor, ao passo que a leitura não é indispensável para a vida, a sua prática dignifica o indivíduo, pois dá-lhe acesso aos bens essenciais da sociedade. Compagnon (2009) afirma que a vida é mais fácil para aqueles que sabem ler, dentre os vários textos, também a literatura. A literatura porque produz no leitor novas percepções do mundo, força-o a refletir, pensar por que e para que determinadas coisas são como são. Esse é um dos benefícios do ensino do texto literário, o qual apesar de ameaçado em escolas de educação básica persiste através do trabalho de professores que reconhecem a sua relevância no processo de aprendizagem dos discentes. Contudo, temos a preocupação de como levar esse ensino para os nossos alunos, de modo que eles possam alcançar resultados significativos em relação à leitura de textos literários, e as consequências que essa aprendizagem produz no leitor. Por isso, pensamos em trabalhar a literatura em sala de aula através do letramento literário proposto por Cosson.

Rildo Cosson (2014, p. 26) trata com seriedade o papel da leitura e literatura na sala de aula:

Não é possível aceitar que a simples atividade da leitura seja considerada a atividade escolar de leitura literária. Na verdade, apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento literário na escola. Por trás dele encontram-se pressuposições sobre leitura e literatura, que, por pertencerem ao senso comum, não são sequer verbalizadas. Daí a pergunta honesta e o estranhamento quando se coloca a necessidade de se ir além da simples leitura do texto literário quando se deseja promover o letramento literário.

Cosson, na citação acima, esclarece-nos que a forma de letramento que propusemos trazer para sala de aula vai muito além do ensino de leitura, ele requer um ensino de leitura direcionado pelo professor, pois o texto não fala por si só. Cabe ao professor, nesse processo de letramento, apoiar a leitura do aluno, mostrando-lhe possíveis vias de interpretações. É com esse estímulo que o aluno poderá se apropriar do que está no texto, atribuindo-lhe significados.

Em semelhante perspectiva, Regina Zilberman (2009), em seu artigo “O papel da literatura na escola”, afirma que atualmente o papel da literatura na escola é com a:

[...] responsabilidade pela formação do leitor. Por sua vez, a execução dessa tarefa depende de se conceber a leitura não como o resultado satisfatório do processo de letramento e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário. A literatura se associa então à leitura, do que advém a validade dessa. (ZILBERMAN, 2009, p. 16-17).

Compreendemos que a formação leitora é fundamental para ascensão social, cultural e intelectual do indivíduo. No entanto, conforme pensam Cosson (2014) e Zilberman (2009), vemos que não é o ensino da simples leitura decodificada que promove a formação leitora, mas o ensino de uma leitura significativa, profunda, analítica. Para ser um cidadão leitor, precisa-se compreender os significados desta leitura. E isso, a escola não pode retirar do aluno. Nessa perspectiva, o texto literário deve estar na sala de aula, como bem diz Cosson (2014), porque ele é capaz de proporcionar ao aluno uma experiência única, ele permite que o “eu” do aluno possa se transformar em vários “eus”, coisa que dificilmente aconteceria com outras experiências realizadas em nossa vida. Por isso, defender o ensino da literatura, é defender o direito do aluno de ter acesso aos bens que dela advém.

Assim, levamos para os nossos alunos, a leitura de contos da obra **Chão dos Simples**, do escritor norte-rio-grandense Manoel Onofre Júnior, analisando no gênero

escolhido, aspectos da tradição regional e do riso. Desse modo, as subseções seguintes trazem um pouco da teoria dos elementos estudados.

3.1 CONTO: TESSITURAS DE UM GÊNERO¹

Não é fácil definir o gênero conto¹. Sabemos que ele é uma narrativa curta e em forma de prosa, além disso, na maioria das vezes apresenta enredos bem envolventes. Por esse motivo foi o gênero literário escolhido para ser trabalhado, pois permite-nos leituras e releituras em um espaço limitado de tempo. Para compreender melhor esse gênero, é importante sabermos que há dois tipos de conto, o popular e o literário.

O conto popular precede a literatura escrita, ou seja, ele surgiu na oralidade, da necessidade de se transmitir a história. Além disso, esse tipo de conto não tem uma autoria, sendo reconhecido apenas pela transmissão através de povos de diferentes culturas. D'Onofrio (2007, p. 92), em sua obra **Forma e sentido do texto literário**, diz que: “Em sociedades ágrafas, em que a escrita não se faz presente, o conto popular acaba por ser uma das formas mais universais de transmissão cultural, registrando, entre outras coisas, seus valores, costumes, folclore e formas jurídicas”.

Após o surgimento da escrita, a configuração do conto mudou. Escritores registravam seus contos através das letras, logo os contos passaram a possuir uma autoria, e por esse motivo uma versão única, podendo apenas ser modificada pelo próprio autor. Esse fato deu origem aos contos literários. Desse modo, podemos dizer que ele é um produto da sociedade letrada. Uma de suas características é o discurso firme que traz as marcas do autor. Sobre o conto literário, D'Onofrio (2007) afirma que ele:

Refere-se a um episódio da vida real, não verdadeiro porque ficcional, mas verossímil, ou seja, o fato narrado não aconteceu no mundo físico, mas poderia acontecer. Embora seja possível apontar exceções de contos fantásticos, com recurso ao sobrenatural, escritos por autores mundialmente famosos (Hoffman, Poe e outros), a regra do conto erudito é ater-se ao real, sem fugir do princípio da verossimilhança, pois a atitude mental que dele se

¹ Esta subseção traz uma breve apresentação do gênero literário conto, o qual foi utilizado nas leituras da intervenção desta pesquisa. Tais informações são pertinentes para que o leitor possa conhecer um pouco mais sobre as peculiaridades do referido gênero.

depreende não é idealizar, mas contestar os valores sociais. (D'ONOFRIO, 2007, p. 95).

Conscientes da distinção entre o conto oral e o conto literário, e focando nosso estudo no conto literário, algumas questões são prementes, como: quando surgiu exatamente o conto literário? Qual a sua definição? E a sua estrutura? Essas são dúvidas recorrentes em relação ao estudo do gênero, todavia, tentaremos esclarecê-las, de modo que possamos compreender acima de tudo, a estética literária e a função social desse gênero.

O conto literário começa a ter visibilidade na Idade média, com Boccacio, em **Decameron**, Chaucer, autor dos **Canterbury Tales**. Dos séculos XV a XVIII grandes escritores como Cervantes e Voltaire também se dedicam ao gênero. Entretanto, é no século XIX, que o conto se evidencia enquanto gênero literário e ganha um número muito maior de escritores. Segundo Ogliari (2012, p. 10):

O conto gênero considerado controverso e sempre reputado por sua difícil definição - o que envolve todos os debates sobre as narrativas primordiais de cunho oral, existentes nas mais remotas culturas -, ganhou na modernidade, ao contrário da fama adquirida de espécie praticamente indefinível, um estatuto muito bem delineado: uma poética muito bem clara e tecida, dentro da própria história do conto, quase sempre por aqueles que o produziram.

Mediante a citação do autor, é na modernidade que o conto ganha características peculiares de gênero literário. Adquire uma estrutura definida, precisa, um padrão a ser seguido. Ogliari (2012, p. 10) complementa essa afirmação, sobre a influência desse período sobre o gênero, declarando que:

A modernidade normatizou o conto, o modelou, o historicizou e ditou aquilo que podia e o que não podia ser um conto, como deveria ser e o que não poderia ter em um conto. Nada distinto do trabalho empreendido pelo pensamento sustentado através do binarismo, do idealismo dicotômico, que guiou o homem e as ciências em tempos de razão acima de tudo.

Nessa perspectiva, o conto era rigidamente exercitado para apresentar os padrões estéticos e composicionais da época. É a pós-modernidade que problematiza esse conceito estigmatizado do conto e lança um novo olhar sobre o mesmo. Consequentemente, o conto pós-moderno apresenta outros padrões estéticos e sociais que vão de encontro ao conto moderno.

O conto pós-moderno é, assim, todo aquele texto que põe em evidência, que problematiza, desestrutura e discute, dentro de uma articulação formal, estética e paródica o próprio conto moderno, numa relação de apropriação, imitação, assassinato e abandono de seu predecessor. (OGLIARI, 2012, p. 10).

Compreendendo as mudanças estruturais que acompanharam a evolução do gênero em questão, um elemento é certo e é importante que saibamos: todo o conto traz em si uma história explícita e uma outra, que só pode ser percebida nas entrelinhas e, é justamente esse exercício de buscar o que está por trás das palavras, que provoca no leitor o ato de refletir, de descobrir sentidos imbuídos no texto. Em consonância, Borges (2005 apud OGLIARI, 2012, p. 69) afirma que, “o conto deve constar de dois argumentos; um falso, que vagamente se indica, e outro, o autêntico, que se manterá secreto até o fim”. Outros teóricos corroboram com esse aspecto do conto. Para Hemingway (2006 apud OGLIARI, 2012, p. 68) “se o conto for escrito com carga suficiente de verdade, o escritor deverá omitir partes dessa verdade, que, mesmo ocultada no interior do texto, será capaz de cooptar seu leitor de maneira convincente e segura”. Piglia (2006) parafraseado por Ogliari (2012, p. 69), enfatiza que no conto “conta-se a história secreta de modo cada vez mais disfarçado, fundindo-se ela com a história aparente: o mais importante não se deve contar. A história secreta deve construir-se com o que não se diz, com o subentendido”.

Ademais, concebendo a curta extensão desta narrativa como uma de suas principais características, o contista destaca-se como alguém que consegue sintetizar aspectos da vida humana de forma concisa e complexa, e com isso apreender a atenção do leitor mais exigente. Com poucas personagens, intensidade no enredo, espaço delimitado, que eclodem em um final surpreendente. O conto conta e encanta, seja com histórias verossímeis, seja com histórias fantásticas. Cortázar (1974), um dos maiores teóricos do referido gênero, citado por Ogliari (2012, p. 66), declara que:

Se não tivermos uma ideia viva do que é um conto, teremos perdido tempo, porque um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa própria batalha é o conto, uma síntese viva e ao mesmo tempo uma vida sintetizada.

Tomando como base para o nosso entendimento o conceito de conto dado por Cortázar, podemos compreender melhor o motivo pelo qual esse gênero foi escolhido para ser o objeto de estudo desta intervenção. Segundo o estudioso, o conto é a síntese da própria vida. A obra de arte é uma atividade interpretativa das ações

humanas, nesse sentido a literatura acompanha, à sua maneira, o movimento do mundo, portanto, o texto literário se articula à vida dos homens, na representação fictícia de sua história e de sua vida social. Um exemplo disso, está no conto “A Bestinha de Antonino” de Onofre Júnior, que fala de um caso envolvendo Antonino, a sua bestinha, um touro brabo solto e os moradores aterrorizados da região. O conto é narrado em terceira pessoa e apresenta uma história concisa, com riqueza de detalhes tanto das personagens quanto do espaço em que ocorre a ação.

Antonino Costa era o único vivente preto naquelas bandas do sertão. Preto preto. Carvão, piche. Cabra bom, aquele. Vaqueirão! Ele possuía um pedaço de terra, na beira do rio Pequeno, com casa caiada, roçado “pra comer verde” e bom curral. Mas, nada o orgulhava mais que sua besta de sela, animal pampo, boa tanto no trote e na bralha, como numa corrida atrás de boi. Dizia-se mesmo que a bestinha possuía alma e inteligência que nem qualquer pessoa. Era a conversa nas feiras. (ONOFRE JR., 2014, p. 77).

Apareceu na vizinhança de Antonino um touro brabo que destruía tudo a sua frente.

O touro, criado no mato, longe de mourão e curral, pulava cerca de roçado e chifrava quem encontrasse. Muitos vaqueiros de fama já haviam corrido atrás dele, sem resultados. O bicho tinha parte com o diabo, furava o mato numa carreira que não havia cavalo que acompanhasse. Depois, sumia-se. (ONOFRE JR., 2014, p. 77).

Muitos falavam sobre o bicho, onde ele se escondia, fato era que não havia quem o pegasse. Certo dia, o roçado de Zé Caé apareceu destruído, não havia nada que se aproveitasse. Aumentou a perseguição ao touro. Pegar o barbatão era uma questão de honra, surgiram vaqueiros de todos os lugares da redondeza. Mas o máximo que esses vaqueiros conseguiram foi saírem humilhados, ou machucados. Até que Antonino não aguentou mais pressão e entrou na captura pelo bicho mesmo com a besta prena.

“Ê, bestinha, vambora.” E largou-se na caatinga. Procurou, procurou, mas nada de achar o touro. Aí teve uma ideia. Pois, se bem pensou, melhor fez. Ficou de tocaia no bebedouro, por detrás de uns marmeleiros. Quando deu fé, lá vinha o bichão. Arrogante, malencarado. Antonino já estava montado na besta, quando o touro disparou que nem flecha caatinga adentro. A bestinha foi atrás feito raio. Na frente havia duas árvores quase pegadas; ela passou, espremendo-se, entre as duas. Dali a pouco, Antonino já em cima do touro, tratava de colocar peias, chocalho e mascara. No ato de afivelar a mascara, ouviu foi aquele “riiinch, riiinch”. Voltou-se, surpreso. “Que seria aquilo?” Era um poldrinho pampo. Com um pressentimento, Antonino olhou para o bucho da besta. Estava vazio. (ONOFRE JR., 2014, p. 78-79).

A bestinha, agora heroína, botou o touro para correr com as dores de parto, fato que se percebe no final do enredo com o nascimento do poldrinho pampo.

Observando a história narrada no conto, podemos apreender bem as palavras de Cortázar, síntese da vida ou a vida sintetizada. Dessa maneira, contar um conto é captar aspectos da vida humana em um *click*, um momento, que ao mesmo passo em que é intenso, é também efêmero, tal como a própria vida. Ao final de um conto, fica uma sensação de saudade, como se ele não devesse ter terminado, ou não daquela forma. Isso se deve ao fato de que, por algum motivo, a narrativa, enquanto lida, passa a ser uma extensão de nós mesmos. Por esse motivo, a cada leitura e releitura de um mesmo conto, construímos mais sentidos sobre a história e somos construídos e desconstruídos por ela.

3.2 REGIONALISMO: DO LOCAL AO UNIVERSAL

O regionalismo como tendência ou movimento literário tem sido ao longo de séculos o tema das letras de muitos escritores. Em diferentes contextos e diversas épocas, ele surge de várias formas, dando um tom peculiar, não apenas à literatura nacional, mas universal, ao considerarmos a perspectiva crítica de Antonio Candido, presente em seu livro **Literatura e Sociedade**. Trata-se conforme o crítico, de perceber, com o advento do modernismo, na literatura brasileira, a ocorrência da “dialética do localismo e do cosmopolitismo”. Traçar o seu percurso é uma das maneiras de refletirmos sobre a trajetória e a importância da literatura regionalista. Nessa linha de pensamento, o regionalismo que teve início durante o romantismo foi o precursor do movimento marcadamente regional, denominando de regionalismo de 30.

O fato é que o romance romântico aborda os mais variados temas emergentes do novo país. A cultura de um povo passa a ser enredo de histórias urbanas, sertanejas. O local e o distante passam a se confrontar, dialógica e dialeticamente, mostrando as realidades distintas de uma mesma nação. Nesse cenário, ganha destaque as obras de Alencar que se preocupou “em cobrir com sua obra narrativa passado e presente, cidade e campo, litoral e sertão, e compor uma espécie de suma romanesca do Brasil” (BOSI, 1994, p. 151). Outros escritores da época também exploraram o regionalismo durante o romantismo.

Bernardo Guimarães, autor de **O Seminarista** e **A Escreva Isaura**, a exemplo, mistura as estórias orais de Minas e Goiás para compor o seu estilo regionalista, o qual recebeu duras críticas de Monteiro Lobato. Na verdade, os românticos regionalistas tinham a dificuldade de apresentar o homem simples do campo, sem conhecimento científico, mas rico em cultura, sem que fosse de forma caricata, e confrontá-lo com o homem citadino culto, de linguagem rebuscada.

Taunay foi autor de um regionalismo romântico mais encorpado, devido à forma como o expressou em sua obra **Inocência**, ao dar visibilidade às peculiaridades verossímeis da época e do ambiente em que ocorre a narrativa. Segundo Bosi (1994, p. 160):

Por temperamento e cultura, o Visconde de Taunay tinha condições para dar ao regionalismo romântico a sua versão mais sóbria. Homem de pouca fantasia, muito senso de observação, formado no hábito de pesar com a inteligência as suas relações com a paisagem e o meio [...] Taunay foi capaz de enquadrar a história de *Inocência* (1872) em um cenário e em um conjunto de costumes sertanejo onde tudo é verossímil. Sem o cuidado de o ser turve a atmosfera agreste e idílica que até hoje dá um renovado encanto à leitura da obra.

Bosi (1994) declara que não há obra, romântica ou realista, que alcance o nível regionalista que foi atingindo pelo romance **Inocência**, dado ao rigor verossímil e detalhista com o qual foi escrito. Esse sucesso é confirmado pelo público que esgotou sucessivamente mais de trinta edições.

Contudo, é nas letras do escritor Franklin de Távora que o regionalismo ganha um tom de protesto. Távora aproveita o momento de ascensão do cultivo de café dando ares de progresso à região Sul, e o total descontentamento dos nordestinos com a corte, para escrever **Cabeleira**. Para Bosi (1994, p. 162):

Távora não cumpriu, com o seu modesto **Cabeleira**, as promessas de uma literatura nordestina que precisou esperar o talento de um Oliveira Paiva e, já neste século, de um José Lins do Rego e de um Graciliano Ramos, para firmar-se como admirável realidade.

Por outro lado, as figuras do Frei Caneca e de Franklin Távora, segundo Araújo (2010), em seu ensaio “A tendência Regionalista na Literatura Brasileira”, eram engajadas com as lutas sociais. E esse fato demarca uma das características do regionalismo que tinha o papel social de apresentar criticamente os problemas e as desigualdades sociais de um país, denunciando, mais especificamente na região

nordeste, a fome e a miséria. Nessa perspectiva, assumia um papel sócio-político identitário e de libertação.

Frei Caneca, cuja singularidade, foi a maestria polêmica advinda da paixão liberal, no capítulo da “Época das Luzes”, período correspondente ao fim do século XVIII e início do século XIX. Franklin Távora, considerado o primeiro “romancista do Nordeste”, ilustra o sentimento regionalista que encontrou uma expressão típica na Confederação do Equador. (ARAÚJO, 2010, p. 203).

O regionalismo de Franklin de Távora e de Frei Caneca, particularizam o movimento como sendo nacionalista. Nisso, surgem, ao invés da vida do homem do campo como eixo central, as diferentes regiões de uma nação e as questões político-sociais relacionadas à sua emancipação. “Nessa linha, os romances de costume e o romance regional aparecem dentro de um projeto nacionalista: verdadeira forma de pesquisa e descoberta do país” (ARAÚJO, 2010, p. 203). No âmbito universal, a literatura regionalista também atendeu a este fim, o de afirmar a independência de regiões e nações. O fato é que essa visão nacionalista do regionalismo distorcia, de certo modo, a essência da tendência, que era a de representar através da ficção, a vida do homem local, com todos os seus dilemas e angústias, além de suas raízes culturais.

Talvez, seja por esse motivo que Araújo (2010) afirme que o movimento regionalista não apareça de forma homogênea na literatura brasileira. Por oscilar entre um regionalismo que retrata o ideal de uma nova nação através de seus romances e o regionalismo que enfatiza a vida do homem do campo. Candido (1987, p. 140-162), em “Literatura e subdesenvolvimento”, declara que: “essa etapa necessária da literatura que tomava consciência do país novo, selecionando e incorporando para a expressão literária temas da realidade local, recebe o nome de ‘regionalismo pitoresco’. Havia, então, um aspecto dúbio no conceito de regionalismo. Primeiro, a importância de afirmar a nova nação; segundo, a de valorizar aspectos de um povo, numa dada região, refletindo suas características locais, daí um dos temas ser a natureza.

No Brasil, é durante o Modernismo que o regionalismo, como tendência literária, teve seu ápice e ficou conhecido como o regionalismo de 30, década que Candido (2006), no seu livro **Literatura e Sociedade**, caracteriza como o decênio mais importante da literatura modernista. É nesse período que “o regionalismo é visto como um fator decisivo de autonomia literária” (ARAÚJO, 2014, p. 204), como forma

de afirmação de uma nacionalidade. Esse tempo demarca os severos problemas de ordem política e social que o país enfrentava.

Na maré montante da Revolução de Outubro, que encerra fermentação antioligárquica [...] a literatura e o pensamento se aparelham numa grande arrancada. A prosa, liberta e amadurecida, se desenvolve no romance e no conto, que vivem uma de suas quadras mais ricas. Romance fortemente marcado de Neo-naturalismo e de inspiração popular, visando aos dramas contidos em aspectos característicos do país: decadência da aristocracia rural e formação do proletariado (José Lins do Rego); poesia e luta do trabalhador (Jorge Amado, Amando Fontes); êxodo rural, cangaço (José Américo de Almeida, Raquel de Queirós, Graciliano Ramos); vida difícil das cidades em rápida transformação (Érico Veríssimo). Nesse tipo de romance, o mais característico do período e frequentemente de tendência radical, é marcante a preponderância do problema sobre o personagem. É a sua força e a sua fraqueza. Raramente, como em um ou outro livro de José Lins do Rego (*Banguê*) e sobretudo Graciliano Ramos (*S. Bernardo*), a humanidade singular dos protagonistas domina os fatores do enredo: meio social, paisagem, problema político. Mas, ao mesmo tempo, tal limitação determina o importantíssimo caráter de *movimento* dessa fase do romance, que aparece como instrumento de pesquisa humana e social, no centro de um dos maiores sopros de radicalismo da nossa história. (CANDIDO, 2006, p. 130).

A citação acima refere-se ao período conflituoso que o país vivia na década de 1930, a Revolução de Outubro. E toda a truculência enfrentada naquela década emergiu na literatura brasileira. Nessa perspectiva, a região Nordeste se destaca devido aos severos problemas políticos e sociais que vivenciava, momento em que a região padecia com a extrema pobreza causada pela seca e pela fome. Era notória a negligência dos governantes em relação à região. Os centros urbanos pareciam avançar décadas no tempo se comparados às zonas rurais. Tudo isso foi evidenciado nas letras da época, no denominado, “romance do Nordeste”. Em consonância:

Na fase de pré-consciência do subdesenvolvimento, ali pelos anos de 1930 e 1940, tivemos o regionalismo problemático, que se chamou de “romance social”, “indigenismo”, “romance do Nordeste”, segundo os países, e, sem ser exclusivamente regional, o é em boa parte. Ele nos interessa mais por ter sido um precursor da consciência de subdesenvolvimento [...]. (CANDIDO, 1987, p. 160).

Nessa temática, Graciliano Ramos, dono de um realismo crítico, torna-se um expoente de sua época, pela sensibilização diante da problemática social e a forma como encara a ruptura de realidades de suas personagens em seus romances. Uma de suas obras, **Vidas Secas**:

Abre ao leitor o universo mental esgarçado e pobre de um homem, uma mulher, seus filhos e uma cachorra tangidos pela seca e pela opressão dos que podem mandar: “o dono”, “o soldado amarelo” [...] na desagregação a

que o meio arrasta os destinos inúteis de Fabiano, Sinhá, Vitória, Baleia [...]. (BOSI, 1994, p. 456).

Esse tipo de regionalismo nascia da sensibilidade do escritor em meio ao flagelo vivenciado por pessoas reais que necessitavam de uma transformação social que não acontecia, mas que era denunciada pelos textos literários. A partir desse período de revolução, Candido (1987) declara que o regionalismo cresce na esfera nacional, pois mesmo narrando problemas regionais, tais problemas são adotados pela literatura nacional e pelos seus respectivos leitores. Dessa forma, “O romance do Nordeste seria, pois, coextensivo à própria literatura brasileira.” (ARAÚJO, 2010, p. 207).

A sua voga provém em parte do fato de radicar na linha da ficção regional (embora não “regionalista”, no sentido pitoresco), feita agora com uma liberdade de narração e linguagem antes desconhecida. Mas deriva também do fato de todo o país ter tomado consciência de uma parte vital, o Nordeste, representando na sua realidade viva pela literatura. (CANDIDO, 1987, p. 187).

Após o regionalismo de 30, as obras literárias que trazem as tendências regionalistas, não as fazem mais como no Modernismo. Nesse período, há um enfraquecimento do movimento, dando espaço a uma literatura que, de acordo com Araújo (2010), aparece sublimada ao realismo social. O autor enfatiza que na “década seguinte, quando o ‘local’ seria visto como pitoresco e extraliterário, enfraqueceria as tendências regionalistas vinculadas ao Modernismo. A partir de então, o qualitativo de regionalismo apareceria mais como uma pecha”. (ARAÚJO, 2010, p. 208).

Embora o regionalismo como um movimento artístico, tendência literária seja um fenômeno universal, ele sempre se reporta ao local. Candido (1987) afirma que críticos literários contemporâneos declararam a “morte do regionalismo”, não atentando para o fato de que essa tendência emana da necessidade de que o artista tem em retratar o particular, o individual, o próximo, o eu, que reage sempre a qualquer tipo de perda de espaço. Desse modo, “o tema se transformou; mas permaneceu, em virtude do atraso básico do país periférico” (ARAÚJO, 2010, p. 207). Ou seja, regionalismo se revigorou, ganhou força nova. Fato que comprova que o regionalismo vive da tensão entre o local e o universal.

Candido (2006) enfatiza que há dois grandes momentos da literatura brasileira: O Romantismo e o Modernismo, nos quais as questões abordadas no primeiro momento, refletem-se no segundo momento. Assim, após o Romantismo surgiu o

movimento denominado de “literatura de permanência”. Ou seja, aquilo que por um critério também de tradição, permaneceu nas literaturas seguintes, tanto em termos estéticos quanto em termos de conteúdo. Candido (2006) aponta para um conjunto de obras sócio- históricas, escritas no segundo grande momento da nossa literatura, que seguiram a tendência regionalista extraliterária, conseguindo superar até obras que as precederam.

Após esse período, surgiu, advindo da terceira fase regionalista, o qual Candido (1987) chamou de “super-regionalista”, Guimarães Rosa, devido à estrutura e tema de suas obras, a destacar: a **Sagarana** (1946) e **Grande Sertão: veredas** (1956). “O salto qualitativo da transcendência do regional seria alcançado ‘graças à incorporação em valores universais de humanidade e tensão criadora’. ‘O homem perene’ se faz, pois, sentir na obra de Guimarães Rosa”. (ARAÚJO, 2010, p. 210).

Segundo Luís Bueno (2006): a solução linguística a que chegou Guimarães Rosa se liga naturalmente à concepção segundo a qual cabe ao artista fazer oferecer pela arte “um recado da terra”. Assim, com Rosa, “a língua do pobre pode ser tomada com liberdade e reinventada no contato com uma tradição intelectual da em princípio mais arrogante alta cultura porque o artista é mesmo o único lugar em que essa fusão pode se dar”. (BUENO, 2006, p. 25).

Pensamos ser esclarecedor o pensamento de Jorge Amado quando ele se refere a dois caminhos trilhados pelos romancistas brasileiros a partir da ficção literária criada por José de Alencar e por Machado de Assis, respectivamente, nos contextos do Romantismo e do Realismo brasileiros. Diz o romancista:

São os dois caminhos do nosso romance, nascendo um de Alencar, nascendo outro de Machado de Assis, indo um na direção do romance popular e social, com uma problemática ligada ao país, aos seus problemas, às causas do povo, marchando o outro para o romance dito psicológico, com uma problemática ligada à vida interior, aos sentimentos e problemas individuais, à angústia e à solidão do homem, sem, no entanto, perder seu caráter brasileiro. (AMADO, [20--?] apud BUENO, 2006, p. 31).

Tomando como exemplo a citação acima, observamos que, enquanto num Guimarães Rosa, por exemplo, podemos encontrar resíduos tanto da tradição regionalista, na representação dos jagunços e de sua cultura, quanto os dramas psicológicos, no que Riobaldo traz de dilema face ao amor que sente, mas considera impossível: amor por Diadorim. Tal característica reflete o caráter multifacetado da ficção literária brasileira, uma vez que obras e estilos de grandes escritores são

retomados em obras contemporâneas, por um ou outro viés. Isso ocorre como forma de resistência, de permanência e também de tradição literária. Assim, como o regionalismo de 1930 retomou o regionalismo romântico, após o decênio de 1930, ele se perpetua como tradição literária regional nas cenas das letras contemporâneas.

Se o regionalismo como tendência literária, movimento sócio-histórico, tem a sua existência amparada pela “tensão dialética entre o local e o universal” (CANDIDO, 2006), então podemos concordar com José Carlos Garbuglio, professor de Literatura Brasileira na USP, que dizia que o regionalismo “tinha fôlego de gato” (1995 apud CHIAPPINI, 1995, p. 153), pela sua permanência como tendência literária.

3.2.1 Permanência da tradição regional na literatura contemporânea

Na contemporaneidade, vemos autores da literatura brasileira, nas mais variadas regiões do país, fazer da matéria regional, matéria de sua ficção. Não se trata de um repetir da vida social, representada pela literatura de 1930, na força denunciativa da fome e da miséria desse país, conforme podemos encontrar em romances, tais como **Vidas Secas** de Graciliano Ramos, e **O Quinze** de Rachel de Queirós, mas de vestígios, aspectos, resíduos dessa tradição regional na ficção literária do presente.

Na literatura produzida no Rio Grande do Norte ganham destaque **As filhas do Arco-Íris** (1980), de Eulício Farias de Lacerda; **Lugar de Estória** (1997), **Estórias Quase Cruas** (2002), ambos de Bartolomeu Correia de Melo, dentre outras de suas obras. Nesse âmbito, apontamos também na tradição da literatura regional o escritor norte-rio-grandense, Manoel Onofre Júnior, autor do livro de contos **Chão dos Simples**, que de acordo com Gurgel (2001), é um dos maiores contistas da nossa literatura.

Manoel Onofre Júnior produziu contos cujos resíduos da tradição regional são evidentes. Em narrativas que remetem a um passado simples e bem humorado do homem do campo ou da pequena cidade fictícia, Serra Nova, situada no interior do Estado do Rio Grande do Norte, o autor traz enredos constituídos de tradição, de aspectos regionais que foram repassados e resguardados pelo tempo. Deste modo:

[...] pode-se abordar a tradição regionalista como um fator dinâmico ante as dominantes construtivas do romance romântico brasileiro, da mesma forma

que se pode recorrer a essa tradição para compreender momentos decisivos da moderna literatura brasileira, de modo a promover releituras da sua permanência no sistema literário como um todo. (ARAÚJO, 2010, p. 212).

Por esse motivo, não havendo uma ruptura nas tendências regionalistas, pelo contrário, havendo uma permanência, é que podemos falar de tradição literária. “Graças à tradição, certa continuidade de elementos do sistema constituído pode ser vista como reação às imposições da uniformizante ordem vigente do mercado cultural” (ARAÚJO, 2010, p. 220-221). Nessa perspectiva, é que Candido (2002, p. 86-87) afirma que:

[...] é forçoso convir que, justamente porque a literatura desempenha funções na vida da sociedade, não depende apenas da opinião crítica que o Regionalismo exista ou deixe de existir. Ele existiu, existe e existirá enquanto houver condições como as do subdesenvolvimento, que forçam o escritor a focalizar como tema as culturas rústicas mais ou menos à margem da cultura urbana. O que acontece é que ele vai modificando e adaptando, superando as formas mais grosseiras até dar a impressão de que se dissolveu na generalidade dos temas universais, como é normal em toda obra bem feita [...].

Mediante o que foi declarado por Candido, situamos hoje o Regionalismo no campo da tradição literária, como algo que se deseja perpetuar, como a força cultural de um povo a ser propagada para além de um tempo específico. São histórias que devem ser repassadas através das gerações para a manutenção de um legado cultural e memorial, salvaguardando as suas singularidades e a nota dominante do regionalismo no contexto contemporâneo.

Para corroborar com esta linha de pensamento, trazemos a pesquisa de Chiappini (1995), em seu artigo “Do Beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura”, a qual promoveu um estudo de base teórica sobre os fatores que determinaram o regionalismo como uma tendência literária desde o romantismo, bem como a sua permanência em dias hodiernos, no qual constatou que:

Um levantamento bibliográfico feito em 1992-93 e o contato com vários especialistas no assunto em diversas universidades europeias confirmaram uma suspeita: a de que o regionalismo, que setores da crítica literária brasileira consideravam uma categoria ultrapassada, continuava presente e, até mesmo, tinha-se tornado tema de pesquisas muito atuais, ganhando uma amplitude maior na intersecção dos estudos literários e artísticos, históricos e etnológicos. (CHIAPPINI, 1995, p. 155).

Dessa forma, com o intuito de resguardar valores e costumes de um estilo de vida simples e não simplista, o regionalismo vem assumindo ao longo de séculos uma posição reacionária, a priori, à industrialização e à modernização, segundo Chiappini (1995). Hoje, à globalização. Para a autora, “o regionalismo é um fenômeno universal”, em que muitas vezes, atua mais fortemente como corrente de escritores que procuram valorizar em sua escrita, as características e costumes de uma determinada região rural, em detrimento de valores e hábitos de quem vive na cidade. “Historicamente [...] a tendência a que se denominou regionalista em literatura vincula-se a obras que expressam regiões rurais e nelas situam suas ações e personagens, procurando expressar suas particularidades linguísticas” (CHIAPPINI, 1995, p.155). Esse elemento regionalista consiste em retratar, de forma verossímil, a vida do homem rural, com todas as peculiaridades, que resistem aos avanços da modernização.

O fato de existirem autores que se dedicam a esse tema “fora de moda”, considerado morto por alguns escritores, é que o regionalismo tem se mantido ativo e resistente, não apenas nas letras brasileiras, mas de outros países, durante quase dois séculos. Entretanto, esse estudo sobre o tema, produz um certo desconforto, segundo Chiappini (1995), o qual a levou a pensar e discutir sobre as dez teses do regionalismo.

Mas remar contra a maré sempre traz um certo mal-estar. E só recentemente eu percebi que esse mal-estar tinha muito a ver com uma divisão que o mesmo regionalismo provoca no pesquisador: entre o desagrado ante a maior parte das obras dessa tendência, porque estreitas, esquemáticas, pitorescas, superficiais e condenadas “ao beco que não sai do beco e se contenta com o beco” no dizer de Mário de Andrade, e a atração que exercem sobre ele principalmente aquelas que conseguem superar as dificuldades próprias do projeto regionalista e que, como tal, ganham o estatuto de obras-primas tão ou mais significativas esteticamente do que qualquer romance ou conto urbano com pretensão cosmopolita. (CHIAPPINI, 1995, p. 155).

A pesquisadora atenta para as obras que não alcançam o valor estético e ideológico das grandes obras consideradas por críticos no assunto, e mantêm-se no beco, à margem da literatura. Em contrapartida, há aquelas que superam essas expectativas e se colocam no patamar de grandes obras, atingindo o belo. Essa bipartição na tendência, ou seja, em que há um regionalismo de menor valor estético e, por isso, desconsiderado pela crítica, camufla, de certa forma, o valor estético de grandes escritas regionalistas.

Mas pensar na tendência regionalista, em seu conteúdo estético e ideológico e em suas transformações ao longo das décadas, é dinamizar o processo de escrita literária, ao ponto de reconhecer que cada uma dessas obras de maior ou menor valor, atenderam a um fim, o de representar uma região, seja ela nacional ou rural. Nessa linha de pensamento, Chiappini (1995, p. 154) enfatiza que:

[...] se é verdade que o regionalismo como movimento e criação de obras serviu a políticas nacionalistas estreitas e totalitárias, como a do "Sangue e Solo" de Hitler ou a da "França Profunda" de Vichy, não é menos verdade que também tem, nesses e em outros países, contestado essas mesmas políticas e aproximado solidariamente o leitor da cidade do homem pobre do campo, auxiliando-nos a vencer preconceitos, respeitar a diferença e alargar nossa sensibilidade ao descobrir a humanidade do outro de classe e de cultura.

Dessa maneira, perceber que o regionalismo atendeu a temas nacionalistas, como forma de representar uma política, uma ideologia de uma determinada nação, não é desconsiderar que tal tendência ganha o estatuto de literatura universal, quando consegue representar de forma verossímil, a vida do homem do campo, contrapondo-o ao estilo de vida citadino. Contudo, essa contraposição não tem o intuito de separar, mas de aproximar esses dois mundos, como forma de aceitação de maneiras distintas de vidas. Assim, refletindo sobre o assunto, as teses apresentadas pela estudiosa, ajuda-nos a compreender o tema e sua transformação no campo da literatura.

Nesse contexto, a autora aborda um dos aspectos do regionalismo, o qual abrange todas as letras que trazem os temas que tratam de costumes, crenças, tradições de uma dada região do país. Daí temos o regionalismo nordestino, o gaúcho, o paulista, nos quais os temas rurais se misturam com os temas urbanos. Para Chiappini (1995), há nesse caso, observando as peculiaridades, movimento regionalista de maior ou menor intensidade. Nesse contexto podem ser situados os contos de Manoel Onofre Júnior, os quais se referem a uma cidade do interior potiguar. Dentre eles, apontamos para "Jesuíno Brilhante", conto lido durante a intervenção com os alunos, que fala sobre a história do cangaço, vivenciada no sertão nordestino, mais precisamente nos estados de Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e Sergipe. O enredo apresenta um pequeno grupo de cangaceiros liderado por Jesuíno, enfrentando a seca e a fome, em um desalento narrado com comicidade.

Xexéu começou a cantar pra espantar a fome:
Corujinha, que vida é a tua?
Bebendo cachaça, caindo na rua?

Duas ou três vozes responderam:

Isto é bom, Corujinha!

Isto é bom...

A cantiga morreu logo. Não tinha graça, agora. Fome excomungada roendo todo mundo por dentro.

– Saco vazio não se põe de pé. (ONOFRE JR., 2014, p. 99).

A ficção encontrada em “Jesuíno Brilhante” faz parte da nossa história a qual foi transmitida oralmente através de gerações, por isso, tradição. A tradição regional é parte constitutiva desse conto. Fato que podemos comprovar através da linguagem, da cultura, da própria história do cangaço, do tempo e das ações das personagens, representadas na narrativa.

[...] através da tradição, algo é dito e o dito é entregue de geração a geração. De certa maneira, estamos, pois, instalados numa tradição, como que inseridos nela, a ponto de revelar-se muito difícil desembaraçar-se de suas peças. Assim, através do elemento dito ou escrito, algo é entregue, passa de geração em geração, e isso constitui a tradição – e nos constitui. (BORNHEIM, 1987 apud ROCHA, 2016, p. 25).

Chiappini, em suas teses, discorre sobre os pontos cruciais pelos quais perpassou o regionalismo durante quase dois séculos. Desse modo, a autora atenta para um dos grandes momentos dessa tendência que foi de afirmação de uma identidade, seja ela nacional, ou de parte de uma região. Além disso, a autora aponta para a complexidade de se estudar um tema intrinsecamente mutável em seus constituintes, o que provoca pontos de vista e opiniões distintas sobre o assunto, além de gerar uma certa instabilidade entre as críticas de estudiosos. “Estudar o regionalismo hoje nos leva a constatar seu caráter universal e moderno. Surgindo como reação ao iluminismo e à centralização do Estado-nação, hoje se reatualiza como reação à chamada globalização” (CHIAPPINI, 1995, p. 156). Como podemos ver, estudar, pesquisar, desenvolver uma crítica sobre o regionalismo não é algo fácil, devido ao seu caráter constitutivo, pois, como já dissemos, extrapola o campo literário, perpassa por diferentes teorias, ou formas de denominá-lo. Inclui obras e autores consagrados, mas também abrange escritores populares, diferenciados pelo valor estético da obra. É um campo vivificado pela sobrevivência perene ao que lhe é imposto.

A estudiosa argumenta que: “Do ponto de vista dos estudos literários, o regionalismo é uma tendência temática e formal que se afirma de modo marginal à “grande literatura”, confundindo-se frequentemente com a pedagogia, a etnologia e o

folclore” (CHIAPPINI, 1995, p. 156). O fato é que determinados escritores não tinham a intenção de escrever obras regionalistas, segundo a autora. Mesmo com a qualidade estética de suas obras evidenciadas, elas não atendiam às especificidades da tendência. Exemplo disso no Brasil estão João Simões Lopes Neto e Euclides da Cunha, cujo interesse estava em escrever suas histórias que, apesar do cunho regionalista, foram duramente criticadas pelos teóricos.

De acordo com o ponto de vista da ensaísta, vemos a necessidade de distinguir o regionalismo como um movimento que retrata apenas um dado momento histórico, no qual é representado um contexto político e ideológico de uma referida época, de um regionalismo preocupado em apresentar a vida do homem simples do campo de forma verossímil, com o intento de quebrar preconceitos. Este traz na sua essência estética, as particularidades de uma região que, marginalizada, ganha a sua real denotação de localidade rural, a qual não é inferior da localidade urbana, apresentam apenas modos de vida diferentes.

O regionalismo lido como uma tendência mutável onde se enquadram aqueles escritores e obras que se esforçam por fazer falar o homem pobre das áreas rurais, expressando uma região para além da geografia, é uma tendência que tem suas dificuldades específicas, a maior das quais é tornar verossímil a fala do outro de classe e de cultura para um público citadino e preconceituoso que, somente por meio da arte, poderá entender o diferente como eminentemente outro e, ao mesmo tempo, respeitá-lo como um mesmo: “homem humano”. (CHIAPPINI, 1995, p. 157).

Vemos tais características no conto “Jesuíno Brilhante”. Nesse conto específico, vemos a maestria do autor ao imbricar elementos políticos e ideológicos vividos em uma região às dificuldades enfrentadas pelos moradores dessa mesma região. Em “Jesuíno Brilhante”, conhecemos a história a partir de um narrador onisciente neutro. O cangaço e as consequências que ele impunha por onde passava estão bem tecidas na narrativa. Os aspectos do movimento político e ideológico, denominado de cangaço, transcendem a geografia e se estabelecem no contexto da tradição regional. O caráter verossímil da narrativa compõe outro ponto fulcral nesse conto. A história vivida por Jesuíno e demais personagens foram tão bem tramadas que confundem a ficção com a realidade. O comando do líder e a submissão dos demais são evidentes em cada parte desse conto, sem que este pareça, em momento algum, um conto agressivo. Mesmo quando a personagem representada pela mulher abordada pelos cangaceiros fica apavorada com a presença dos tais, mostrando

assim, o lado humano da mulher e do próprio Jesuíno quando a acalma com suas palavras. Observe a afirmação em um dos trechos de “Jesuínio Brilhante”:

Pela janela da cozinha a mulher viu os homens se aproximando. Ela estava sozinha em casa; o marido mais os filhos, longe, no roçado. **Apavorada, soltou a mão de pilão e quase esbagaçava um pé. Ficou que nem estauta, de medo; não havia nada que tirasse ela do lugar. Mas, com pouco, foi lhe dando uma tremedeira.** – “Valha-me, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro!” Correu, foi buscar o rosário, conforto das apertadas horas. Com ele na mão, ajoelhou-se diante do Coração de Jesus, na sala da frente, e ficou rezando.

Jesuínio, chegando à porta da frente, viu a cena.

– **Carece de ter medo, não, dona. Somos de paz – disse o cangaceiro. – Só estamos é com muita fome. Será que não tem aí uma comidinha pra nós?** A mulher, branquinha, gaguejou “esteja a cômodo, Seu Jesuíno, se abanque, a casa é sua. Com licença, vou preparar o comer”. (ONOFRE JÚNIOR, 2014, p. 100).

Chiappini também atenta para as dificuldades que os escritores regionalistas enfrentaram ao abordar em suas obras, a vida rural, a linguagem peculiar do homem do campo, o pitoresco. Atingir o real status dessa tendência foi uma dura conquista. Porém, como uma pedra bruta a ser lapidada, assim foi o regionalismo, aperfeiçoando-se sempre mais. Para Chiappini (1995, p. 157- 158):

[...] o grande escritor regionalista é aquele que sabe nomear; que sabe o nome exato das árvores, flores, pássaros, rios e montanhas. Mas a região descrita ou aludida não é apenas um lugar fisicamente localizável no mapa do país. O mundo narrado não se localiza necessariamente em uma determinada região geograficamente reconhecível, supondo muito mais um compromisso entre referência geográfica e geografia ficcional.

Nesse sentido, Onofre Júnior parece não ter tido dificuldades de retratar a vida e a linguagem do homem do interior, pois podemos perceber o quão apropriados são os recursos estilísticos que o autor utiliza para representar com verossimilhança a vida e a linguagem de suas personagens, e é exatamente essa aproximação da ficção com a realidade que eleva suas narrativas à literatura universal. Veja um outro trecho de “Jesuínio Brilhante”:

A mesa pronta, os cangaceiros avançaram para os pratos, que nem urubus em carniça. Um deles, Cascavel chamado, cabra antipático e presunçoso, disse fazendo careta:

– Esta merda não tem um tico de sal.

Jesuínio ouviu.

– **Dona, me traga aí um litro de sal – falou ele, que mais parecia uma fera. Em dois minutos o sal veio.**

– **Agora, coma – disse ao cabra.**

E com a voz engrossando, cada punhal no olhar:

– Estou mandando comer o sal.

O cabra, foi como se tivesse levado um soco, ficou de crista caída. Não teve conversa, comeu sal até o chefe dizer “chega!”.

Depois, veio muito piedoso, “me desculpe, sinha dona, não tive tenção de lhe ofender” – um santo. (ONOFRE JÚNIOR, 2014, p. 101).

A representação do espaço regional está intrínseca na obra, e a extrapola, apontando para o contexto histórico-social, no qual o texto foi escrito. Nesse aspecto, é a simbologia representada pela ficção que transporta o texto do regional para o universal. Neste caso, “Jesuíno Brilhante”, representação de um dos marcos da história do Nordeste brasileiro, o cangaço, extrapola a caráter regional dessa narrativa, atingindo o patamar de literatura universal, devido ao valor cultural dos acontecimentos como o cangaço, a supremacia do líder, o comportamento da senhora ao recorrer ao rosário de Nossa Senhora nas horas aflitas, a linguagem peculiar do homem rural, os detalhes do espaço e das personagens.

A autora ainda aponta para a força do regional ao manifestar-se como universal dado o seu caráter simbólico. Observando as teses de Chiappini (1995), e tomando como exemplo apenas “Jesuíno Brilhante”, vemos que podemos situar os contos de Onofre Júnior em parte delas. O escritor potiguar ao narrar histórias ocorridas em Serra Nova e seus arredores, consegue transcender os contos do regional ao universal, uma vez que seus enredos trazem as particularidades mais singelas do homem do interior. Os vinte e três contos do livro **Chão dos Simples** apresentam riquezas de detalhes do espaço físico e das personagens, além de trazerem a linguagem peculiar do homem do campo com naturalidade. Nos contos, nada surge como forçoso, superficial, pelo contrário, os enredos são leves, descontraídos. O riso se desprende, muitas vezes, pelos traços da tradição regional presentes nas falas e ações das personagens.

3.3 A PRESENÇA DO RISO EM CHÃO DOS SIMPLES

O escritor potiguar, Onofre Júnior, além de tomar como o tema de suas letras a tradição regional, ao falar da vida do homem do interior e especificar com clareza as peculiaridades da vida no campo, no cenário da literatura contemporânea, o fez com muito bom humor. Os contos do livro **Chão dos Simples** retratam na ficção a vida de homens, mulheres, crianças, animais, com um certo tom de comicidade. Em alguns

contos, o riso é mais sutil, em outros, o riso é mais intenso. O humor que permeia alguns contos como “Dia de Juízo”, por exemplo, é um humor inteligente, que se constrói, em meio a uma confusão em Serra Nova e um aglomerado de vozes. Críticos da literatura norte-rio-grandense apontaram para a maestria de Onofre Júnior, ao escrever seus contos. Para demonstrar um pouco das características do humor em suas letras, tomamos como corpus “Dia de Juízo”, porém, antes da análise do conto, observemos um pouco sobre a relevância do humor, do riso e do cômico na literatura.

Em uma sociedade em que prevalece a convenção do sério, da austeridade, do rigor ético frente à avaliação daquilo que o outro pensa ao nosso respeito, o humor vem como um ataque ao que está posto. É portanto, um antídoto para quebrar essa seriedade, para sensibilizar, para conquistar o riso. Por isso, rimos daquilo que entendemos, talvez por conseguirmos ir além desse próprio entendimento. Rimos de palavras, situações. Rimos de coisas que até poderiam nos provocar o choro. Há quem diga que rimos para não chorar. Para Minois (2003), o humor está em todo lugar, e não é um bem específico a um povo, a uma religião, é universal, e essa talvez seja uma de suas maiores qualidades.

A primeira qualidade do humor é precisamente escapar a todas as definições, ser inapreensível, como um espírito que passa. O conteúdo pode ser variável: há uma multiplicidade de humor, em todos os tempos e em todos os lugares, desde o momento em que, na mais remota pré-história, o homem tomou consciência dele mesmo, de ser aquele e ao mesmo tempo de não o ser e achou isso muito estranho e divertido. O humor surge quando o homem se dá conta de que é estranho perante a si mesmo; ou seja, o humor nasceu com o primeiro homem, o primeiro animal que se destacou da animalidade, que tomou distância em relação a si próprio e achou que era derrisório e incompreensível. (MINOIS, 2003, p. 79).

O humor é perceptível por um ser espirituoso, que consegue enxergar que o tudo é nada, no curto espaço da vida. Talvez o ponto fulcral do humorista, seja perceber que a sua existência é tão inconstante que chega a ser ridícula em alguns aspectos. Ele apreende derrisoriamente o que está a sua volta. Seguindo essa linha de pensamento, Carlyle ([19--?] apud MAYA, 2007, p. 16) afirma que:

O humor verdadeiro [...] tem a sua fonte no coração mais do que na cabeça. Dir-se-ia ser o bálsamo que o espírito generoso esparge sobre os males da vida e que só um nobre espírito tem o dom de dispensar. O humor é, pois, compatível com os sentimentos mais sublimes e mais ternos, ou para dizer melhor, não poderia existir sem tais sentimentos.

O riso, como um dos constituintes do humor, vem com o desejo de quebrar aquilo que é posto como convencional. Em um cenário cujas vidas são repletas de agruras e os problemas sociais fazem parte do cotidiano do indivíduo, rir torna-se um bálsamo para a alma. Rir de si, rir do outro, rir da vida. Rir não como forma de causar constrangimentos a algo ou a alguém, mas rir como forma de superar a realidade. O humor torna leve a aspereza da vida, contrapondo-se ao que é instituído e à ordem de seriedade do mundo. Pensado assim, situa-se no lugar da:

[...] falta de simetria, na desproporção; desdobra-se em riscos mordentes de caricatura; é arte do riso, espiritualizado, multiplicado pela expressão e pelo timbre, desde a grande gargalhada brutal, demolidora, até a leve crispatura dos lábios em flor de desordem. (MAYA, 2007, p. 14-15).

Por essa razão, o humor, o cômico, a ironia e o riso são categorias recorrentes na literatura e o “espaço do indizível” como instrumento contrário ao postulado da razão consensual. Para Alberti (2002), muito próximo ao humor, o riso partilha, com categorias como o jogo, a arte, a ironia, dentre outras, compreendendo o espaço do indizível e do impensado, para além da ordem racional das coisas. Nessa direção, são categorias necessárias “para que o pensamento sério se desprenda de seus limites” (ALBERTI, 2002, p. 11). A respeito do riso, diz ainda Alberti (2002, p. 12), “o riso se situa, então, entre a ordem e o desvio, com ênfase no não-oficial e do não-sério”. Para Ritter ([19--?] apud ALBERTI, 2002, p. 12), “o riso tem a faculdade de nos fazer reconhecer, ver e apreender a realidade que a razão séria não atinge”, de modo que “pelo riso se apreende a verdadeira essência do mundo, sua natureza é da desmistificação da ordem racional que legitima a aparência das coisas” e da ordem estabelecida.

Consonantemente:

O estatuto do riso como redentor do pensamento não poderia ser mais evidente. O riso e o cômico são literalmente indispensáveis para o conhecimento do mundo e para a apreensão da realidade plena. Sua posituação é clara: o nada ao qual o riso nos dá acesso encerra uma verdade infinita e profunda, em oposição ao mundo racional e finito da ordem estabelecida. (ALBERTI, 2002, p. 12).

Bergson (2007, p. 2), em sua obra **O Riso**, diz que “Não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano”. O teórico explica que ao vermos uma paisagem, não importa como ela seja, ela não será risível. Contudo, rimos de um animal que se

assemelhe em alguma característica aos humanos, ou de um objeto que usado por um humano, cause algum tipo de comicidade.

Todavia, o autor ainda afirma que para capturar o riso, deve haver uma sensibilidade. Um indivíduo indiferente a sua própria existência, não alcança o espaço do risível. “O riso não tem maior inimigo que a emoção”. (BERGSON, 2007, p. 3).

Não saborearíamos a comicidade se nos sentíssemos isolados. Parece que o riso precisa de eco. [...] não é um som articulado, nítido, terminado; é algo que gostaria de prolongar-se repercutindo de um ponto ao outro, algo que começa como um estrépito para continuar em ribombo [...] Nosso riso é sempre riso de um grupo. (BERGSON, 2007, p. 4-5).

A sensação de prazer que riso provoca no indivíduo é algo imensurável. Não é equivocado afirmar que rir é algo contagiante. Quando rimos por algum motivo, aguçamos a curiosidade de quem está perto, provocamos a rir também. Se pensarmos, rimos sempre de uma situação que se não está acontecendo conosco, poderia estar, então, rimos de nós mesmos. Rimos porque apreendemos o universo a nossa volta e concluímos que em meio a tudo, prevalece o nada, como uma luz que acende e apaga, como nossos olhos que piscam, como dia e noite.

O que parece contrassenso, na verdade não o é. Rimos do nada, todavia, formula-se no pensamento a lógica do riso que pode ser inexplicável para os que não a absorvem. Mas, é alusível para os que a absorvem.

Para compreender o riso, é preciso colocá-lo em seu meio natural, que é a sociedade; é preciso, sobretudo, determinar sua função útil, que é uma função social. [...] O riso deve corresponder a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social. (BERSON, 2007, p. 6).

Desse modo, o riso vai se opor ao siso, ou seja, ao caráter sisudo imposto aos homens e ao mundo. É contra esse princípio de seriedade que reage o riso. E essa é a sua função, a de sensibilizar os homens para perceber a postulação do sério e desmitificá-la.

A literatura, mediante o tema que aborda e a forma como o expõe, pode provocar desde o simples riso até as grandes gargalhadas. Por diluir de forma amena os percalços da vida, humor, o riso é um recurso importante na literatura. E, Manoel Onofre Júnior utiliza bem esse recurso em seus contos. Para nós, o riso não é uma simples temática em um ou em outro conto do autor, na verdade ele é uma categoria-chave, por isso mesmo recorrente na obra **Chão do simples** e, como tal, se inscreve

nela como um dos aspectos importantes de seu regionalismo. Diante disso, podemos dizer que os contos de Onofre, pelo toque de leveza de sua escrita fictícia, trazem como uma das particularidades de seu regionalismo o riso, o humor.

“Dia de Juízo”, que traz em seu enredo a tradição vivida por cristãos durante séculos, esse já é um aspecto sério da narrativa, que conota um certo tipo de humor. O referido conto narra a história de um dia de agonia vivido pelos moradores de Serra Nova, em um sábado de aleluia. A história inicia com rumores de que o fim do mundo está próximo. No entanto, o padre Frederico, vigário da cidade, não admitia aqueles boatos e repreendia os seus fiéis. Padre conservador, rígido, não tolerava nada que expusesse a moral da igreja. Por esse motivo, era criticado e mal compreendido pela maioria deles. Mas havia ainda quem o defendia, como Maria Anunciada. Era a primeira missa daquele sábado de aleluia e toda a Serra Nova compareceu. A igreja mantinha a tradicional decoração, e os ritos católicos que são vividos e reverenciados nesta data tão simbólica para os cristãos durante séculos. Padre Frederico iniciara a solenidade e tinha Inocência como sacristão. A missa rezada em latim, e o povo com ar de respeito, atento a cada detalhe. Contudo, havia, no sertão, a crença de que se em uma missa de aleluia o padre não achasse a aleluia, era porque o fim do mundo chegara, seria o juízo final. E exatamente na hora que o padre Frederico em um ato de reverência, ajoelhou-se para achar a aleluia, mas nada de levantar, foi que o aperreio se instaurou. Os fiéis ficaram apavorados, pois concluíram que o padre não havia achado a aleluia. Na verdade, o pobre padre tinha dado apenas um cochilo, mas era tarde demais. O alvoroço começara, as pessoas desesperadas correram para a rua e nesse exato momento, para piorar a situação, surgiram listras de fumaça branca riscando o céu de uma ponta a outra. O mundo não acabou, mas foi um dia de juízo. Tudo o que estava encoberto naquela cidade veio à tona. Todos procuravam o Padre Frederico para se confessar, quando este passou mal. Foi socorrido por Inocência, mas morreu. O conto narrado em terceira pessoa, apresenta em certos momentos um narrador em primeira pessoa. Observemos trechos do conto:

A epígrafe do conto inicia com um trecho de cordel, tradição regional, advertindo o povo sobre o fim dos tempos:

Isto que estou dizendo
 Eu tenho certeza plena
 Porque Padre Cícero disse:
 Em sessenta o chão empena
 O mundo vai arrochar

E nesse tempo vão dançar
 O chumbrego da morena.
“O Fim do Mundo Está Próximo”
 - Manoel Tomaz de Assis, cantador e poeta popular).
 (ONOFRE JÚNIOR, 2014, p. 87).

Padre Frederico, vigário antigo da cidade, durante os seus sermões, já advertia os seus fiéis acerca das supostas histórias que o mundo iria acabar. “Isso não seria verdade. Deus não faria isso, segundo o padre” (ONOFRE JÚNIOR, 2014, p. 87). Como podemos ver, já no início do conto, o padre mostra a influência que exerce sobre o seu rebanho. Perceba o humor que permeia o conto. Nenhum outro lugar pode ser convencionalmente mais sério do que um lugar religioso, haja vista ser um espaço sagrado que mexe com o imaginário das pessoas. Minois (2003, p. 112) diz que: “o riso não é natural no cristianismo, religião séria por excelência”. Contudo, o comportamento sisudo com o qual o padre encara os comentários do fim do mundo, já nos induz ao riso.

É importante perceber também, que o conto está impregnado da tradição regional. A citar: a igreja católica em período de Semana Santa; os boatos do fim do mundo que faz parte da tradição oral, a qual é repassada por gerações; a missa de Aleluia; o comportamento de um vigário sério, cumpridor dos dogmas da igreja; a pequena cidade de Serra Nova e os seus moradores. “A vontade de tradição está em querer-se tradição, e ela se quer tão totalmente tradição que se pretenda eterna, denominando não apenas o passado e o presente, mas o próprio futuro, porquanto tudo pode ser previsto, exige-se antecipação [...]” (BORNHEIM, 1987, p. 18). Nesse sentido, a tradição da igreja quer-se tradição, ou melhor, ela necessita dessa tradição para seguir adiante.

No conto, o vigário é descrito como, “Homem magro e já velho, tinha a fama de ser rígido com “a moral e o decoro na casa do senhor” (ONOFRE JÚNIOR, 2014, p. 88). O povo o tolerava. Alguns o defendiam por não ter os defeitos que outros vigários tinham. “É a rigidez que parece suspeita à sociedade. É, pois, a rigidez [...] que nos faz rir, ainda que essa rigidez no caso seja honestidade” (BERGSON, 2007, p. 103). O humor vai se entrelaçando no conto, através também da descrição das personagens, expondo-as com seu comportamento não convencional, ao desvio da ordem, como o Pe. Ananias citado no trecho abaixo:

O povo tolerava esta e outras besteiras de Padre Frederico, porque, inclusive, já o tinha na conta de tradição local. O velho sacerdote escondia – segundo a expressão de Maria Anunciada – “um coração de ouro”. Além disso não puxava o saco da mulher do coronel Sinhô, como o vigário anterior, **e nem metia-se em porres de vinho e coisas menos bem-vistas, como Pe. Ananias, de Boa Esperança.** (ONOFRE JÚNIOR, 2014, p. 88).

O Pe. Ananias profanava explicitamente o posto de sacerdote da igreja, e por isso mesmo, já era punido com juízes de valor, por pessoas que aparentemente tinham uma conduta irrepreensível. Será?

Dando sequência ao conto, o narrador enfatiza que o pobre padre já velho já não cumpria bem o seu ofício. Tendo em vista as sequências dos fatos seguintes:

Corre ali no sertão uma crendice de que, se o padre, na missa da aleluia, não achar a dita aleluia, acontecerá o Juízo Final. **“Achar a aleluia”, isto é, ver no missal a palavra símbolo da ressurreição, o que se dá, segundo o ritual católico, logo após a queda do celebrante, a figura deste estendida sobre os degraus do altar, a significar humildade. Pois bem, naquela missa, no momento da queda, Padre Frederico prostrou-se, dramático, mas nada de levantar-se. Os fiéis já inquietos. Boatos surgindo em sussurros: “Ele não achou a aleluia, valha-nos Deus!”. Quando se verificou que o padre estava apenas cochilando, a histeria já dominava a igreja de uma ponta a outra.** (ONOFRE JÚNIOR, 2014, p. 89).

Nesse momento, a história cita uma tradição oral que corria pelo sertão, o fato de “achar a aleluia”. A tradição oral, segundo Rocha (2016) é aquela que é repassada oralmente pelas gerações, sem qualquer registro escrito e se perpetua como tradição. Na narrativa, esse é um dos pontos mais humorísticos, a quebra da expectativa: o vigário que não achou a aleluia porque deu um cochilo em plena missa. A partir daí sucede uma série de fatos. Um desses fatos foi o coincidente surgimento de listras de fumaça no céu, o que aumentou a histeria e o desespero do povo.

No exato instante em que tais fatos sucediam, outros, mais graves, começavam a convulsionar as ruas e a praça da matriz, para onde, aliás, já haviam corrido, apavoradas, algumas pessoas da igreja. Estranho fenômeno estava deixando todo mundo de cara voltada para cima, olhos arregalados, boca aberta. Umhas grandes listras de fumaça branca riscavam de norte a sul o céu de Serra Nova. Que danado seria aquilo? As listras estiravam-se paralelas no meio do azul, faziam curvas e até davam cambalhotas. (ONOFRE JÚNIOR, 2014, p. 89 - 90).

A comunidade, achando que o mundo acabaria, queria contar os seus pecados para o padre. O desespero em meio aos caos provoca o riso dos leitores. O humor consiste na exposição da vida das personagens. A postura que elas tinham perante o outro e perante à igreja era uma farsa.

Nessas circunstâncias, podemos dizer que o conto, ora em análise, através do riso como categoria contrária à razão, é capaz de provocar desordem na ordem religiosa instituída. Diríamos de outro modo, problematiza a seriedade do discurso religioso, mexe com a tradição do conhecimento bíblico, desmistifica o sagrado e ganha ares de profanação, porque por traz do riso há muita ironia. Através do comportamento do padre, toda a Igreja é profanada. Daí, o conto faz transitar, por meio do riso, lado a lado o sagrado e o profano, sendo da ordem deste, porque o seu papel é a ordem em desordem, estabelecer o caos.

Ninguém queria morrer cheio de pecados. Na correria pela confissão, Inocêncio parecia ser o mais desesperado, a apresentação de Inocêncio como alguém muito religioso, mas que tem um pecado condenável, bem como a linguagem utilizada pela personagem são outros elementos humorísticos e estimulantes do riso.

Engraçado foi Inocêncio sacristão. Inocêncio correu feito louco atrás de Padre Frederico, querendo por fina força se confessar; tinha um pecado – gritava, aflito – que nunca havia dito nem no confessional. **“Ai, que se eu não encontro o padre vou direto para o inferno. Meu Jesus, misericórdia! Desde menino eu tenho esse pecado escondido”**. (ONOFRE JÚNIOR, 2014, p. 91).

Minois (2003, p. 112) diz que:

O riso é ligado à imperfeição, à corrupção, ao fato de que as criaturas sejam decaídas, que não coincidam com seu modelo, com sua essência ideal. É esse hiato entre a existência e a essência que provoca o riso, essa defasagem permanente entre o que somos e o que deveríamos ser.

O fato é que não foi apenas Inocêncio, mas a cidade inteira vivia clandestinamente fora das convenções exigidas pela igreja, principalmente. “Risível será, portanto, uma imagem que nos sugira a ideia de uma sociedade fantasiada e, por assim dizer, de uma mascarada social” (BERGSON, 2007, p. 33). Diante de um suposto fim, as pessoas começaram a se enxergar de fato, as máscaras caíram. Quem queria ir para o inferno? Ora, apareceu a sociedade em peso, mostrando seu verdadeiro eu, diante de um iminente fim. Era Dona Carmem pedindo perdão ao seu marido, Seu Anastácio, por traí-lo tanto tempo; Nezim da Camboa, fazendeiro avarento, querendo distribuir tudo o que tinha com os seus trabalhadores.

Quando a noite caiu, cheia de presságios, Serra Nova toda, apinhada em frente à matriz, respondia (*) Sutil referência à amada, há pouco falecida. a

ladainha tirada por Padre Frederico, enquanto o final dos tempos não vinha. Grande fila formou-se para a confissão. **Beatas altercavam por um lugar na fila. Algumas delas trocaram desaforos, foram às tapas.** “Isto era demais” – pensou Padre Frederico. Aquele dia enchera-lhe as medidas. Para nunca mais. Um inferno. E foi o seu último pensamento. Ainda no confessional, sentiu-se mal. (ONOFRE JÚNIOR, 2014, p. 92-93).

Para Bergson (2007, p. 33), “O lado criminoso da vida social deverá, pois, conter uma comicidade latente, que só precisará de uma oportunidade para vir à luz”. Em “Dia de Juízo” essa oportunidade foi o fato de o povo acreditar em uma crença popular, que daria um sinal do fim do mundo, e terem caído justamente nessa armadilha. O mundo tem um fim para todos, mas parece que ninguém está preparado.

De fato, o comportamento inusitado do padre profanou a igreja, não tinha mais como voltar atrás. Ironicamente, todos com suas reputações imaculadas foram expostos com algum tipo de má conduta. Quem realmente eram os fiéis da igreja? O riso recai sobre a decadência dessa igreja, cuja ordem repentinamente se transforma em desordem e estabelece o caos, lugar sagrado que descobre o profano. O conto finaliza com o fim do mundo apenas para o Padre Frederico que não aguenta a agonia e morre como um passarinho. O mundo não acabou para os moradores de Serra Nova, mas foi um “dia de juízo”.

Nesse conto, a tradição regional abarca a igreja católica e seus eventos tradicionais, a linguagem das personagens, inclusive a missa rezada em latim: – “Dominus vobiscum. / – Et cum spiritu tuo – respondia o sacristão Inocêncio. / – Amém” (ONOFRE JR., 2014, p. 89). Outras expressões da linguagem regional ditas pelo narrador podem ser destacadas, como: “Rebuliço na praça que nem em dia de festa. Gente correndo, se atropelando, o estouro da boiada. Mulheres com ataques de histeria. Valentões pedindo penico. Crianças aos berros. E um chororô, um coro de lamentações sem fim” (ONOFRE JR., 2014, p. 90). A cultura das personagens, em seguir “fielmente” os dogmas da igreja, os costumes e as crenças. Os eventos ocorridos em uma cidade do interior, onde as pessoas sabem da vida de todos. Tais fatores corroboram para um dos melhores e mais risíveis contos de Manoel Onofre Júnior. Podemos dizer que, em “Dia de Juízo” a tradição regional e o riso caminham lado a lado.

Esse é o humor, o riso que analisamos junto aos alunos, pelo teor estilístico e estético, que faz da literatura popular um atrativo que atende a expectativa de críticos

literários exigentes, além de entretecer desde os leitores mais simples até os mais cultos.

3.4 OS CONTOS DE MANOEL ONOFRE JÚNIOR: RISO E TRADIÇÃO REGIONAL NA SALA DE AULA

Serra Nova, cenário dos enredos de **Chão dos Simples**, é uma pequena cidade do interior, semelhante a tantas outras cidades do Rio Grande do Norte. Embora seja fictícia, Onofre Jr. afirma em entrevista² que nos foi concedida, que a cidade traz um tanto de memória da cidadezinha de sua infância, Martins.

Falando um pouco sobre como iniciara sua escrita, Onofre Jr. declara que a princípio quatro contos foram escritos: “A Primeira Feira de José”, que a priori era um livro; “A dos Santos”, o qual foi reescrito retirando e recolocando a história do aborto de Mariquinha; “A Cruviana”, título que rendeu-lhe o apelido de Cruviana, dado por Câmara Cascudo; e “Joca”, que teve como primeiro título, “Um caso de Serra Nova”. Os outros contos foram sendo escritos com o tempo.

Apesar da leveza dos enredos, e o prazer propiciado pela leitura de cada um dos contos, não foi possível trabalhar todos eles em sala de aula, devido ao curto espaço de tempo. Todavia, a grande maioria dos contos foi lida pelos alunos por mero prazer. Destarte, falaremos um pouco sobre um dos contos que foi lido com a intencionalidade de promover o letramento literário. Na ocasião da intervenção, quatro contos foram lidos com esse intento: “Jesuíno Brilhante” (Anexo A), “Dia de Juízo” (Anexo B), “A Bestinha de Antonino” (Anexo C) e “Artes e Tribulações de um Cigano em Umarizal” (Anexo D).

Para critério de análise das categorias do riso e da tradição regional na sala de aula, tomamos como base o conto “Artes e Tribulações de um Cigano em Umarizal”. Neste conto, podemos evidenciar elementos tanto do humor, causador de um riso solto quanto da tradição regionalista.

O referido conto, tomado como *corpus* para esta explicitação, narra a história de seu Chico Antão, fazendeiro que andava muito angustiado porque suas bestas do coração dera a comer barro. As pobres estavam perdendo todo o peso, para o desespero do dono, que não sabia o que fazer. Seguiu todos os conselhos que lhe

² Entrevista que o escritor Manoel Onofre Júnior nos concedeu, em 10 de outubro de 2017, na Academia Norte-rio-grandense de Letras, Natal/RN, para falar sobre a sua obra **Chão dos Simples**.

davam, tudo pelo bem de suas bestas, mas nada de cura. E, aos poucos, começou a morrer uma, depois outra. Até que um dia, passando por suas terras rumo à Umarizal, João Garcia, um cigano, junto com seu bando, tangendo burros e cavalos velhos para vender na feira, resolveu pedir estadia a seu Chico. Na verdade, o fazendeiro era cismado com ciganos mas, com o seu bom coração, deixou que ficassem. À noite, João Garcia se encostou no alpendre onde o assunto era as bestas de seu Chico. João, ao ouvir o assunto, não demorou a dar um conselho. O remédio era raiz de mofumbo e aquelas bestas nunca mais comeriam barro. Seu Chico, muito agradecido, despediu-se do cigano, presenteando-o com dois queijos de manteiga, e este logo tratou de partir com seu bando. Sem mais demora, o fazendeiro mandou comprar a raiz de mofumbo e botou para as bestas. As coitadas, assim que tomaram o tal remédio, começaram a se debater e foram caindo uma a uma, até estarem todas mortas para o infortúnio e ira de seu Chico Antão, que agora queria matar o cigano. Mas este já estava longe se vangloriando de seus feitos: a morte das bestas, a venda de animais velhos e com defeitos na feira de Umarizal. Quando de repente é surpreendido pelos gritos da cigana Erineide, avisando-o que seu Chico Antão acabara de chegar. João Garcia, se borrando de medo, tenta fugir. E assim, o conto termina.

O conto parafraseado está imbuído de tradição regional, uma vez que traz a figura mística do cigano e o seu comportamento burlesco, que é transmitido através das gerações. As pessoas costumam temer o cigano pelo seu caráter duvidoso. Ademais, a maior parte da narrativa ocorre na fazenda de seu Chico Antão e em Umarizal, cidade do interior potiguar. A linguagem das personagens, o comportamento delas, o espaço da narrativa são outros elementos que constroem a tradição regional. Todos esses fatores atrelados às peripécias de João Garcia, o cigano, garantem o riso em “Artes e Tribulações de um Cigano em Umarizal”.

Seu Chico Antão, da Malhada Grande, andava às voltas com um problema sério. Suas bestas de estimação deram para emagrecer que nem ossadas ambulantes. A causa daquilo não era falta de pasto, pois sobrava capim nos cercados. Era que as danadas tinham pegado o hábito de comer barro. No paito, às barbas do dono, elas ficavam assim a tarde inteira. Seu Chico Antão, em desespero, mandava tangê-las para longe. Que fazer para acabar com aquele vício? Só prendendo as bestas num curral cimentado – o que era inviável.

Certo dia, uma delas amanheceu morta. No dia seguinte, outra. Pessoas davam os mais diversos conselhos ao fazendeiro: dê sal; não dê sal, dê resíduo. E Seu Chico fazia como lhe diziam. Mas em nada melhorava a situação. (ONOFRE JÚNIOR, 2014, p. 67).

O aperreio do fazendeiro era tão grande, que fez dele um fantoche nas mãos dos outros. Até aparecer lá por suas terras, um bando de cigano liderado por João Garcia. Povo que, na verdade, não era bem da simpatia de seu Chico. Mas esse, com seu coração mole, permitiu que os ciganos passassem a noite. Conversando na varanda com os seus vizinhos, seu Chico, desolado, desabafava o problema das bestas. O caso das bestas nos faz rir, muito mais pela forma como é narrado. Seu Chico não media esforços para curar as bichinhas. Dava uma coisa, dava outra, tudo o que lhe ensinavam, ele fazia. Nesse caso, “a personagem acredita estar falando e agindo livremente, personagem que, por conseguinte, conserva o essencial da vida, mas que, vista de outro lado, aparece como simples brinquedo nas mãos de outra, que com isso se diverte” (BERGSON, 2007, p. 57). Veja como a citação se traduz nas ações de Seu Chico e João Garcia. Foi então que João Garcia encostou no alpendre. A presença do cigano já traz uma certa comichão, haja vista o próprio fazendeiro que não simpatizava com o tipo, o acolhera, talvez por superstição. Naquele momento:

O assunto era o mal das bestas. Todo mundo dando palpite.

– Ora – disse o cigano – bastava dar raiz de mofumbo, que elas nunca mais comiam barro.

Seu Chico Antão ficou muito satisfeito e grato, tanto que passou a tratar o hóspede na palma da mão. E, antes deste continuar viagem, na madrugada seguinte, deu-lhe de presente dois queijos de manteiga. (ONOFRE JÚNIOR, 2014, p. 68).

Seu Chico logo tratou de dar a raiz de mofumbo para as bestas, não deu noutra, uma a uma, morreram todas as bestas. O fato de como as bestas morreram, faz-nos rir por quebrar a expectativa de uma cura que seu Chico tanto ansiava. Nessa perspectiva, o riso ocorre “devido ao esforço que de repente cai no vazio” Spencer, citado por Bergson (2007, p. 63). Mas fato é que isso deixou seu Chico Antão enfurecido, “ah! ele iria pegar o cigano”. Enquanto isso, João Garcia, em Umarizal ria solto. De fato, as bestas não comeriam mais barro. E já na feira em Umarizal, João Garcia aprontava as suas. Fato que provoca mais riso no leitor.

Até que enfim Umarizal e seu rebuliço de dia de feira. O bando parou em um terreno baldio, à entrada da vila, e ali armaram-se as tendas. Depois de acomodar sua gente, João Garcia levou os animais para a feira. Contava fazer bons negócios, precisava tirar o pé da lama.

– Ei, ganjão, quer trocar o burrinho?

– Três mil réis pelo jumento. É de graça

Mas ninguém lhe dava atenção, que ninguém era besta para querer negócio com cigano.

Mais adiante, no Mercado Público, um dos feirantes, vendo entre os animais uma famosa égua preta, botou preço, mas, antes de comprá-la, quis certificar-se:

– **Ela tem algum defeito? Se tem, não me negue.**

– **O defeito está na vista. – disse o cigano.**

O feirante olhou bem o animal e não viu nada.

Assim, o negócio foi feito e o feirante saiu logo montado na égua preta. Não andou muito, porém. O animal – viu – era cego. Aí pôde perceber o sentido das palavras do cigano: “O defeito está na vista”. Mas ficou tão envergonhado que não teve coragem de voltar atrás. (ONOFRE JÚNIOR, 2014, p. 69).

Já no fim da feira, após aprontar suas enganações, João Garcia é avisado que seu Chico Antão vinha a sua procura como quem estivesse endiabrado. E assim, o conto termina de forma hilária e inusitada.

Suas cismas foram interrompidas pelos gritos da cigana Erineide:

– João, fuja depressa, que Chico Antão tá lhe procurando. Ele mais dois capangas.

Tarde demais. Já o inimigo despontava, chibata na mão, boca espumando, o próprio dragão da maldade.

Daí a pouco, a vila presenciou aquela cena inusitada: correndo em busca do acampamento, inteiramente nu, o cigano dizia, numa tremenda aflição:

– **Me acudam! Se sangue fede, eu estou todo ferido.** (ONOFRE JÚNIOR, 2014, p. 70).

A figura do cigano neste conto é de uma comicidade extrema. João Garcia, figura emblemática, estigmatizada pela sociedade, provoca o riso frouxo com as suas atitudes e a forma como fala. Na verdade, em momento algum o cigano mente, porém ele engana muita gente. Podemos dizer que o riso nesse conto está construído em torno das falas das personagens. Para Bergson (2007, p. 97):

A linguagem só tem efeitos risíveis porque é uma obra humana, modelada com a máxima exatidão possível pelas formas do espírito humano. Sentimos nela algo que vive de nossa vida; e se essa vida da linguagem fosse completa e perfeita, se nada houvesse nela de rígido, se a linguagem, enfim, fosse um organismo totalmente unificado, incapaz de cindir em organismos independentes, escaparia à comicidade, como, aliás, à alma à vida [...].

O conto se insere na tradição regional devido ao caráter estético e ideológico com que se reporta aos costumes, como o alvoroço em dia de feira, às credences regionais. Tais aspectos podem ser verificáveis na descrição das personagens e do espaço, na linguagem utilizada, e no enredo propriamente dito. O drama vivido por Seu Chico Antão remete ao drama de muitos fazendeiros, grandes ou pequenos, ao enfrentarem a dura seca sertaneja. A personagem do cigano, apenas vem dar um tom humorístico ao enredo, pois ele é aquele que trapaceia mesmo na seriedade das situações. O caos instalado na fazenda de Seu Chico Antão nos faz rir. Pois é

provocando a desordem do que é sério e problemático que rimos. Mas ninguém na ordem social quer ser o objeto do riso. “Sempre um pouco humilhante para quem é seu objeto, o riso é de fato uma espécie de trote social” (BERGSON, 2007, p. 101). Se as bestas estavam comendo apenas barro, mais cedo ou mais tarde iriam morrer. Se não chover no sertão, em algum momento perde-se as criações. É um fato.

A experiência, obtida com a leitura dos contos, possibilita-nos vivenciar, de forma eficaz, o letramento literário tão significativo para a formação do indivíduo. A leitura é espaço para a permanência da tradição, é também espaço para o humor, o riso, o desprendimento do mundo real e a ascensão a um outro universo. Desse modo:

[...] o letramento literário se efetiva quando acontece um relacionamento entre um objeto material, o livro, e aquele universo ficcional, que se expressa por meios de gêneros específicos – a narrativa e a poesia, entre outros – a que o ser humano tem acesso graças à audição e à leitura. (ZILBERMAN, 2012, p. 130).

Compreendemos que a leitura desse e de outros contos de **Chão dos Simples**, são capazes de promover o letramento literário na sala de aula, uma vez que pautamos essas leituras na função social da literatura e o que esta pode trazer de positivo para o discente, como a sensibilidade, o reconhecimento do mundo a sua volta.

A leitura de “Artes e Tribulações de um Cigano em Umarizal” foi uma das mais interessantes realizada nessa intervenção. Durante a discussão do texto, os alunos tiveram a oportunidade de falar sobre histórias de ciganos, identificaram o estereótipo que esse grupo social possui diante da sociedade. Identificaram os elementos regionais e riram das pobres bestas. Riram devido ao comportamento do cigano. “O cigano não mentiu”, defenderam eles.

No início da leitura, algumas questões sobre o repertório surgiram, como: O que é tribulação? Umarizal? Sanadas as dúvidas, os discentes construíram significados sobre o texto, puderam se posicionar diante deles. Percebemos a importância do texto literário, não apenas por desenvolver a habilidade leitora, mas por aguçar nos alunos o imaginário, a criatividade de um escritor e a também a criticidade do próprio aluno. Como esse leitor reproduziu a narrativa em sua mente? Como ele a processou? A literatura ensina a pensar, a construir novos significados.

Para Cosson (2014, p. 17), “É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores,

sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas”. Em comunhão com a citação de Cosson, esforçamo-nos para exercer essa função mediadora do texto literário e aluno nas escolas onde atuamos, com o desejo de que eles possam compreender o seu real papel na sociedade, como um cidadão que pensa e age. Ademais, é para contribuir com a formação de um cidadão leitor, que escolhemos trabalhar com literatura.

4. LETRAMENTO LITERÁRIO: DA NECESSIDADE DE ENSINAR LITERATURA

Podemos dizer que o letramento literário surgiu da necessidade de ensinar literatura. Não que a literatura não seja ensinada, ela pode até ser objeto de ensino, mas vem passando por um declínio em relação a esse ensino nas últimas décadas. Essa declaração é comungada por muitos teóricos que estudam literatura na atualidade. Perrone-Moisés (1996, p. 17) abre seu artigo “Literatura para todos”, declarando que “A literatura como disciplina escolar e universitária, parece ameaçada a desaparecer”. Poderíamos dizer que essa é uma assertiva muito extremista. Contudo, a autora se embasa em grandes nomes da literatura mundial para fazer tal declaração. Dentre eles, Perrone-Moisés cita um dos pensamentos que Roland Barthes expressou em seu último curso no Collège de France, há quatro décadas. “A literatura, como Força Ativa, Mito vivo, está não em crise (fórmula fácil demais), mas talvez em vias de morrer” (BARTHES apud PERRONE-MOISÉS, 1996, p. 17). Outro argumento forte demais, em relação ao desuso do ensino literário. Consonantemente, o próprio Cosson (2014, p. 11) pesquisador do letramento literário no Brasil, em sua obra **Círculos de Leitura e Letramento Literário**, afirma que “Atualmente, porém, a literatura não parece ter mais lugar no cotidiano das pessoas”. Poderíamos citar aqui, inúmeros teóricos que corroboram com essa sensação, porém o que objetivamos, é defender a necessidade do ensino literário e a sua permanência na escola.

Cosson (2014) afirma que em uma sociedade grafocêntrica, onde a escrita está por toda parte, saber ler e escrever é uma questão de poder. Por esse motivo, e pelo fato de a escola não está cumprindo eficazmente o seu papel na formação de leitores, foi que a concepção de letramento ganhou força. O termo letramento vai além do domínio da leitura e da escrita, ele abrange o uso e a função social da leitura e da escrita. E pelo fato, de a escrita está por toda a parte, e por esse motivo, exercer inúmeras funções sociais, é que existem vários tipos de letramentos. Entretanto, é sobre o letramento literário que refletiremos e discutiremos.

Sabemos que o objetivo principal do letramento literário é formar uma comunidade de leitores literários. Cosson (2017), em uma palestra intitulada: “Ensino de Literatura: O paradigma do letramento literário”³, declarou que há uma diferença

³COSSON, Rildo (2017). Palestra intitulada “Ensino de Literatura: O paradigma do letramento Literário”. Realizada no I ELLIN – PB, Encontro de Letras do Litoral Norte da Paraíba em 10 de maio de 2017.

entre formar o leitor e formar o leitor literário. Pois o leitor apenas é capaz de ler e compreender alguns tipos de textos, todavia o leitor literário é capaz de ler e compreender todo o tipo de texto, o autor afirmou que quando aluno se forma como um leitor literário, ele se transforma em um leitor pleno. Isso ocorre, segundo o autor, devido às especificidades que constituem o texto literário, o repertório, a forma, o conteúdo imbuído de cultura, história, ideologia. Isso, apenas o texto literário contém. Por isso, a defesa de ensinar literatura com o texto literário.

Durante a palestra, Cosson expôs os paradigmas que norteiam o ensino de literatura, dentre eles: o histórico, que enquadra historicamente o texto literário; o gramatical, que utiliza o texto como pretexto para o ensino de gramática; o analítico, que faz uma análise dos textos; o social que identifica no texto o contexto social em que esse foi escrito; a formação do leitor, que instiga a leitura como fruição; e por fim, o paradigma do letramento literário, que apresenta uma concepção sistêmica e experiencial da literatura, em que os vários sistemas dialogam entre si. Por isso, o texto literário só é literatura quando é um experimento de leitura. A literatura enquanto um experimento permite que vejamos o mundo de maneira distinta, possibilita-nos também, que vivamos de maneira única.

O mundo representado pelo texto literário corresponde a uma imagem esquemática, contendo inúmeros pontos de indeterminação. Personagens, objetos e espaços aparecem de forma inacabada e exigem, para serem compreendidos e introjetados, que o leitor os complete. A atividade de preenchimento desses pontos de indeterminação caracteriza a participação do leitor, que, todavia, nunca está seguro se sua visão é correta. [...] assim o destinatário sempre é chamado a participar da constituição do texto literário, e a cada participação, em que ele contribui com sua imaginação e experiência, novas reações são esperadas. (ZILBERMAN, 2012, p. 42)

Para Zilberman (2012) em sua obra **A leitura e o ensino da literatura**, a participação do leitor é crucial para a constituição do texto literário. O escritor ao produzir suas obras, ele pensa na recepção do leitor, como este se posicionará diante do dito e não dito. Aquilo que não está nas linhas do texto, deve ser capturado por aquele que o lê. São os pontos de indeterminação do texto. A autora acrescenta que a cada leitura, o indivíduo tem a possibilidade de atribuir mais significados ao texto.

Por existirem esses pontos de indeterminação no texto, característica própria do texto literário, é que Cosson (2014) diz que esse tipo de texto tem uma porta de entrada e muitas de saída, é um labirinto onde podemos nos perder, ou podemos nos achar. Esse é o exercício perfeito que o ensino literário produz. A construção de

sentidos se amplia à medida que o repertório literário vai se construindo. E é exatamente a construção de sentidos viabilizada pelo repertório, que constitui o processo de letramento literário.

[...] ao tomar o letramento literário como processo, estamos tratando de um fenômeno dinâmico, que não se encerra em um saber ou prática delimitada a um momento específico. Por ser apropriação, permite que seja individualizado ao mesmo tempo em que demanda interação social, pois só podemos tornar próprio o que nos é alheio. A apropriação que não é apenas de um texto, qualquer que seja a sua configuração, mas sim de um modo singular de construir sentidos: o literário. (COSSON, 2014, p. 25).

É esse processo de construção de sentidos que se dá por meio das palavras, que faz com que a literatura se constitua enquanto linguagem. Como diz Cosson (2014) uma linguagem que está por toda a parte. Uma linguagem que liberta o homem das amarras sociais que o condiciona, logo uma linguagem libertária. A literatura é um dos veículos que nos dá o direito de sermos nós mesmos através das palavras. Por isso, a sua essencialidade na formação cidadã, e a sua vitalidade dentro da sala de aula, através do processo de letramento literário.

As reflexões teóricas, além de informações apresentadas e discutidas nesta seção, embasam e orientam a seção posterior, a qual traz a explanação com o detalhamento do projeto de intervenção realizado nesta pesquisa.

4.1 A SEQUÊNCIA BÁSICA DE COSSON: UMA PROPOSTA DE ENSINO

Para aplicarmos o texto literário em sala de aula, tomamos o modelo de sequência básica sistematizado por Rildo Cosson (2014). Para o autor em questão, o letramento literário, além de tornar o ensino de literatura significativo, por se tratar de práticas reais de leitura e escrita vivenciadas pelo aluno, faz com que esse aluno possa adentrar não apenas no mundo da leitura e da escrita. Permite também que ele atue no mundo, com a leitura e com a escrita, tornando-se, assim, um cidadão emancipado, capaz de ir e vir, de saber o que quer e o que não quer, de forma consciente.

A sequência básica de Rildo Cosson (2014) estrutura-se em torno de quatro etapas: *motivação, introdução, leitura e interpretação*. Essa sequência tem o propósito de inserir na sala de aula, o ensino com textos literários. É fato que os alunos já tiveram contato com textos literários, principalmente através do livro didático: poemas,

crônicas, fábulas, contos, peças teatrais e até mesmo romances, ou trechos deles. Entretanto, ou foi como pretexto para atividades gramaticais ou por pura fruição. Contudo, o que Cosson (2014) nos propõe não é usar o texto literário como pretexto para as aulas de gramática, mas sim redimensionar a educação literária que se oferece na escola para fins de apropriação da leitura e da escrita para o uso social necessário dessas ferramentas.

O letramento literário, conforme o concebemos, possui uma configuração especial. Pela própria condição de existência da escrita literária, [...] o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade. (COSSON, 2014, p. 12).

Nessa perspectiva, é para garantir o domínio da escrita e o desenvolvimento da competência leitora como veículos de empoderamento social que levamos o letramento literário para sala de aula. É certo que, para haver letramento literário, o processo deve ser contínuo e imanente à escola. Dessa forma, como toda a atividade escolar, os projetos de letramento devem ser pensados e planejados como algo inerente ao currículo escolar para cada série e ano. Sendo assim, é importante que conheçamos cada etapa da sequência básica, o que cada uma delas propõe, para então, direcionarmos uma proposta de intervenção que atenda às necessidades de aprendizagem dos alunos e alcançarmos o que objetivamos com a execução da intervenção.

Primeira etapa da sequência básica, a *motivação*, segundo Cosson (2014, p. 77), “consiste em uma atividade de preparação, de introdução dos alunos no universo do livro a ser lido”. O processo de motivação é fundamental, uma vez que os alunos não se sentem atraídos para determinadas leituras e não veem nelas um motivo para ler. E, além disso, o próprio docente algumas vezes não sabe como introduzir o texto literário na sala de aula. A motivação deve começar no próprio professor. O interesse pela literatura deve estar impregnado no docente da área, como um ideal de ensino. Cosson (2014, p. 52) diz que os profissionais da área necessitam ter “a consciência de que a leitura envolve saber e prazer”. Saber, pois, implica em ter conhecimento sobre a leitura e adquirir conhecimento com a leitura. E prazer, pois é a forma mais fácil e satisfatória de a leitura de textos literários fluir.

Na segunda etapa da sequência, temos a *introdução*. Cosson (2014, p. 57) afirma que “chamamos de introdução a apresentação do autor e da obra”. O autor supracitado atenta para o fato da importância da introdução como uma preparação do aluno para receber o texto a ser lido. Ter o cuidado de escolher textos e apresentar aos alunos, o autor, as características do texto, antes de levá-los a leitura propriamente dita, permite que criem expectativas sobre o que será lido. Essas expectativas criadas por eles, são positivas pois possibilitam uma maior compreensão na hora da leitura. Contudo, de acordo com Cosson (2014), devemos ter cuidado ao prepararmos a introdução, de modo que essa não se torne cansativa para o aluno, provocando assim, um efeito contrário do desejado. “No momento da introdução é suficiente que se forneçam informações básicas sobre o autor e, se possível, ligadas àquele texto” (COSSON, 2014, p. 60). Outro ponto relevante é a apresentação da obra. Para esse ponto, o teórico nos orienta a mostrar para os leitores a relevância daquela escolha, justificá-la, porém deixando um espaço para que aluno também possa descobrir na obra a importância de sua escolha. “Independentemente da estratégia usada para introduzir a obra, o professor não pode deixar de apresentá-la fisicamente aos alunos [...] Nos casos em que se usa uma cópia ou reprodução, convém deixar os alunos manusearem o original do professor” (COSSON, 2014, p. 60). Nesse manuseio com a obra original, os alunos já fazem a primeira leitura do texto.

A terceira etapa corresponde à *leitura* dos textos literários. Essa é a etapa na qual o aluno entrará no mundo da leitura literária, é nela que novos horizontes serão descobertos, surgirão novos olhares acerca de si e do outro, o aluno terá uma percepção de mundo que não havia tido antes das leituras.

[...] o que consideramos essencial nessa etapa de nossa proposta de letramento literário: o acompanhamento da leitura. [...] A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. (COSSON, 2014, p. 62).

O acompanhamento que o teórico aponta como parte essencial do letramento, é o processo de caminhar ao lado do aluno leitor, mas não lendo por ele. Durante esse processo de leitura que deve ser feita pelo aluno, cabe ao professor verificar como ela está acontecendo, se aluno está no caminho certo, logo o docente deve ter a clareza do que ele objetivou para aquela leitura, para então nortear o aluno para a contemplação dos objetivos desejados.

Para a quarta etapa, Cosson (2014) reservou o momento da *interpretação* dos textos lidos. É na etapa da interpretação que podemos observar se as etapas que a antecederam foram exitosas. “[...] a interpretação parte do entrecimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade” (COSSON, 2014, p. 64). O teórico afirma que são várias as concepções relacionadas a interpretações de textos literários, o que faz dessa etapa um pouco mais complicada do que as anteriores. Compreender o sentido do texto, a relação de significados que ele estabelece nas suas linhas e entrelinhas, o que o autor quis dizer, o diálogo entre texto e contexto, faz do leitor um coautor, e isso faz parte da competência leitora que queremos que os nossos alunos alcancem.

Cosson (2014) dividiu essa etapa em dois momentos: um que ele chamou de *interpretação interior* e outro de *interpretação exterior*. “O momento interior é aquele que acompanha a decifração, palavra por palavra, página por página, capítulo por capítulo, e tem seu ápice na apreensão global da obra que realizamos logo após terminar a leitura” (COSSON, 2014, p. 65). O teórico enfatiza que esse momento é individual e não pode ser substituído por nenhum outro tipo de leitura a caráter, o resumo do texto, por exemplo.

O momento externo é a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade. É aqui que o letramento literário feito na escola se distingue com clareza da leitura literária que fazemos independentemente dela. (COSSON, 2014, p. 65).

Essa externalização pode se materializar de diversas formas e ela também se amplia coletivamente, unindo as várias compreensões que um grupo de leitores faz de um dado texto. Com isso, a contação da história, uma paródia, uma peça teatral, a reescritura de um texto, são formas de externalização da interpretação do texto literário, que contribuem para o resultado final do letramento literário: a formação de uma comunidade de leitores.

Outro fator importante neste processo é a avaliação que deverá ser contínua e diagnóstica, possibilitando ao aluno uma aprendizagem gradativa e eficaz. Cosson (2014, p. 113) afirma que “tendo a construção de uma comunidade de leitores como objetivo maior do letramento literário na escola, nossa proposta favorece a explicitação da avaliação em diferentes momentos do processo de leitura”. Segundo

Cosson (2014), esta avaliação deve acontecer no acompanhamento das leituras do aluno, para perceber suas primeiras impressões sobre o texto. Trata-se de uma discussão para observarmos o engajamento do aluno com a leitura, é durante a discussão que o aluno pode recuperar melhor o significado intrínseco no texto, e o professor pode apontar um caminho de leitura a ser percorrido. E seguido a isto, a interpretação, para observarmos se os objetivos preestabelecidos foram alcançados. Durante todo o trajeto, os alunos também devem ser avaliados nos aspectos como: participação, nível de comprometimento com as atividades, além de serem avaliados pelo nível de evolução no processo de escrita e reescrita do conto, a partir das orientações por eles recebidas.

4.2 APRESENTAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR

A comunidade escolar na qual trabalhamos o projeto de letramento literário, está localizada no município de Logradouro, situado na microrregião de Guarabira no estado da Paraíba. Sua população em 2013 foi estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 4.157 habitantes, distribuídos em 38 km² de área. Como podemos observar, Logradouro é uma cidade de pequeno porte e como tantos outros municípios brasileiros, subdesenvolvida. Desde que foi fundada, em 29 de abril de 1994, essa cidade tem sido governada por uma única linhagem familiar e que, até então, oferece um governo assistencialista. Ou seja, grande parte dos habitantes é beneficiada com uma irrisória ajuda financeira, denominada de auxílio, em troca de mão de obra barata.

Para atender ao número de habitantes que necessitam de educação, Logradouro dispõe da Creche Municipal Maria Júlia da Silva, que oferece Educação Infantil e da Escola Municipal Maria Elói Leite, que oferta o Ensino Fundamental I e II e a EJA, ambas localizadas no perímetro urbano; a Escola Municipal Antônio Soares da Cruz, a qual assiste à comunidade rural do Braga com Educação Infantil e Ensino Fundamental I; e a Escola Municipal Manoel João Barbosa que, embora estruturalmente seja a menor escola do município, atende a um maior número de alunos, ofertando a Educação Infantil, o Ensino Fundamental I e II e a EJA.

As duas comunidades rurais assistidas pela Escola Municipal Manoel João Barbosa, espaço onde foi realizado o projeto de letramento literário, apresentam perfis diferentes. A Vila Nova Descoberta, local onde a escola está situada, é constituída,

em sua maioria, de trabalhadores que recebem o auxílio da prefeitura e retribuem com algum tipo de trabalho. Outros são trabalhadores autônomos. É exatamente dessa Vila que provém o maior número de alunos da escola. Já o Sítio Boqueirão é povoado por agricultores, que trabalham em hortas para venderem nas feiras de cidades circunvizinhas.

Contudo, semelhantemente, as duas comunidades apresentam sérios problemas, dentre eles, podemos citar a priori, a carência social, que envolve desde as condições mais elementares que um ser humano necessita para viver como: moradia digna, saneamento básico, alimentação, água potável, até o bem imaterial que também é um direito de todos, como bem diz Candido (1995), cultura, literatura e arte, que ao nosso ver, estão interligados. Essa comunidade escolar especificamente é carente também de uma estrutura escolar que possibilite um trabalho significativo e diferenciado, fato que deve ser levado em consideração quando nós professores pretendemos trazer algo diferente para os nossos alunos.

4.3 A ESCOLA E A TURMA ESCOLHIDA

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Manoel João Barbosa é constituída de cinco salas de aula, uma pequena sala que é utilizada como diretoria, secretaria e sala de professores, uma pequena e escaldante cozinha e um corredor que dá acesso a única porta que serve como porta de entrada e de saída da escola. Vale salientar aqui que, as cinco salas de aula existentes na escola, estão sucateadas com carteiras que são reaproveitadas das escolas da zona urbana do município, fato que por si só, já afeta a autoestima dos alunos. Contudo, os alunos da comunidade, com todas essas dificuldades, apresentam-se sempre motivados para os eventos realizados na escola.

A turma escolhida para trabalharmos a proposta com a Sequência Básica de Cosson foi à turma única do oitavo ano, que funciona no turno vespertino. Essa turma é composta por vinte e quatro alunos, dos quais, quinze são meninos e nove são meninas. A faixa etária desses discentes está entre doze e dezesseis anos. Desses vinte e quatro alunos, apenas um é repetente. Os alunos que formam o oitavo ano, mostram-se bastante motivados em relação à participação no projeto. Entretanto, alguns deles apresentam um comportamento tímido, e conseqüentemente, dificuldades de se expressarem oralmente. Ademais, são discentes que na maioria

das vezes, chegam ao Fundamental II, com defasagem na leitura e na escrita advindas do déficit de aprendizagem ocorrido quando cursavam o Ensino Fundamental I. Esses fatores são expostos apenas com o intuito de evidenciar dificuldades que foram vivenciadas por docentes e pelos discentes desta específica escola.

4.4 A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A nossa intervenção realizada no oitavo ano do Ensino Fundamental, na Escola Manoel João Barbosa, seguiu os passos da Sequência Básica de Cosson (2014). Dessa forma, com o intuito de explicitar as etapas da sequência realizada em sala de aula e seus respectivos objetivos para as atividades propostas, apontamos o quadro sinóptico a seguir:

Quadro1 – Sinóptico das aulas

Etapas	Objetivos	Atividades	Material	Duração
<i>Motivação</i>	<ul style="list-style-type: none"> Motivar o aluno a entrar no universo dos textos literários que serão lidos. 	Sessão cinema Filme: O Auto da Compadecida.	Objetos regionais. Projetor multimídia. Comidas típicas.	5 aulas de 45 minutos.
<i>Introdução</i>	<ul style="list-style-type: none"> Apresentar o autor, Manoel Onofre Júnior. Apresentar o livro Chão dos Simples. 	Aula expositiva.	Projetor multimídia. Livro.	2 aulas de 45 minutos
<i>Leitura</i>	<ul style="list-style-type: none"> Inserir o texto literário na sala de aula. Refletir sobre a temática lida. 	Leitura individual dos contos. Leitura feita pelo professor para que	Livro Chão dos Simples. Cópia dos exemplares	12 aulas de 45 minutos.

	<ul style="list-style-type: none"> • Atribuir sentido aos textos. • Identificar os elementos da narrativa. • Reconhecer, nos textos, resíduos da tendência regionalista. • Encontrar, nos textos, o motivo que nos faz rir. 	<p>os alunos recuperem sentidos do texto.</p> <p>Atividades direcionadas para cada conto trabalhado.</p>	<p>dos contos selecionados.</p>	
<i>Interpretação</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar tudo o que foi aprendido e apreendido durante o processo de letramento literário. • Publicar uma antologia com os contos escritos pelos alunos. 	<p>Escrita e reescrita de contos.</p> <p>Ensaaios de peça teatral.</p> <p>Confecção de lembrancinhas e convites para o evento.</p> <p>Show Cultural como culminância do Projeto: Eu também conto um conto: Chão dos Simples.</p>	<p>Papel.</p> <p>Caneta.</p> <p>Exemplares do livro escrito pelos alunos.</p> <p>Caixas de som.</p> <p>Microfone.</p> <p>Cenário preparado para o evento.</p>	<p>18 aulas de 45 minutos</p>

Fonte: Autoria própria.

Após uma visão global da proposta de intervenção que aqui apresentamos, realizada através de um projeto de letramento literário, tendo como objeto de estudo contos que integram o livro **Chão dos Simples**, de Manoel Onofre Júnior (2014), descrevemos a execução das etapas realizadas na sala de aula.

5. EU TAMBÉM CONTO UM CONTO: CHÃO DOS SIMPLES

Nesta seção, apresentamos a execução da intervenção e os resultados nela adquiridos. O projeto que nasceu do desejo e da necessidade de implantar o ensino da leitura do texto literário na segunda fase do Ensino Fundamental na escola apresentada, foi entusiasticamente intitulado pelos alunos após uma gama de sugestões. Apontado pela maioria dos discentes como o melhor título, **Eu Também conto um conto: Chão dos Simples**, além de nomear esse projeto, tornou-se o título da culminância do mesmo e intitulou também a Antologia de contos escritos por eles. Contos esses, inspirados na leitura de alguns dos contos do escritor Manoel Onofre Júnior.

Os contos do livro **Chão dos Simples** (2014) foram escolhidos intencionalmente com o objetivo de provocar no aluno um autorreconhecimento dentro do texto literário. Em uma sociedade onde a educação não faz sentido, pois não há uma perspectiva de mudança de vida através dela, de que modo podemos incomodar os alunos acerca da sua própria existência? Parece-nos que o educando vai à escola por uma obrigação, não consciente de que essa educação é direito dele, e que, se bem aproveitada, é uma via de acesso para um futuro exitoso em diversas áreas de sua vida. Por conseguinte, estimular o aluno a ver além do que os próprios olhos lhes mostram, é a nossa maneira de incomodá-lo em relação à própria condição humana através da Literatura.

Consonantemente mostrar-lhe o mundo que ele mesmo já conhece, mas não o percebe, através de um conto que narra a história de pessoas simples como ele, em um cenário comum aos olhos dele, possibilita que esse aluno agregue novos significados a sua própria existência, além de despertar em si, questionamentos sobre o seu lugar no meio em que vive. Esse fato ocorre devido aos elementos constitutivos do texto literário. Nessa via de pensamento, Cosson (2014, p. 50) declara que:

A leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade. Tal fato acontece porque os textos literários guardam palavras e mundos tanto mais verdadeiros quanto mais imaginados, desafiando os discursos prontos da realidade, sobretudo quando se apresentam como verdades únicas e imutáveis.

A leitura de textos literários nos faz refletir sobre o que está posto tanto no próprio texto quanto à nossa volta, haja vista que não há como se manter inerte diante de uma leitura que nos chame a atenção. Isso pode ser esclarecido pelo funcionamento da própria linguagem, “na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser o lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos” (KOCH, 2011, p. 17). Em semelhante perspectiva:

A leitura como diálogo pressupõe uma relação que se estabelece entre leitor e autor, texto e contexto, construindo o que chamamos de circuito de leitura. A necessária interação entre os quatro elementos desse circuito fazem do ato de ler um processo que é simultaneamente cognitivo – no sentido de realizado por um indivíduo – e social – porque depende de condições que estão além do indivíduo, tanto no que se refere aos meios materiais quanto aos discursos que informam a construção de sentidos em uma sociedade. (COSSON, 2014, p. 51).

Nesse processo de construção de sentidos, novas identidades emanam com o amadurecimento do hábito da leitura. E esse foi o nosso real intento enquanto profissional do ensino de Língua Portuguesa: formar leitores de textos literários, ou seja, sujeitos que consigam através da leitura desses textos construir e reconstruir novas realidades.

5.1 PONTO DE PARTIDA DA INTERVENÇÃO

O início desta intervenção ocorreu no dia 05 de junho de 2017, os discentes foram surpreendidos pela etapa denominada *motivação*. Transformamos a sala de aula em um espaço bem regional, com objetos genuínos da região interiorana. Salientamos que todas as imagens apresentadas faziam parte do acervo da pesquisa. Além disso, a exposição dos alunos nessas imagens fora autorizada pelos pais ou responsáveis, mediante a assinatura de um *Termo de consentimento livre e esclarecido*. (Anexo X).

Imagem 1 e 2 – Registro da Etapa de Motivação



Fonte: Acervo da pesquisa

Imagem 3 e 4 – Registro da Etapa de Motivação



Fonte: Acervo da pesquisa

O intuito desta surpresa foi provocar nos alunos um impacto na hora da chegada, para que assim, eles pudessem perceber o que há de simples e belo em nosso entorno habitual. No ambiente havia esteiras de palhas, carroças, forma de água, canecas de alumínio, potes de barro, tudo o que nos remetesse a uma ideia mais próxima da realidade fictícia apresentada nos contos. A nossa aula inaugural teve como objetivo maior, motivar os alunos à leitura dos contos.

Ao chegarem, surpresos, os alunos foram entrando timidamente na sala de aula, alguns até queriam recuar, mas foram convidados a entrar em sala. Atentos, risos baixos, ninguém entendia o que estava acontecendo. Todos estavam curiosos, afinal aquilo nunca acontecera. Olhavam tudo em volta. Não havia carteiras na sala, então eles não sabiam onde se acomodarem. Após alguns minutos de ansiedade, informamos que eles poderiam se acomodar onde se sentissem mais confortáveis, e assim o fizeram.

Imagem 5 e 6 – Registro da Etapa de Motivação



Fonte: Acervo da pesquisa

Na ocasião, havia também um banquete com comidas típicas, para que eles pudessem saborear ao fim da aula.

Imagem 7 – Registro da Etapa de Motivação



Fonte: Acervo da pesquisa

A aula consistiu em uma sessão cinema, na qual exibimos o filme **O auto da compadecida**, baseado na obra de Ariano Suassuna. A escolha do filme foi proposital, tendo em vista que o enredo traz o sertão nordestino e suas peculiaridades de forma bem humorada, assim como alguns dos contos de **Chão dos Simples**. Os alunos que participaram desta intervenção, nunca haviam lido um livro literário no Ensino Fundamental II, portanto, pensamos que não poderíamos chegar, num primeiro momento, com uma leitura; consideramos que o melhor caminho seria conquistá-los com outros recursos metodológicos, como sugere Cosson. O filme escolhido traz todos os elementos necessários para despertar no aluno uma visão sobre a condição sub-humana que algumas pessoas enfrentam não apenas na ficção, mas também na realidade, e muitas vezes sem perder a alegria. A crítica a uma sociedade injusta deve ser apreendida pelos alunos, como forma de aguçar-lhes a

criticidade. A preparação para a leitura dos contos foi bem sucedida, uma vez que os alunos adentraram no universo do regionalismo e do humor com prazer e satisfação.

Imagem 8 e 9 – Registro da Etapa de Motivação



Fonte: Acervo da pesquisa

Com o término do filme, os alunos participaram de uma sessão de fotos, degustaram as comidas típicas e comentaram sobre o enredo do filme, apontando para as características do humor e do regionalismo. Essa aula teve duração de 5h/a, e está explanada no plano de aula presente no apêndice A.

Imagem 10 e 11 – Registro da Etapa de Motivação



Fonte: Acervo da pesquisa

Imagem 12 e 13 – Registro da Etapa de Motivação



Fonte: Acervo da pesquisa

Imagem 14 – Registro da Etapa de Motivação



Fonte: Acervo da pesquisa

5.2 A TRAVESSIA

Chamamos de Travessia as aulas que seguiram a primeira etapa *Motivação* e antecedeu a culminância do projeto. Logo, podemos dizer que foi durante a Travessia que os sujeitos envolvidos construíram-se como leitores de texto literário. Nesse percurso, concretizamos o que outrora havia planejado.

5.2.1 Introdução

Na segunda etapa, denominada de *introdução*, apresentamos aos alunos um pouco da vida do escritor Manoel Onofre Júnior e a sua obra **Chão dos Simples**. Ocorrida no dia 06 de junho de 2017, logo após a etapa de *Motivação* e com duração

de 2h/a (Apêndice B). A aula teve o objetivo de familiarizar os alunos com o autor e a obra. No primeiro momento desta etapa informamos aos alunos que eles tinham sido escolhidos para participarem de um projeto de Letramento Literário, e que eles deveriam dar um nome ao projeto. Alguns nomes foram sugeridos, mas, apenas no final da aula o nome foi escolhido.

Na ocasião, apresentamos Manoel Onofre Júnior e uma pequena biografia sua, em slides. Durante essa apresentação, os alunos, bem atentos, puderam fazer perguntas, porém eles estavam mais preocupados em ouvir. Explicamos que o projeto seria com aquele autor e aquela obra, e que eles também iriam escrever um conto, o qual o próprio Manoel Onofre viria à escola para prestigiar. Eles ficaram pasmos, cismados, não acreditavam, contudo, abraçaram o projeto.

Após a apresentação, os alunos receberam cópias do conto “Jesuíno Brilhante” (Anexo A), para que fosse feita uma leitura. Ressaltamos que no curso dessas ações, três exemplares do livro **Chão dos simples** passavam pelas mãos dos alunos para que eles pudessem manusear, folhear, ler. Após esse processo, fizemos uma leitura silenciosa do conto que haviam recebido e realizamos uma leitura em voz alta, alternada. Seguida a leitura, muitas perguntas. A maioria dos alunos só soube um pouco sobre o cangaço após assistirem ao filme na etapa anterior, e logo associaram o movimento a “Jesuíno Brilhante”, conto que leram com prazer, risos e muitos questionamentos. O objetivo dessa leitura foi ter o primeiro contato, dentro da intervenção com o texto literário. Ao final da aula, dois alunos foram sorteados para levarem dois exemplares do livro **Chão dos Simples** para casa e passarem uma semana com o livro. Após a entrega, eles deveriam contar para a sala um conto que leram e mais gostaram. Essa ação se repetiu até que todos os alunos tivessem levado o livro para casa.

5.2.2 Leitura

Para a realização desta etapa, três contos integrantes do livro **Chão dos simples** foram selecionados, devido apresentarem um caráter humorístico, além do regionalismo marcante: “Dia de Juízo”, “A Bestinha de Antonino” e “Artes e Tribulações de um Cigano em Umarizal”. A etapa da *Leitura* (Apêndice C) foi dividida em três momentos (4h/a para cada), um momento para cada conto, e cada momento foi dividido em dois encontros com 2h/a. Dessa forma, cada conto foi trabalhado em

dois encontros. Ressaltamos que, seguindo as normas de sigilo de identidade dos alunos, os mesmos estão identificados por uma letra do alfabeto, cada letra corresponde a um aluno que participou desta intervenção. Dessa maneira, as atividades que eles realizaram estão identificando o aluno A ou o aluno D, por exemplo.

No primeiro encontro, realizado no dia 12 de junho de 2017, os alunos realizaram a leitura silenciosa do conto “Dia de Juízo” (Anexo B). Toda leitura foi acompanhada por mim, como sugere Cosson (2014), para que o aluno não perca de vista o sentido do texto. Logo após a leitura, muitas dúvidas surgiram, muitos alunos não compreenderam o conto, pois havia palavras em latim, além de um repertório que eles pouco conheciam. Assim, fizemos a leitura em voz alta. Seguindo a leitura, fizemos alguns questionamentos como: a) quem são as personagens? b) o que aconteceu? c) como aconteceu? d) onde? e) quando? f) como finalizou o conto?. Compreendemos que essas perguntas são elementares, mas naquela ocasião, elas se fizeram necessárias. A partir de então, os alunos pareciam ter compreendido melhor o texto. Responderam às perguntas, questionaram mais sobre outros aspectos, como o fato “de tanta confusão só porque o pobre do padre deu um cochilinho” e vários outros trechos do conto. Então pedimos para que eles lessem o conto em casa, para continuarmos com o projeto no encontro seguinte.

Para o segundo encontro, ocorrido no dia 14 de junho de 2017, pensamos em outras estratégias, pois os alunos apresentavam um desnivelamento em relação à leitura e a compreensão textual. Alguns liam mais rápido e compreendiam o sentido do texto, outros não. Dessa forma, iniciamos a aula perguntando quem havia lido o conto em casa. Todos responderam que sim. Então, partimos para a estratégia de contação de histórias e pedimos que eles nos contassem a narrativa. Alguns alunos começaram a contar, mas sem seguir a ordem dos fatos. Assim, para que pudessemos compreender, pedimos para estabelecer o critério do início, meio e fim da história. Dessa forma, apenas os alunos L, N, S e X obedeceram ao curso linear, demonstrando que capturaram o sentido da narrativa. Todavia, os demais alunos, com exceção de J, M, V e W, apesar de não contarem a história, riram ao ouvir. Dessa forma, inferimos que eles também apreenderam o sentido do conto. Os alunos aos quais nos referimos como exceções mantiveram-se sempre calados durante as atividades orais, mesmo sendo questionado em todas elas. Ademais, havia no projeto, o aluno T, portador de deficiência auditiva e que, infelizmente, foi penalizado por não

ser alfabetizado em Libras e não conhecer a linguagem de sinais. Este aluno esteve presente em todo o projeto, mesmo sem realizar nenhuma das atividades. Dessa maneira, encerramos o nosso primeiro momento e partimos para o segundo que aconteceu após o recesso do meio do ano.

Para o segundo momento, reservamos o conto “A Bestinha de Antonino” (Anexo C). Este, também consistiu em dois encontros com 2h/a cada, conforme havíamos planejado. No primeiro encontro, em 11 de julho de 2017, além do conto, levamos um questionário impresso (Apêndice E). O questionário apresentava perguntas objetivas, fáceis de serem identificadas no conto e perguntas de caráter reflexivo, nas quais os alunos tiveram que se posicionar. Sobre a leitura, entregamos o conto sem o título e pedimos para que os alunos lessem de forma silenciosa. Dessa vez, a leitura fluiu com mais facilidade. Levamos em consideração que o campo semântico desta narrativa era familiar aos alunos. Pedimos *a priori*, que eles nos contassem a história, a participação foi bem satisfatória. Perguntaram-nos se não tinha título, então pedimos para eles que dessem o título, para isso, dividimos a sala em quatro grupos de forma aleatória. Grupo A, B, C e D. Assim surgiram os seguintes títulos:

Quadro 2 – Atividade “Dar um título ao conto”

Grupo A	O touro brabo e a bestinha valente
Grupo B	Uma besta que virou herói
Grupo C	O barbatão
Grupo D	O vaqueiro Antonino

Fonte: Autoria própria.

Satisfeitos com a criatividade dos alunos, dissemos o verdadeiro título do conto e mostramos também, que qualquer um dos títulos que eles deram, poderia ser o título daquela história. Lemos mais uma vez o conto, agora em voz alta. E seguimos entregando o questionário para que eles respondessem. Orientamos que eles poderiam reler o conto quantas vezes achassem necessário. Responderam a atividade desenvolvida na classe, os alunos A, C, D, E, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, U, V, W e X. Os discentes B e F estavam ausentes e o aluno T não respondeu a atividade. Organizamos as respostas do questionário em: muito boa, boa, regular e

insatisfatória. Para análise, transcrevemos aqui, as respostas representadas com as siglas: MT – muito bom, B - bom, R - regular e a letra I - insatisfatório.

Quadro 3 – Questionário sobre o conto “A Bestinha de Antonino” – Exemplo MT

NOME	X
Título do conto	A Bestinha de Antonino
Sobre o que fala o conto?	Sobre a besta de um senhor, que tem que pegarem um touro em dias de dar cria
Descreva o lugar onde acontece a história.	No sertão, na caatinga
Identifique o tempo em que ocorre a ação narrada.	Passado, em algum tempo atrás no interior
Qual ou quais trechos do texto faz você rir? Identifique-os.	“O Bicho tinha parte com o diabo”
Retire ou aponte no texto, elementos que indique características do regionalismo.	Varias gírias populares como “Cabra”, “Sinha”
Você consegue se reconhecer nessa história? Comente.	Sim, pois tem varias gírias que eu uso
Se você fosse uma das personagens, qual você seria? Por quê?	A sinha Josefa porque gosto de assustar as crianças

Fonte: Autoria própria.

O exemplo acima destaca-se como MT, pois percebemos que o aluno consegue capturar todo o sentido do conto, apresentando uma postura reflexiva.

Quadro 4 – Questionário sobre o conto “A Bestinha de Antonino” – Exemplo B

Nome	D
Título do conto	A Bestinha de Antonino

Sobre o que fala o conto?	Fala sobre a bestinha de Antonino e o touro que era muito brabo.
Descreva o lugar onde acontece a história.	Era na caatinga mais fechada, lá para as bandas do serrote varela.
Identifique o tempo em que ocorre a ação narrada.	Não consegui identificar o tempo que ocorreu a ação narrada.
Qual ou quais trechos do texto faz você rir? Identifique-os.	Bestinha vambora. No ato de afivelar a mascara, ouviu foi aquele “riiinch, riiich”
Retire ou aponte no texto, elementos que indique características do regionalismo.	Certo dia, zé caé encontrou seu roçado em destroços, grande parte do milharal no chão, o feijão mucho que dava pena
Você consegue se reconhecer nessa história? Comente.	Sim. Porque gosto de cavalo e de gado
Se você fosse uma das personagens, qual você seria? Por quê?	Antonino. Porque ele foi quem pego o boi

Fonte: Autoria própria.

Os questionários presentes no nível B apresentaram respostas satisfatórias e significativas quanto à aprendizagem dos alunos em relação ao sentido do texto.

Quadro 5 – Questionário sobre o conto “A Bestinha de Antonino” – Exemplo R

Nome	A
Título do conto	A bestinha de Antonino
Sobre o que fala o conto?	O conto narra a história de A bestinha de Antonino, e o touro que vivia assustando a região.
Descreva o lugar onde acontece a história.	No sertão
Identifique o tempo em que ocorre a ação narrada.	Na cantiga

Qual ou quais trechos do texto faz você rir? Identifique-os.	Era um poldrinho pampo. A bestinha foi atrás feito raio
Retire ou aponte no texto, elementos que indique características do regionalismo.	Grande parte do milharal no chão, o feijão murcho quase estourando.
Você consegue se reconhecer nessa história? Comente.	Não. Porque as vezes não entendo essa história
Se você fosse uma das personagens, qual você seria? Por quê?	A besta Porque ela foi uma guerreira

Fonte: Autoria própria.

Os alunos que ficaram no nível regular, foram aqueles que não conseguiram compreender uma parte do texto. No exemplo acima, o próprio aluno declara que, às vezes, não entende a narrativa. Além disso, elementos básicos como o tempo da ação foram incompreendidos.

Quadro 6 – Questionário sobre o conto “A Bestinha de Antonino” – Exemplo I

Nome	Q
Título do conto	A Bestinha de Antonino
Sobre o que fala o conto?	Sobre a bestinha de Antonino e o touro.
Descreva o lugar onde acontece a história.	La pras bandas do sertão.
Identifique o tempo em que ocorre a ação narrada.	De dia no sertão.
Qual ou quais trechos do texto faz você rir? Identifique-os.	Não respondeu.
Retire ou aponte no texto, elementos que indique características do regionalismo.	Não respondeu.
Você consegue se reconhecer nessa história? Comente.	Não respondeu.

Se você fosse uma das personagens, qual você seria? Por quê?	Não respondeu.
--	----------------

Fonte: Autoria própria.

Os alunos que se encontraram no nível insuficiente, responderam apenas as questões que encontram-se na superfície do texto, dando-se apenas ao trabalho de copiar o que é mais óbvio no texto, sem que haja nenhum processo de reflexão. Essas perguntas serviram para que pudéssemos perceber o nível de interpretação de nossos alunos no início do projeto. Essa primeira visão sobre o nível de interpretação do aluno foi fundamental para que soubéssemos como o aluno entendeu o entrelaçar da história, o que está implícito nas entrelinhas, ou seja, como o aluno recuperou o sentido do texto.

O segundo encontro do segundo momento aconteceu no dia 01 de agosto de 2017, após a semana de avaliação bimestral dos alunos. Na ocasião, pedimos aos alunos que produzissem um conto que deveria ser entregue no término da aula. Informamos que eles poderiam usar o conto lido na aula anterior, “A bestinha de Antonino” como base temática, como modelo, porém deveriam criar o seu próprio enredo, pois, o conto pode ser produzido para imitar a realidade (mímese), ou até mesmo um outro conto. Ogliari (2012) diz que ninguém escreve um conto sem antes ter outro conto como referência, como espelho, como modelo, mesmo que esse tenha ficado pra trás. Ogliari (2012, p. 81) ainda afirma que:

Negar um anterior é transgredi-lo, é trazê-lo à tona e torná-lo tão importante quanto o novo, pois esse, o segundo, o novo, só é o que é, só existe a partir da existência do primeiro, do reflexo do primeiro, pois o primeiro, mesmo sendo o segundo sua negação permanece nele.

Observando por esse ângulo, a escolha do conto “A Bestinha de Antonino” foi de grande pertinência, uma vez que a escola está situada em uma comunidade rural e bem ao lado da escola há um pequeno pátio para corrida de cavalos e um curral que serve para guardar a boiada do fazendeiro vizinho. Sendo assim, é comum nos depararmos com bois na estrada na ida para a escola, ou na volta para casa. Outro detalhe coincidente é que alguns alunos possuem bestinhas e costumam levá-las para escola. Todos esses elementos, aliados à análise do conto feita na aula anterior, serviram de argumentos para que os alunos tivessem mais subsídios para sua escrita. Todavia, nenhum aluno conseguiu entregar o conto no fim da aula. Comprometeram-

se em entregar na semana seguinte. Contudo, apenas os alunos D, F e S trouxeram um conto escrito, conforme o prometido. Foram eles:

Quadro 7 – Conto escrito pela aluna D

Vaqueiro arretado

Um tempo atrás no sertão nordestino, havia um vaqueiro que era muito macho e se achava um dos melhores vaqueiros daquela região. Atendendo pelo nome de Everaldo, ele era um caba moreno de olhos castanho e alto.

Num certo dia, ele foi junto com o seu cavalo galopar na região e viu uma fazenda e foi para a direção da fazenda, ele tava com muito cede, estava muito cansado, então ele resolveu ir para aquela fazenda que estava logo ali, era uma linda casa, branca e toda alpendrada.

Ai chegando perto da casa, o dono da fazenda falou:

- Vem cá cabra véio.

Ele com medo e com muita cede foi lá.

- O que é que tu ques cabra? – Perguntou o fazendeiro.

- Eu quero um caneco com água, estou com muita cede. – Respondeu o vaqueiro.

Então, seu Severino chamou sua mulher e disse:

- Vá buscar um caneco com água para esse rapaz!

A mulher trouxe a água para o vaqueiro que bebeu bem depressa. E os dois, fazendeiro e vaqueiro, ficaram a conversar.

- Eu ouvi falar que você é um dos melhores vaqueiros da região. É verdade isso? – Perguntou o fazendeiro.

- Sim. Eu inté já peguei um boi brabo na mão, para o senhor que não sabe. – Respondeu o vaqueiro todo vaidoso.

Seu Severino, que não era besta nem nada, quis tirar a prova.

- Então bora lá para o curral para eu ver se você é o melhor vaqueiro dessa região mesmo. – Chamou seu Severino.

Everaldo foi todo cheio de si. Mas quando chegou no curral, o vaqueiro se deparou com uns bois que eram uns monstros. Tinha boi tão grande, mas tão grande que se parecia mais era com o boi bandido. Morrendo de medo, Everaldo não podia fazer feio, afinal, ele era o vaqueiro arretado.

- Meu Deus do céu, nunca montei num boi desses. – Pensou Everaldo.

Mesmo assim, ele foi. Subiu no boi que no primeiro pulo botou Everaldo no chão, deu-lhe uma cabeçada e botou o vaqueiro pra correr.

Coitado de Everaldo, nunca mais quis saber de ser vaqueiro.

Fonte: A autoria própria (aluna).

O conto escrito pela aluna D apresenta uma inspiração no conto “A Bestinha de Antonino”. A narrativa é ambientada no sertão nordestino e apresenta como personagem principal, Everaldo, um vaqueiro arretado, baseando-se na personagem Antonino. E assim como este, Everaldo deveria mostrar sua valentia montando em bois brabos.

Quadro 8 – Conto escrito pelo aluno F

O milharal de seu Joca

Certo dia seu Joca estava passeando pela sua grande plantação de milho, quando ele avistou que seu milharal estava sendo roubado. Muito chateado ele chamou o seu capanga José e disse:

- José, estão roubando o meu milho, e quero que você vá caçar o ladrão.

José respondeu:

-É para já, seu Joca.

Durante a caçada, José viu um menino correndo dentro da capoeira com um saco cheio de milho. Então José disse:

- O ladrão é um menino.

Seu Joca respondeu:

- Vá pegar aquele cabra da peste!

Foi então que José pediu ajuda de outros capangas para pegar o menino. O menino era tão ligeiro que nem um coioote. Nessa correria o menino acabou topando e caiu no chão e os capangas que estavam com José pegaram o menino e levaram para seu Joca.

Então seu Joca perguntou ao menino:

- Por que você cabra safada roubou meu milho?

O menino chorando, respondeu:

- Para dar de comer aos meus irmãos mais novos e a minha mãe.

Seu Joca muito bravo, perguntou:

- E seu pai por que não vai arrumar um trabalho?

O menino chorando muito, respondeu:

- Queria eu, ele aqui com eu e os meus irmãos e a minha mãe.

Seu Joca não entendendo, perguntou:

- E por que ele não está com vocês?

O menino respondeu:

- Por que ele morreu.

Seu Joca ficou tão surpreendido que mandou os seus capangas soltarem o menino e deu o seu saco cheio de milho e muita comida. A partir desse dia seu Joca passou a ser padrinho do menino, dando a ele tudo o que ele precisava.

Fonte: Autoria própria (aluno).

Em uma narrativa simples produzida pelo aluno F, encontramos apenas uma referência em relação ao conto “A Bestinha de Antonino”, a palavra milharal. No mais, esse conto parece mostrar as dores e as vivências de alguns moradores da própria comunidade, que sobrevivem com a ajuda dos governantes daquela região, os quais são chamados de *padrinhos*.

Quadro 9 – Conto escrito pelo aluno S

A égua de Josefino Araújo

Josefino Araújo era o único vivente branco naquelas bandas da Paraíba. Branco, branco. Cabra bom aquele vaqueirão. Ele possuía um sítio com o nome de Boqueirão. Lá tinha uma chácara, um roçado e bom curral, mas nada o orgulhava mais do que sua égua, um animal bom. Josefino a amava de coração.

Sucedede que um Barbatão vinha colocando a vizinhança da propriedade de Josefino Araújo em alvoroço. O touro criado na mata, longe de curral, pulava a cerca de tudo quanto era canto, chifrava quem encontrasse.

Vários vaqueiros de fama tinham corrido atrás dele, sem resultado. Sinhá Nazaré contava que ele morava numa caverna com a caipora. As crianças acreditavam mesmo sendo mentira. O touro morava mesmo, era lá pras bandas de Logradouro, numa mata fechada.

Um dia desse, seu Mané achou seu roçado em destroços. Tentou pegar o boi, mas quando espiou o diacho, esse já ia longe. Depois daquele dia, a perseguição pelo bicho cresceu mais ainda. Até que Josefino Araújo entrou no cabo com sua égua.

“É égua, vambora”. Largou-se na mata, procurou, procurou, procurou, mas nada de achar o barbatão. Aí, cansado, resolveu descer da égua e foram andando um ao lado do outro, e de repente apareceu o touro. Josefino não pensou duas vezes e tirou a espingarda para fora. Quando atirou no bicho, a égua atravessou no meio e o tiro foi fatal. E o touro fugiu mais uma vez.

E lá se foi a égua querida de Josefino Araújo.

Fonte: A autoria própria (aluno).

O aluno S escreveu um conto totalmente baseado em “A Bestinha de Antonino”. Mudando os nomes das personagens, do espaço, e também o desfecho da história, esse aluno teceu uma ligação interessante entre os contos para o início de uma escrita.

Estávamos chegando ao fim da leitura dos contos selecionados, porém ressaltamos que os alunos continuavam levando o livro **Chão dos Simples** para casa para realizarem suas leituras. Como também, tiveram a liberdade de inspirarem-se em outros contos para escreverem o seu.

No terceiro momento, foi a vez do conto “Artes e Tribulações de um Cigano em Umarizal” (Anexo D). No primeiro encontro, realizado em 08 de agosto de 2017, os alunos receberam *a priori*, apenas o título do conto para, a partir dele, levantarem hipóteses de leituras. Suscitamos os seguintes questionamentos: o que significa tribulações? vocês sabem o que é cigano? já ouviram falar em cigano? o que é Umarizal? De acordo com as respostas, pedimos que eles contassem a possível história, juntos com a criatividade e o conhecimento prévio de cada um. Finalizada

essa discussão, lemos de forma compartilhada o conto “Artes e tribulações de um Cigano em Umarizal”. Assim, após a leitura, discutimos o conto. Essa leitura foi, sem dúvidas, a mais descontraída. Os alunos riram muito e aqueles contadores de histórias tiveram a oportunidade de contar histórias sobre ciganos que eles conheciam. Esse encontro passou rápido e terminou com a euforia dos alunos.

No segundo encontro do terceiro momento ocorrido em 15 de agosto de 2017, o conto “Artes e tribulações de um Cigano em Umarizal” foi lido mais uma vez, agora em voz alta. Feita a leitura, aplicamos novamente o questionário (Apêndice E), que foi entregue no término da aula, para que pudéssemos compará-lo com o primeiro questionário, que fora aplicado no segundo encontro do primeiro momento, com o intuito de observar os níveis de evolução na interpretação das leituras dos alunos. Percebemos que, apesar de os alunos mostrarem interesse em conversar sobre o conto que leram, não apresentavam o mesmo interesse em escrever sobre ele. As respostas eram sempre curtas, as mais objetivas possíveis. Comprovamos também que, talvez por esse ter sido um conto bem discutido, as respostas eram bem parecidas, como se eles tivessem memorizado a discussão. Responderam esse questionário os alunos C, D, E, F, G, L, M, N, O, P, Q, R, S, V e W, os demais alunos estavam ausentes ou não entregaram. Separamos 3 exemplos de respostas. Vejamos:

Quadro 10 – Questionário sobre o conto “Artes e Tribulações de um Cigano em Umarizal” – Exemplo 1

NOME	D
Título do conto	Artes e tribulações de um cigano em Umarizal.
Sobre o que fala o conto?	Fala da besta de estimação de chico. Antão que deram pra comer barro e fala também de um cigano.
Descreva o lugar onde acontece a história.	Em uma fazenda que tinha curral e muito pasto.
Identifique o tempo em que ocorre a ação narrada.	O tempo da ação narrada foi feito pela manhã.
Qual ou quais trechos do texto faz você rir? Identifique-os.	O defeito está na vista, foi o que eu achei mas engraçado.
Retire ou aponte no texto, elementos que indique características do regionalismo.	Capim, cercado, curral, pasto, etc.
Você consegue se reconhecer nessa história? Comente.	Não

Se você fosse uma das personagens, qual você seria? Por quê?	Erineide. Porque ela, eu mim indentifiquo quando eu faço alguma coisa e meus irmão mim esconde.
--	---

Fonte: Autoria própria.

Quadro 11 – Questionário sobre o conto “Artes e Tribulações de um Cigano em Umarizal” – Exemplo 2

Nome	P
Título do conto	Artes e tribulações de um cigano em Umarizal.
Sobre o que fala o conto?	Fala sobre as bestas de seu Chico Antão e sobre as mentiras do cigano João Garcia.
Descreva o lugar onde acontece a história.	Em Umarizal na malhada grande.
Identifique o tempo em que ocorre a ação narrada.	De dia.
Qual ou quais trechos do texto faz você rir? Identifique-os.	Se sangue fede, eu estou todo ferido.
Retire ou aponte no texto, elementos que indique características do regionalismo.	Me acuda, ô de casa, ô de fora.
Você consegue se reconhecer nessa história? Comente.	Não respondeu.
Se você fosse uma das personagens, qual você seria? Por quê?	Eu queria ser Erineide por que ela grita e eu tambem gosto muito de gritar.

Fonte: Autoria própria.

Quadro 12 – Questionário sobre o conto “Artes e Tribulações de um Cigano em Umarizal” – Exemplo 3

NOME	S
Título do conto	Artes e tribulações de um cigano em umarizal.
Sobre o que fala o conto?	Sobre as bestas de Seu Chico Antão, que de tanto comer barro estavam magrelas, também falam sobre um cigano trapasseiro em umarizal.
Descreva o lugar onde acontece a história.	Na malhada grande em umarizal, Lugar cheio de árvores, uma casa-grande um pátio e etc.
Identifique o tempo em que ocorre a ação narrada.	De manhã, ou melhor, de dia.
Qual ou quais trechos do texto faz você rir? Identifique-os.	Longe o cigano morrendo de rir, contava o caso enquanto, tomava uma, de graça, numa bodega da estrada: - Na verdade elas não vão mais comer barro.
Retire ou aponte no texto, elementos que indique	Não respondeu.

características do regionalismo.	
Você consegue se reconhecer nessa história? Comente.	Não.
Se você fosse uma das personagens, qual você seria? Por quê?	O cigano, porque ele se diverte muito trapassando os outros.

Fonte: Autoria própria.

Com esses exemplos, identificamos que os alunos estavam em um nível mais equiparado de compreensão da leitura em relação ao início do projeto. A leitura parecia mais clara, mesmo que eles não quisessem colocar isso no papel. Os leitores liam com mais prazer do que escreviam. Portanto, podemos concluir que nessa etapa, os alunos avançaram também na escrita se compararmos as respostas dos dois questionários e que alguns já tinham escrito ou estavam escrevendo um conto.

5.3 PONTO DE CHEGADA

A *Interpretação*, última etapa da intervenção, como já foi explanada no tópico 4.1, aconteceu em dois momentos, um interior e outro exterior. O momento interior aconteceu na etapa *Leitura*, na medida em que o aluno lia o texto, os significados que ele atribuiu na hora da leitura. Podemos dizer que foi o aluno e o texto.

O que resultou desse contato, dessa vivência, apareceu no momento exterior. Foi a extrapolação do que foi apreendido nas etapas anteriores. Para essa etapa, reservamos um plano de aula (Apêndice D) dispendo de 18 h/a, das quais 12h/a foram para a escrita e reescrita do conto que foi publicado em um livro, e apresentado na culminância do projeto.

Durante esse período, também foram ensaiadas as apresentações que resultaram das interpretações dos contos, como peças teatrais, danças culturais. No processo de escrita e reescrita, esforçamo-nos para que os alunos se apropriassem de questões linguísticas como consequência natural do próprio processo.

5.3.1 Momentos decisivos

Todos os momentos vividos nesta intervenção tivemos como decisivos. Entretanto, esse tópico foi destinado aos momentos de extrapolação das leituras dos

contos. A escrita dos contos, afinal, apenas três alunos tinham produzido um conto até então. Era importante que eles compreendessem que: “Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos” (COSSON, 2014, p. 17). A preparação para a culminância do projeto, o que seria apresentado, como seria organizado, haja vista, os alunos eram os protagonistas.

As 12h/a planejadas inicialmente para a culminância foram ampliadas. A data prevista era o dia 11 de outubro de 2017, mas, precisamos adiá-la devido a contingências relacionadas à Secretaria de Educação do Município. Assim, realizamos o projeto em encontros semanais, com duração de 2h/a, todas as terças-feiras. A culminância ocorreu em 22 de novembro de 2017.

No dia 12 de setembro de 2017, lemos **Chão dos Simples: a peça**, de Lenício Queiroga. E escolhemos as cenas de “As dos Santos”, “A Cruviana” e “O cigano João Garcia” para serem encenadas. Selecionamos os atores e iniciaram-se os ensaios, sempre supervisionados.

Imagem 15 – Registro da Etapa da Leitura



Fonte: Acervo da pesquisa.

Escolhemos também a música “Vilarejo” de Marisa Monte que era tema desse projeto. Um grupo de alunos começou a ensaiá-la ao violão e teclado e produziram um vídeo.

Imagem 16 – Registro da Etapa de Interpretação



Fonte: Acervo da pesquisa.

Iniciamos também, os ensaios de um grupo de Xaxado, dança típica da Paraíba. Tudo caminhou em ebulição até o “dia D”. O escritor Manoel Onofre Júnior confirmara a sua participação no evento e os alunos não cabiam em si de tanta ansiedade. Até mesmo os mais tímidos demonstravam grande interesse com essa ilustre visita. Nesse percurso, os demais contos da Antologia **Eu também conto um conto: Chão dos Simples**, foram escritos (Anexos E a V). Nela, há contos regionais, alguns com elementos fantásticos, e um conto que traz um tom memorialista. É importante salientar que apesar de nem todos os alunos terem escrito um conto, a maioria deles contribuíram de forma significativa com este projeto. Para critério de reconhecimento, explicitamos o quadro abaixo:

Quadro 13 – Contos escritos pelos alunos

ALUNO	CONTOS
A	As terras de seu Boneji; O caixão roxo; O riacho de seu Chico
B	xxx
C	Os cachorros de seu Chico
D	Vaqueiro arretado
E	O casarão
F	O milharal de seu Joca
G	Marina, a menina que se achava feia
H	A infância de José
I	O medo da vaca

J	xxx
K	A Brisiana da Meia Noite (Coautor aluno U)
L	xxx
M	xxx
N	Seu Mané vaqueiro
O	xxx
P	Artes e Tribulações de um cigano em Logradouro
Q	xxx
R	Dona Trude
S	A égua de Josefino Araújo
T	xxx
U	A Brisiana da Meia Noite
V	xxx
W	xxx
X	Dona Rita e a velha cangaceira; Joana e a cumade; João e o papafigo

Fonte: Autoria própria (alunos)

Além das atividades já referidas, produzimos os convites para o evento e lembrancinhas. O aluno F fez um retrato em tela do autor estudado, Manoel Onofre Júnior, para presenteá-lo. A Antologia estava pronta. O aluno L ensaiou para contar a história da “Bestinha de Antonino” aos convidados. Estávamos apenas aguardando o “dia D” com ansiedade. A essa altura vimos nos olhos dos alunos que não se esforçaram para participar de alguma forma no “dia D”, uma espécie de frustração. A foto abaixo registra o ensaio de véspera da culminância.

Imagem 17 – Registro da Etapa de Interpretação



Fonte: Acervo da pesquisa.

5.3.2 O dia D

Em 22 de novembro de 2017, aconteceu a culminância do Projeto **Eu também conto um conto: Chão dos Simples**. E todas as expectativas para esse dia foram excelentemente superadas, uma catarse coletiva de satisfação por fazer algo bem feito, uma espécie de gratidão nos elevou a um patamar de sensações maravilhosas, indescritíveis e inesquecíveis.

O evento iniciou pontualmente às 14h, com a chegada do convidado de honra. Manoel Onofre Júnior, recepcionado pela **Banda Marcial 29 de Abril** e a **Banda Marcial Manoel João Barbosa** que tocaram Luiz Gonzaga. Debaixo de um sol escaldante, todos muito emocionados ouviam a apresentação que durou cerca de vinte minutos.

Em seguida, fomos à sala reservada para as apresentações. O escritor Manoel Onofre Júnior, nosso convidado de honra, compôs a mesa, nitidamente emocionado.

A apresentação iniciou com alunos entrando com as bandeiras do Brasil, do Estado da Paraíba e do Município de Logradouro. Em seguida, o Hino Nacional foi cantado e tocado pelo Professor Edvan e os demais presentes.

Imagem 18 e 19– Registro da abertura da culminância do Projeto: eu também conto um conto



Fonte: Acervo da pesquisa.

Imagem 20 – Registro da abertura da culminância do Projeto: eu também conto um conto



Fonte: Acervo da pesquisa.

Imagem 21 – Registro da abertura da culminância do Projeto: eu também conto um conto



Fonte: Acervo da pesquisa.

Na sequência, o coral de alunos cantou a música “Vilarejo” de Marisa Monte. Essa música representa a Vila Nova Descoberta e o Sítio Boqueirão, visto em uma perspectiva literária, uma fuga do mundo real e o ideal de um mundo melhor. Esse foi outro momento emocionante.

Imagem 22 – Registro da abertura da culminância do Projeto: eu também conto um conto



Fonte: Acervo da pesquisa.

Todos atentos, iniciaram as apresentações das cenas de “As dos Santos”, “A cruviana” e “O cigano João Garcia”. A aluna que representava a irmã Quitéria, esqueceu as falas, foram as irmãs Filó e Marquinha que levaram a apresentação até o fim. Todavia, mesmo os erros eram motivo para risos. Depois, dois alunos apresentaram muito bem a peça “A cruviana”, engajados, incorporaram as personagens, Aderaldo e Chicão. E, finalizando a apresentação das peças, dois alunos, um do projeto e outro da EJA, encenaram de forma hilária, “O cigano João Garcia”. Nesse momento, o espetáculo foi total, ninguém conseguia segurar o riso. Foram excelentes apresentações.

Imagem 23 e 24 – Registro da apresentação da peça Cruviana e da peça João Garcia



Fonte: Acervo da pesquisa.

O tempo voava, a sala estava lotada, não havia mais espaço, afinal era uma sala de aula. Estava quente, mas ninguém parecia estar incomodado, pelo contrário, deliciavam-se com aquele momento. O nosso convidado de honra, Manoel Onofre Júnior, assistia a tudo com atenção e um tanto de emoção, pois o carinho que o rodeava era imenso.

Imagem 25 – Registro da mesa de convidados



Fonte: Acervo da pesquisa.

Havia pouco tempo para o término das apresentações. Dessa forma, existia uma certa pressa, pois faltava muito a fazer. Partimos para a contação de histórias, em que o aluno narrou o conto “A Bestinha de Antonino”, todos atentos o ouviram. Seu Manoel Onofre ria. Em seguida, apresentamos o Xaxado, que apesar de problemas com o áudio, a plateia batia palmas e cantava a música. Se algo inesperado acontecia, alguém vinha com a solução, “o show não podia parar”.

Enfim, o momento mais esperado chegara, a fala do escritor homenageado por aqueles pequenos. Manoel Onofre Júnior, acadêmico norte-rio-grandense, estava bem a nossa frente. Todos muito atentos o ouviam com encanto. O escritor parecia muito emocionado, falou sobre a importância da leitura de textos literários e agradeceu a todos pela acolhida sincera. Citou ainda que aquele era um momento para jamais se esquecer.

Imagem 26 e 27 – Registro da fala de Manoel Onofre Junior



Fonte: Acervo da pesquisa.

No final, apresentamos a Antologia **Eu também conto um conto: Chão dos Simples** e os alunos que a escreveram. Nosso homenageado recebeu o quadro que nosso aluno fez para presenteá-lo, como também um exemplar da Antologia. Quando íamos encerrar aquele momento, um dos alunos participantes do projeto, pediu para falar sobre o que aquele projeto significou para ele. Nesse momento, ninguém mais segurou a emoção, as lágrimas rolaram até dos olhos resistentes. Eram abraços em meio aos soluços. E, com a fala emocionada da Secretária de Educação do Município, encerramos o evento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de textos literários é uma das maneiras de experienciar o mundo, pois ao passo que nos mostra a nossa condição humana, também permite-nos sonhar. Pensar sobre a importância do letramento literário e o seu impacto na vida do aluno foi o que nos levou à realização desta intervenção. Um outro fator que nos impulsionou foi o fato de a literatura ser um dos maiores bens a serviço da sociedade, uma vez que o escritor se compromete com a realidade a sua volta, seus conflitos interiores, a sua visão de mundo e expressa tudo isso em textos ricos em valor estético, histórico, ideológico, político e social. Essa construção compõe uma das essencialidades e dever de levar o ensino de literatura para a sala de aula através dos textos e não meramente por informações sobre as obras e/ou autores. Mas, de fato, trabalhar um texto literário em si, como algo que conscientiza, liberta e ensina, o aluno leitor de textos literários tem o privilégio de se formar cidadão crítico, reflexivo, que saiba agir e falar sobre o que pensa da melhor forma possível.

A partir dessas perspectivas, realizamos esta pesquisa e levamos o letramento literário sugerido por Cosson (2014), para os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Manoel João Barbosa, Logradouro/PB. Esses alunos chegaram nesta turma com graves dificuldades de leitura e escrita, nunca tinham lido um texto literário realmente como um texto literário, e apresentavam uma baixa autoestima quanto aos seus estudos, não vislumbravam qualquer perspectiva em suas vidas escolares.

Nosso projeto de intervenção literária que fora realizado a partir dos contos que compõem o livro **Chão dos Simples**, do escritor potiguar Manoel Onofre Júnior, através do paradigma do letramento literário apresentou resultados significativos no processo de formação desses alunos. Ou seja, pudemos confirmar a concretização dos objetivos previstos quando da elaboração inicial do projeto.

Inserimos o ensino da literatura na sala de aula através das leituras diretas dos textos literários. **Chão dos Simples** e Manoel Onofre Júnior foram primordiais para a execução de nosso planejamento. Ressaltamos o valor da escrita regionalista e bem humorada dos contos de **Chão dos Simples** para o êxito desse projeto. A forma como esses contos narram a vida de pessoas interioranas, simples como esses alunos/leitores, tornavam os momentos de leitura prazerosos, risonhos,

descontraídos. Os alunos se deliciavam com os textos. Foram, de alguma forma, despertados para a vida real através da ficção.

No início da intervenção, muitos deles mal liam ou queriam falar sobre o que liam. Ao final, a grande maioria lia com entusiasmo e falava, opinava sobre o que tinham lido. Em relação à escrita, as dificuldades eram grandes desafios também que, paulatinamente, através do exercício de leitura, escrita e reescrita foram sendo vencidos. Percebemos que, apesar de alguns não terem aperfeiçoado a leitura e a escrita aos padrões exigidos para a sua série/ano, avançaram significativamente nesses dois quesitos, ao longo da intervenção. Esse foi um dos aspectos relevantes deste trabalho.

Percebemos que cada texto trazia suas tessituras vocabulares, o que constituía, para uns, verdadeiros percalços lexicais, requerendo o uso de dicionários, por exemplo; para outros, os mesmos vocábulos, já conhecidos, eram como caminhos outrora trilhados e que acessavam outros novos caminhos. Um ponto negativo foi o fato de alguns alunos não terem produzido um conto. Não teriam eles avançado significativamente em seus processos de leitura e escrita? Concluímos que sim. Seguindo com a intervenção, os alunos, cada qual ao seu tempo, cada qual ao seu ritmo, ampliaram suas competências de leitura e escrita; tornaram-se mais críticos e reflexivos à medida que se reconheciam através das leituras e discussões e compreendiam os mecanismos de organização social. Após várias atividades de leitura individuais e coletivas, realizaram produções escritas as quais organizamos em uma *Antologia de contos*, ponto alto de nosso projeto, exibida em sua culminância, cumprindo assim, com os objetivos que elencamos no início deste trabalho.

Apresentar a literatura potiguar para alunos paraibanos foi muito gratificante, tendo em vista a importância da nossa literatura e o compromisso que nós, professores de Língua Portuguesa do Rio Grande do Norte, devemos assumir para com o nosso legado literário potiguar. Entretanto, a falta de livros da literatura norte-rio-grandense nas escolas do estado é perceptível e não contribui para que façamos esse trabalho. De fato, somos privados de conhecer e divulgar escritores e obras potiguares e, conseqüentemente, torná-los reconhecidos pelo público escolar. Compreendemos assim que, a relevância de ter conhecido um pouco mais sobre essa literatura e tê-la trabalhado junto aos alunos com esse projeto de intervenção foi uma experiência de grandes êxitos e descobertas gratificantes. A intensidade dessa experiência foi ainda mais significativa, porque trabalhamos com o escritor potiguar

Manoel Onofre Júnior cuja carreira literária ultrapassa 4 décadas, o referido autor é um expoente da literatura potiguar. Dentre seus inúmeros livros destacamos **Chão dos Simples**, coletânea de contos com a qual o autor ganhou o reconhecimento da crítica local graças a sua genialidade ao falar “dos sertões” do Rio Grande do Norte.

Seria um exagero, perdoável, dizer que Manoel Onofre Júnior e seu **Chão dos Simples** foram para nós uma dádiva. **Chão dos Simples** trouxe a literatura para a vida desses alunos e não o fez de maneira aleatória: apresentou-lhes um mundo muito parecido com o deles, de lugares e pessoas simples. As leituras da literatura fizeram com que percebessem que a vida deles também poderia ser literatura, fizeram com que se questionassem várias vezes quão “parecidas” eram aquelas narrativas com suas vidas.

A obra de Manoel Onofre Júnior deu vida nova a esses alunos. Pois como já dissemos, eles eram tímidos, desestimulados, alguns até arredios. O fato de uma pessoa ilustre, a qual ocupa uma importante posição na sociedade, ter olhado humanamente para o trabalho desses alunos, despertou-lhes para a literatura e porque não, para a vida? Onofre Júnior despertou neles a literatura que havia dentro deles, mostrou-nos a humanização tão desejada por muitos com o seu jeito sincero, nobre de perceber o valor do ser humano. O seu olhar atento para cada aluno dava um ar de nobreza às apresentações. Ele nos tocava e nos transformava. Os alunos ressignificaram suas vidas, passaram a ter sonhos: uns querem continuar lendo, outros querem ser escritores. **Chão dos Simples** continua.

No percurso da intervenção, conferimos a importância do ensino da literatura em sua concretude, através da evolução de cada aluno. Sabemos que a leitura ocupa um lugar privilegiado na sociedade, ler é uma prática de status. No momento em que esses alunos iniciaram as oficinas das etapas de letramento, vivenciamos uma transformação. Eles passaram de seres passivos a ativos. A maioria dos discentes começou a se posicionar diante do texto. As leituras e as discussões tornaram-se mais intensas, eles estavam mais críticos, mais reflexivos. Apreciavam ser ouvidos. A maior parte dos alunos fez questão de participar das atividades inerentes à culminância do projeto. Nessa perspectiva, Todorov (2009) atenta para o poder de transformação que a literatura tem sobre os indivíduos. O autor diz ainda que a literatura nos aproxima de outras pessoas, ajuda-nos a compreender melhor o mundo, e nos ajuda a viver. Candido (1995) enfatiza que a literatura como fator de humanização, reafirma a humanidade do homem, isso porque atua em grande parte, no seu subconsciente e

inconsciente. Dessa maneira, ela se assemelha aos aprendizados conscientes que adquirimos na escola, na família ou outros grupos sociais.

Todavia, salientamos que, durante esse processo de ensino de leitura do texto literário, enfrentamos dificuldades afora as de ordens pedagógicas. A Escola Municipal Manoel João Barbosa possui um espaço físico bastante pequeno, não dispõe de biblioteca, tampouco um espaço livre para que pudéssemos realizar leituras ou representações que não seja a própria sala de aula. Não possui livros suficientes para se fazer projetos de literatura, tendo a maior parte dos recursos deste projeto sido custeada pela pesquisadora. Todavia, a gestão escolar não mediu esforços para a realização do projeto.

A realização do projeto: **Eu também conto um conto: Chão dos Simples**, cumprindo fidedignamente o passo a passo da sequência básica apontada por Cosson (2014), comprovou-nos a eficácia do paradigma do letramento literário, no qual o aluno tem acesso ao texto como experiência de leitura, momento em que ele se constitui e é constituído como leitor de texto literário. Ainda segundo Cosson (2014) é pela literatura que o leitor encontra o senso de si mesmo e se sente instigado a expressar o seu próprio mundo. Ter como modelo norteador a sequência básica sugerida pelo autor em questão para a realização da intervenção foi de suma importância para o alcance de bons resultados. Compreendemos que o trabalho precisa acontecer de forma sistematizada, sequenciada, para que o aluno possa apreender cada etapa do processo de construção de sentido do texto literário. A apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos deve ser uma prática, mantida e aprimorada.

Concluimos que projetos como este devem ser recorrentes na escola, para a formação de um aluno crítico, reflexivo e atuante na sociedade. Dessa maneira, apontamos esse modelo de intervenção, bem como a obra **Chão dos Simples**, para professores de LP que desejam trabalhar um projeto de leitura literária na sala de aula com um autor genuinamente norte-rio-grandense.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. 4. ed. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2006.
- ALBERTI, Verena. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **A tendência regionalista na Literatura Brasileira**. In: ALVES, Luís Alberto. (Org.). *A formação em perspectiva: Ensaio de Literatura, Cultura e Sociedade*. 1. ed. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2014. p. 201 - 222.
- _____. **Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRN, 1995.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BERGSON, Henri. **O Riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BERNARDES, José Augusto Cardoso. **Como abordar a literatura no Ensino Secundário: outros Caminhos**. Porto: Areal, 2005.
- BORNHEIM, Gerd. A. et al. **O conceito de tradição**. In: _____. *Tradição/Contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 33. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BREDELLA, Lothar. **Introdução à didática da Literatura**. Lisboa: Dom Quixote, 1989.
- BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: EDUSP; Editora da Unicamp, 2006.
- CALVINO, Ítalo. **Para quem se escreve? (a prateleira hipotética)**. In: _____. *Assunto encerrado. Discurso sobre Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à Literatura**. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3.ed. São Paulo: Duas cidades, 1995, p. 235-263.
- _____. **Literatura e Subdesenvolvimento**. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987, p. 140-162.
- _____. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda, 2000.
- _____. **Literatura e a sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Alma Patrícia: crítica literária**. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1998.
- CEREJA, William Roberto. **Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para trabalho com literatura**. São Paulo: Atual, 2006.
- CHIAPPINI, Lúcia. **Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na Literatura**. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, p. 153-159, 1995. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1989/1128>>. Acesso em 17 nov. 2016.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **O espaço da Literatura na sala de aula**. In: Literatura: Ensino Fundamental. PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (Coords.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20).

D'ANGELI, Conceita; PADUANO, Guido. **O Cômico**. Tradução de Caetano Waldrigues Galindo. Curitiba: UFPR, 2007.

D'ONOFRIO, **Salvatore**: forma e sentido do texto literário. São Paulo: Ática, 2007.

DUARTE, Constância Lima; MACÊDO, Diva Cunha Pereira de. **Literatura do Rio Grande do Norte**: antologia. 2. ed. rev. e ampl. Natal: Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto, Secretaria de Estado da Tributação, 2001.

DUARTE, Lélia Parreira. **Ironia e humor na Literatura**. Belo Horizonte/São Paulo: Ed. PUC Minas/Alameda, 2006.

GONZGA, Thiago. **Impressões digitais**: escritores potiguares contemporâneos. Natal: Offset, 2013. 1 v.

GURGEL, Tarcísio. **Informação da Literatura potiguar**. Natal/RN: Argos, 2001.

HOLANDA, Lourival. **Da necessidade social da Literatura**. In: CORDIVIOLA, Alfredo; SANTOS, Derivaldo dos; CABRAL, Valdenides. (Orgs.). As marcas da letra. João Pessoa: Ideia, 2004. p. 215-224.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 1989.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LEAHY-DIOS, Cyana. **Educação literária como metáfora social**: desvios e rumos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LLOSA, Mario Vargas. **A verdade das mentiras**: a literatura e a vida. In: LLOSA, Mario Vargas. A verdade das mentiras. Tradução de Cordelia Magalhães. 3. ed. São Paulo: ARX, 2004. p. 349-367.

MARINHO, Fernandes Francisco. **Manoel Onofre Júnior**: 40 Anos de Vida Literária – 1964/2004 (Bibliografia & Crítica). Natal: Gráfica Nordeste Editora, 2004.

MAYA, Alcides. **Machado de Assis**: algumas notas sobre o humor. 3. ed. Porto Alegre: UFSM, 2007.

MELLO, Cristina. **O Ensino da Literatura e a problemática dos gêneros literários**. Coimbra: Almedina, 1998.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: UNESP, 2003.

NOBREGA, Marta; PINHEIRO, Hélder (Orgs.). **Literatura: da crítica à sala de aula.** Campina Grande: Bagagem, 2006.

NUNES, Benedito. **A visão romântica.** In: GUINSBURG, J. (Org.). O Romantismo. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 51-74.

OGLIARI, Ítalo. **A poética do conto pós-moderno: e a situação do gênero no Brasil.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

ONOFRE JUNIOR, Manoel. **Chão dos simples.** 3. ed. rev. e ampl. Mossoró: Sarau das Letras, 2014.

_____. **Chão dos Simples: a peça.** Adaptação para teatro Lenício Queiroga. Natal: Ed. do autor, 2012.

PERRONE–MOISÉS, Leyla. **Literatura para todos.** In: PERRONE–MOISÉS, Leyla. Literatura e Sociedade. São Paulo: USP/FFLCH/DTLLC, 1996.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula.** João Pessoa: Idéia, 2002.

_____. (Org.) **Pesquisa em Literatura.** Campina Grande: Bagagem, 2003.

ROCHA, Maria Betânia Peixoto Monteiro da. **Na cantilena do café-com-pão: riso e tradição na obra de Bartolomeu Correia de Melo.** Natal: UFRN, 2016.

ROCHETA, Maria Isabel; NEVES, Margarida Braga (Orgs.). **Ensino da Literatura.** Propostas a contracorrente. Lisboa: Cosmos/Departamento de Literaturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1999.

ROUXEL, Annie. **Aspectos metodológicos do ensino da Literatura.** Tradução de Neide Luzia de Rezende. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JZoVR-FALEIROS, Rita (Orgs.). Leitura de literatura na escola. São Paulo: Parábola, 2013, p. 17- 33.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em perigo.** Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leituras: perspectivas interdisciplinares.** São Paulo: Ática 1988.

_____. _____. **Literatura & Pedagogia: ponto & contraponto.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

_____. **Estética da recepção e história da Literatura.** São Paulo: Ática, 1989.

_____. **O papel da Literatura na escola.** UFRGS–FAPA: Via Atlântica 14º un., 2009. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

_____. **A leitura e o ensino da Literatura.** [Livro eletrônico]. Curitiba: Ibpex, 2012. (Série Literatura em Foco). Disponível em: <<http://www.ubern.org.br/canal.php?codigo=795>>. Acesso em: 25 out. 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Plano de Aula

PLANO DE AULA

I. Plano de Aula: Plano de Aula 1
II. Dados de Identificação: Escola: Escola Municipal Manoel João Barbosa Professor (a): Simara Ribeiro Gomes da Cunha Lima Disciplina: Língua Portuguesa Série: 8º Ano Turma: Única Período: 5h/a
III. Tema: Aula Inaugural do Projeto: “Eu também conto um conto: Chão dos Simples” .
IV. Objetivos Objetivo geral: <ul style="list-style-type: none"> • Motivar os alunos para a leitura dos contos. Objetivos específicos: <ul style="list-style-type: none"> • Propiciar aos alunos um momento de compreensão acerca do que é regional, cultural e humorístico.
V. Conteúdo: Sessão cinema. Exibição do filme: O auto da compadecida , do escritor Ariano Suassuna.
VI. Procedimentos Metodológicos: Organização do ambiente. Exibição do filme.
VII. Recursos didáticos: Objetos regionais. Projetor multimídia. Comidas típicas.
VIII. Avaliação: Os alunos serão avaliados, mediante o engajamento e a participação durante o evento.
XIX. Referências: ONOFRE, Manoel Jr. Chão dos Simples . 3. ed. rev. e ampl. Mossoró: Sarau das Letras, 2014.

APÊNDICE B – Plano de Aula

PLANO DE AULA

I. Plano de Aula: Plano de Aula 2
II. Dados de Identificação: Escola: Escola Municipal Manoel João Barbosa Professor (a): Simara Ribeiro Gomes da Cunha Lima Disciplina: Língua Portuguesa Série: 8º Ano Turma: Única Período: 2h/a
III. Tema: Introdução do autor Manoel Onofre Júnior e de sua obra Chão dos Simples .
IV. Objetivos Objetivo geral: <ul style="list-style-type: none"> • Apresentar o autor, Manoel Onofre Júnior e apresentar o livro Chão dos Simples.
V. Conteúdo: Leitura do conto “Jesuíno Brilhante”, de Manoel Onofre Júnior.
VI. Procedimentos Metodológicos: Participação. Leitura silenciosa. Leitura em voz alta e alternada. Aula expositiva. Apresentação oral.
VII. Recursos didáticos: Projetor multimídia. Livro. Folha ofício.
VIII. Avaliação: Os alunos serão avaliados, mediante o engajamento e a participação durante o evento.
XIX. Referências: ONOFRE, Manoel Jr. Chão dos Simples . 3. ed. rev. e ampl. Mossoró: Sarau das Letras, 2014.

APÊNDICE C – Plano de Aula

PLANO DE AULA

I. Plano de Aula: Plano de Aula 3
II. Dados de Identificação: Escola: Escola Municipal Manoel João Barbosa Professor (a): Simara Ribeiro Gomes da Cunha Lima Disciplina: Língua Portuguesa Série: 8º Ano Turma: Única Período: 12h/a
III. Tema: Etapa de Leitura da sequência básica.
IV. Objetivos Objetivo geral: <ul style="list-style-type: none"> • . Inserir o texto literário na sala de aula. Objetivos Específicos: <ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre a temática lida. • Atribuir sentido aos textos. • Identificar os elementos da narrativa. • Reconhecer nos textos resíduos da tendência regionalista. • Encontrar nos textos, o motivo que nos faz rir.
V. Conteúdo: Leitura do contos: “Dia de Juízo”, “A bestinha de Antonino” e Artes e Tribulações.
VI. Procedimentos Metodológicos: Leitura individual dos contos: “Dia de Juízo”, “A bestinha de Antonino” e Artes e Tribulações de um Cigano em Umarizal”. Leitura feita pelo professor para que os alunos recuperem sentidos do texto. Questionamento oral sobre os elementos da narrativa. Questionamento oral sobre a história contada, apontando principalmente para o humor e o regionalismo. Questionário escrito. Reescrita do conto “A bestinha de Antonino”.
VII. Recursos didáticos: Livro Chão dos simples . Cópia dos contos. Cópia dos questionários. Folha pautada. Lápis.

VIII. Avaliação:

Os alunos serão avaliados de acordo o engajamento e a participação durante a aula. Sendo analisados também, pelo grau de envolvimento nas discussões orais e o nível de desenvolvimento nas atividades escritas.

XIX. Referências:

ONOFRE, Manoel Jr. **Chão dos Simples**. 3. ed. rev. e ampl. Mossoró: Sarau das Letras, 2014.

APÊNDICE D – Plano de Aula

PLANO DE AULA

I. Plano de Aula: Plano de Aula 4
II. Dados de Identificação: Escola: Escola Municipal Manoel João Barbosa Professor (a): Simara Ribeiro Gomes da Cunha Lima Disciplina: Língua Portuguesa Série: 8º Ano Turma: Única Período: 18h/a
III. Tema: Etapa de Interpretação da sequência básica.
IV. Objetivos Objetivo geral: <ul style="list-style-type: none"> • Apresentar tudo o que foi aprendido e apreendido durante o processo de letramento literário. Objetivos Específicos: <ul style="list-style-type: none"> • Produzir um conto para ser publicado em uma antologia. • Organizar e apresentar um Show Cultural.
V. Conteúdo: Leitura do contos: “Dia de Juízo”, “A bestinha de Antonino” e Artes e Tribulações.
VI. Procedimentos Metodológicos: Escrita e reescrita de conto. Ensaio de peça teatral. Ensaios para outras apresentações artísticas. Produção de vídeos. Confeção de lembrancinhas e convites para o evento. Apresentação de um Show Cultural.
VII. Recursos didáticos: Aulas explicativas. Direcionamento e redimensionamento de ações. Diálogos. Discussões. Instruções. Organização do evento.
VIII. Avaliação: A avaliação dos discentes nessa etapa, seguirá o mesmo modelo das etapas anteriores. Os alunos serão avaliados qualitativa e quantitativamente. Por conseguinte, serão avaliados pelo nível de participação, empenho e desempenho

em todas as atividades, que serão tanto distribuídas em grupos quanto realizadas individualmente.

XIX. Referências:

ONOFRE, Manoel Jr. **Chão dos Simples**. 3. ed. rev. e ampl. Mossoró: Sarau das Letras, 2014.

_____. **Chão dos Simples: A peça - adaptação para teatro** Lenício Queiroga. Natal: Ed. do autor, 2012.

APÊNDICE E – Questionário sobre o conto

Escola Municipal Manoel João Barbosa
Professora: Simara Ribeiro Gomes da Cunha Lima

Aluno: _____

8º Ano

Turma única

Turno: Vespertino

Questionário sobre o conto

1- Título do conto?

2- Sobre o que fala o conto?

3- Descreva o lugar onde acontece a história.

4- Identifique o tempo em que ocorre a ação narrada.

5- Qual ou quais trechos do texto faz você rir? Identifique-os.

6- Retire ou aponte no texto, elementos que indique características do regionalismo.

7- Você consegue se reconhecer nessa história? Comente.

8- Se você fosse uma das personagens, qual você seria? Por quê?

ANEXOS

ANEXO A - Jesuíno Brilhante

JESUÍNO BRILHANTE

O bando vinha por uma estrada solitária no rumo da Serra do Martins. Jesuíno contava subir a serra ainda hoje, para ir tirar da cadeia de lá uns protegidos seus.

Pino do meidia, poeirão subindo das patas dos cavalos, potopoco, potopoco, potopoco. Xexéu, cabra brincalhão, não se cansava de dizer: “Doze hora e minha barriga não melhora”. Ninguém havia almoçado ainda, pois as provisões de boca tinham se acabado. O restinho de farinha e rapadura, na travessia do riacho dos Campos a água levou.

Xexéu começou a cantar pra espantar a fome:

Corujinha, que vida é a tua?

Bebendo cachaça, caindo na rua?

Duas ou três vozes responderam:

Isto é bom, Corujinha!

Isto é bom...

A cantiga morreu logo. Não tinha graça, agora. Fome excomungada roendo todo mundo por dentro.

– Saco vazio não se põe de pé.

Por felicidade, bem numa curva da estrada, surgiu uma casinha de taipa que não se esperava ver por aqueles matos esquisitos. Foi uma alegria, uma algazarra só, e todos mudaram a marcha para meio galope, em busca da casa. Bom sinal, tinha galinhas no terreiro.

Pela janela da cozinha a mulher viu os homens se aproximando. Ela estava sozinha em casa; o marido mais os filhos, longe, no roçado. Apavorada, soltou a mão de pilão e quase esbagaçava um pé. Ficou que nem estauta, de medo; não havia nada que tirasse ela do lugar. Mas, com pouco, foi lhe dando uma tremedeira. – “Valha-me, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro!” Correu, foi buscar o rosário, conforto das apertadas horas. Com ele na mão, ajoelhou-se diante do Coração de Jesus, na sala da frente, e ficou rezando.

Jesuíno, chegando à porta da frente, viu a cena.

– Carece de ter medo, não, dona. Somos de paz – disse o cangaceiro. – Só estamos é com muita fome. Será que não tem aí uma comidinha pra nós? A mulher, branquinha, gaguejou “esteja a cômodo, Seu Jesuíno, se abanque, a casa é sua. Com licença, vou preparar o comer”.

Três cevadas bem escolhidas no galinheiro foram mais que depressa depenadas, chamuscadas e tratadas. Era bom que não houvesse demora, senão os cangaceiros podiam fazer um estropício. Com modos nervosos, a mulherzinha temperou os pedaços de galinha, mas, naquele aperreio todo, não era de admirar que a pobre se esquecesse de botar sal neles.

A mesa pronta, os cangaceiros avançaram para os pratos, que nem urubus em carniça. Um deles, Cascavel chamado, cabra antipático e presunçoso, disse fazendo careta:

– Esta merda não tem um tico de sal.

Jesuíno ouviu.

– Dona, me traga aí um litro de sal – falou ele, que mais parecia uma fera.

Em dois minutos o sal veio.

– Agora, coma – disse ao cabra.

E com a voz engrossando, cada punhal no olhar:

– Estou mandando comer o sal.

O cabra, foi como se tivesse levado um soco, ficou de crista caída. Não teve conversa, comeu sal até o chefe dizer “chega!”.

Depois, veio muito piedoso, “me desculpe, sinha dona, não tive tenção de lhe ofender” – um santo.

ANEXO B – Dia de Juízo

DIA DE JUÍZO

Isto que estou dizendo
 Eu tenho certeza plena
 Porque Padre Cícero disse:
 Em sessenta o chão empena
 O mundo vai arrochar
 E nesse tempo vão dançar
 O chumbrego da morena.

(“O Fim do Mundo Está Próximo”

- Manoel Tomaz de Assis, cantador e poeta popular)

Antes de começar o sermão da missa das sete – a mais frequentada dos domingos – Padre Frederico fez uma advertência ao seu rebanho: não se deixassem iludir pelas falsas profecias desse folheto que estava sendo vendido na feira. Era coisa de Satanás. Invenção do cantador Né Quixaba para enganar o povo. Nosso Senhor, em sua imensa bondade, não iria acabar o mundo, sem antes nos dar, avisos, pois Ele quer que as almas transviadas tenham tempo de se regenerar, voltando ao aprisco. Portanto, minhas irmãos, ficar tranquilos e confiantes em Deus.

Padre Frederico era o vigário de Serra Nova há alguns anos. Magro, alto e vermelho como convém a todo padre de origem alemã. Ele gostava de descompor do alto do púlpito as mulheres que, com seus vestidos sem manga, transgrediam a recomendação afixada na porta do templo: MORAL E DECORO NA CASA DO SENHOR. Mas, certa vez, ao dizer “Orate frates”, notou entre o negrume de mantilhas uma daquelas transgressoras e disse, ríspido, deixando no ar o gesto litúrgico: – A senhora aí, retire-se!

Houve choro e ranger de dentes, como na Bíblia.

O povo tolerava esta e outras besteiras de Padre Frederico, porque, inclusive, já o tinha na conta de tradição local. O velho sacerdote escondia – segundo a expressão de Maria Anunciada – “um coração de ouro”. Além disso não puxava o saco da mulher do coronel Sinhô, como o vigário anterior, e nem metia-se em porres de vinho e coisas menos bem-vistas, como Pe. Ananias, de Boa Esperança.

Estava muito velho, Padre Frederico. Naquela idade, bem podia fazer que nem Padre Carlos, cuja ocupação na vida era sair de casa em casa oferecendo Almanaque Ecos Marianos e folhinhas do Sagrado Coração de Jesus.

Mas, como se ia dizendo: velho, Padre Frederico sujeitava-se a certos vexames no desempenho do ofício de sacerdote. Suas missas, ultimamente, não eram lá missas muito apumadas. Às vezes, celebrando, ele saltava trechos, confundia-os.

Na primeira missa daquele sábado de aleluia, Serra Nova em peso compareceu à igreja matriz. Não era todo dia que tinha missa cantada e, ainda mais, acompanhada pela banda de música, sob a batuta do maestro Janjão. Padre Frederico era o celebrante, vistoso nos paramentos amarelos. Os santos do altar, despidos do roxo da Paixão, mostravam-se como que mais alegres. Em tudo transparecia um ar de

feita: nas réstias de sol, nos sorrisos de maria, no dourado do sacrário, nos vitrais coloridos.

- Dominus vobiscum.
- Et cum spiritu tuo – respondia o sacristão Inocêncio.
- Amém.

Corre ali no sertão uma crendice de que, se o padre, na missa da aleluia, não achar a dita aleluia, acontecerá o Juízo Final. “Achar a aleluia”, isto é, ver no missal a palavra símbolo da ressurreição, o que se dá, segundo o ritual católico, logo após a queda do celebrante, a figura deste estendida sobre os degraus do altar, a significar humildade. Pois bem, naquela missa, no momento da queda, Padre Frederico prostrou-se, dramático, mas nada de levantar-se. Os fiéis já inquietos. Boatos surgindo em sussurros: “Ele não achou a aleluia, valha-nos Deus!”. Quando se verificou que o padre estava apenas cochilando, a histeria já dominava a igreja de uma ponta a outra.

No exato instante em que tais fatos sucediam, outros, mais graves, começavam a convulsionar as ruas e a praça da matriz, para onde, aliás, já haviam corrido, apavoradas, algumas pessoas da igreja. Estranho fenômeno estava deixando todo mundo de cara voltada para cima, olhos arregalados, boca aberta. Umas grandes listras de fumaça branca riscavam de norte a sul o céu de Serra Nova. Que danado seria aquilo? As listras estiravam-se paralelas no meio do azul, faziam curvas e até davam cambalhotas.

– Arma secreta da Rússia – opinou o sapateiro Ferreirinha, sempre do contra, pois a opinião geral era de que aquilo só podia ser sinal de que o fim do mundo era chegado.

Rebuliço na praça que nem em dia de festa. Gente correndo, se atropelando, o estouro da boiada. Mulheres com ataques de histeria. Valentões pedindo penico. Crianças aos berros. E um chororô, um coro de lamentações sem fim. O medo, o medo. Medo espalhado no ar, como algo pestilento.

– O mundo não se acabou, mas foi um dia de juízo, foi. Eu vi cada cena, cada arrumação, que nunca hei de esquecer enquanto vivo for. Você sabe aquela doida, coitada, tão moça e tão bonita, que vivia nua trancada num quarto na casa dos pais? Pois bem, esqueceram de fechar a porta do quarto e ela, nuinha como estava, saiu correndo, desembestada, pelo meio da rua, cada pinote, cada grito feio que só vendo.

Menino, apareceram muitos podres naquele dia. Dona Carmem, lembra-se dela? vivia botando chifres no marido, o pobre de Seu Anastácio, homem direito está ali, pois ela se ajoelhou aos pés dele, Anastácio me perdoe, eu sou uma perdida, mas só amo você, só você, juro que nunca amei outro. Foi uma cena muito bonita, aquela. Seu Anastácio também chorou, os dois se abraçaram para morrer juntos. Na hora eu até me lembrei do drama que passou, uma vez, no circo, o artista, no fim dizia, chega me arrepiava todo: “E assim o céu uniu dois corações”.

Engraçado foi Inocêncio sacristão. Inocêncio correu feito louco atrás de Padre Frederico, querendo por fina força se confessar; tinha um pecado – gritava, aflito – que nunca havia dito nem no confessionário. “Ai, que se eu não encontro o padre vou direto para o inferno. Meu Jesus, misericórdia! Desde menino eu tenho esse pecado escondido.

“E Nezim da Camboa?” De uma hora para outra virou mão aberta, mandou chamar, correndo, os moradores do sítio, queria dar a cada um deles uma casa com

quintal e uma vaca parida. Mas, me diga uma coisa, quem danado queria nada disto no dia de juízo? Um cabra mais atrevido até disse: “Ah! Seu Nezim, vosmecê, podre de rico, passou a vida escanchado na gente, chupando o tutano de nós, e agora vem com essa santidade toda. Não, Seu Nezim, ninguém quer nada, não. Agradecido. Daqui a pouco vosmecê vai ajustar contas com Deus”.

Menino, um dia eu vou ter muita coisa para contar aos meus netos.

Como oráculo local em questões de suma sapiência, Dr. Aristóteles foi consultado a respeito das listras por uma comissão de homens bons.

Grave e professoral, o velho deitou falação:

– Na história da humanidade assinalam-se dois fenômenos sobrenaturais análogos a esse que ora se nos depara. O primeiro constituiu-se no terrível aná- tema – MENE, TEQUEL, UFARSIM – em letras de fogo, lançado por mão misteriosa na parede do palácio do rei Belsazar, em meio a herético banquete. Já o segundo fenômeno representou-se no aviso divino, dado ao imperador Constantino, através das ígneas palavras – IN HOC SIGNO VINCES – no céu gravadas, em torno da simbólica cruz, aos olhos atônitos do soberano guerreiro.

E concluiu, dogmático:

– Pelas circunstâncias extraordinárias de que tais fenômenos se revestem, parece-me que as listras em tela são prenúncios de hecatombe, quiçá do apocalipse.

E o velho ainda disse, com ar melancólico:

– Todavia, tal parafernália (sic) pouco se me dá. Estou velho e minha última esperança jaz sob sete palmos de terra (*).

Magister dixit.

– Mamãe, eu vi um avião na ponta da listra, bem pequenininho.

– Besteira, menino. Quem já viu avião soltando fumaça? Você já está crescendo, precisa tomar mais cuidado com o que diz. Venha rezar com a gente.

Quando a noite caiu, cheia de presságios, Serra Nova toda, apinhada em frente à matriz, respondia (*) Sutil referência à amada, há pouco falecida. a ladainha tirada por Padre Frederico, enquanto o final dos tempos não vinha. Grande fila formou-se para a confissão. Beatas altercavam por um lugar na fila. Algumas delas trocaram desaforos, foram às tapas. “Isto era demais” – pensou Padre Frederico. Aquele dia enchera-lhe as medidas. Para nunca mais. Um inferno. E foi o seu último pensamento. Ainda no confessionário, sentiu-se mal. Levado às pressas para o Posto de Saúde, no caminho disse para Inocêncio, que o socorreu:

– Chega, me acuda, tem um açude arrombando dentro de mim. E num fio de voz, aflito:

– Não esqueça de botar água na gaiola do canário.

Nada mais disse, porque se apagou, “como um passarinho” – para usar a expressão de Inocêncio.

No velório – todos comentaram – não tinha cara de defunto, parecia estar dormindo.

Para ele, sim, o mundo se acabou.

ANEXO C - A Bestinha de Antonino

A BESTINHA DE ANTONINO

Antonino Costa era o único vivente preto naquelas bandas do sertão. Preto preto. Carvão, piche. Cabra bom, aquele. Vaqueirão! Ele possuía um pedaço de terra, na beira do rio Pequeno, com casa caiada, roçado “pra comer verde” e bom curral. Mas, nada o orgulhava mais que sua besta de sela, animal pampo, boa tanto no trote e na bralha, como numa corrida atrás de boi. Dizia-se mesmo que a bestinha possuía alma e inteligência que nem qualquer pessoa. Era a conversa nas feiras.

Sucedede que um barbatão vinha pondo em alvoroço as vizinhanças da propriedade de Antonino. O touro, criado no mato, longe de mourão e curral, pulava cerca de roçado e chifrava quem encontrasse. Muitos vaqueiros de fama já haviam corrido atrás dele, sem resultados. O bicho tinha parte com o diabo, furava o mato numa carreira que não havia cavalo que acompanhasse. Depois, sumia-se. Sinhá Josefa contava que ele morava numa furna, junto com a caipora. Os meninos acreditavam. Mas o resto do povo da casa sabia que não: o boi vivia era na caatinga mais fechada, lá para as bandas do serrote do Varela. Cerca não era obstáculo para ele. Certo dia, Zé Caé encontrou seu roçado em destroços. Grande parte do milharal no chão, o feijoal murcho que dava pena. E viu o boi lá no outro lado do roçado, em pé, debaixo do juazeiro, o bucho quase estourando. Espingarda na mão, Zé Caé fez pontaria bem na testa da fera. “Agora me paga!” O tiro ecoou pelo pé do alto fronteiro, mas nem sinal do boi.

Em casa, Zé Caé disse: “É um bichão bonito, vermelho com duas manchas brancas na gola”.

Depois daquele episódio a perseguição ao bicho cresceu ainda mais. Das redondezas vinham vaqueiros atrás de criar fama. Voltavam de cara amarrada. Ou de perna quebrada. Um deles, no seu ódio ao animal, parecia o capitão Acab, de Moby Dick. Este, por sinal, terminou num hospital de Mossoró.

O fato é que o touro não era mais o terror dos campos, apenas. Era uma questão de honra para a vaqueirama da região.

Até que Antonino Costa entrou no caso com sua bestinha. Ele, aliás, relutara muito, antes de decidir-se. A besta estava em dias de dar cria. Mas, cedendo às pressões, veio campear o barbatão.

“É, bestinha, vambora.” E largou-se na caatinga. Procurou, procurou, mas nada de achar o touro. Aí teve uma ideia. Pois, se bem pensou, melhor fez. Ficou de tocaia no bebedouro, por detrás de uns marmeleiros. Quando deu fé, lá vinha o bichão. Arrogante, malencarado. Antonino já estava montado na besta, quando o touro disparou que nem flecha caatinga adentro. A bestinha foi atrás feito raio. Na frente havia duas árvores quase pegadas; ela passou, espremendo-se, entre as duas. Dali a pouco, Antonino já em cima do touro, tratava de colocar peias, chocalho e máscara. No ato de afivelar a máscara, ouviu foi aquele “riiinch, riiinch”. Voltou-se, surpreso. “Que seria aquilo?” Era um poldrinho pampo. Com um pressentimento, Antonino olhou para o bucho da besta. Estava vazio.

ANEXO D - Artes e Tribulações de um Cigano em Umarizal

ARTES E TRIBULAÇÕES DE UM CIGANO EM UMARIZAL

Seu Chico Antão, da Malhada Grande, andava às voltas com um problema sério. Suas bestas de estimação deram para emagrecer que nem ossadas ambulantes. A causa daquilo não era falta de pasto, pois sobrava capim nos cercados. Era que as danadas tinham pegado o hábito de comer barro. No paito, às barbas do dono, elas ficavam assim a tarde inteira. Seu Chico Antão, em desespero, mandava tangê-las para longe. Que fazer para acabar com aquele vício? Só prendendo as bestas num curral cimentado – o que era inviável.

Certo dia, uma delas amanheceu morta. No dia seguinte, outra. Pessoas davam os mais diversos conselhos ao fazendeiro: dê sal; não dê sal, dê resíduo. E Seu Chico fazia como lhe diziam. Mas em nada melhorava a situação.

Nestas alturas apareceu na fazenda um cigano, com seu bando, tangendo lote de burros e cavalos velhos. O nome desse cigano era João Garcia. Ele ia indo para Umarizal, ver se negociava aqueles animais. Quando avistou a casa-grande de Seu Chico Antão, resolveu pedir arrancho:

– Ô de casa!

Lá dentro o fazendeiro começava a tomar a sua coalhada (era hora da ceia).

– Ô de fora!

– É de paz.

Vestido num chambre, o velho causou impressão.

– Ganjão, peço sua ordem mode nós se arranchar ali na beira da estrada, inté amanhã.

Seu Chico não gostava de ciganos, mas tinha o coração mole, não sabia dizer “não”. Ficassem, ficassem, mas nada de baderna.

Noitinha, João Garcia se encostou na roda de conversa, no alpendre da casa-grande.

O assunto era o mal das bestas. Todo mundo dando palpite.

– Ora – disse o cigano – bastava dar raiz de mofumbo, que elas nunca mais comiam barro.

Seu Chico Antão ficou muito satisfeito e grato, tanto que passou a tratar o hóspede na palma da mão. E, antes deste continuar viagem, na madrugada seguinte, deu-lhe de presente dois queijos de manteiga.

Nem bem amanheceu o dia, seguiu o seu conselho. Raiz de mofumbo em raspas foi dada às bestas. Estas, logo após tomarem o “remédio”, começaram a dar sinais estranhos. Agitadas, pareciam querer sacudir do lombo um cavaleiro invisível. Daí a pouco caiu uma, de canela esticada. Em cima desta, outra. Dentro de poucas horas, o paito estava coalhado de bestas mortas. Foi serviço cavar uma vala, onde foram enterradas.

– Se aquele desgraçado passar por aqui de novo, eu mato ele. (O leitor já sabe quem disse isto.)

Longe, o cigano, morrendo de rir, contava o caso enquanto tomava umas, de graça, numa bodega da estrada:

– Na verdade elas não vão mais comer barro.

Até que enfim Umarizal e seu rebuliço de dia de feira. O bando parou em um terreno baldio, à entrada da vila, e ali armaram-se as tendas. Depois de acomodar sua gente, João Garcia levou os animais para a feira. Contava fazer bons negócios, precisava tirar o pé da lama.

– Ei, ganjão, quer trocar o burrinho?

– Três mil réis pelo jumento. É de graça

Mas ninguém lhe dava atenção, que ninguém era besta para querer negócio com cigano.

Mais adiante, no Mercado Público, um dos feirantes, vendo entre os animais uma famosa égua preta, botou preço, mas, antes de comprá-la, quis certificar-se:

– Ela tem algum defeito? Se tem, não me negue.

– O defeito está na vista. – disse o cigano.

O feirante olhou bem o animal e não viu nada.

Assim, o negócio foi feito e o feirante saiu logo montado na égua preta. Não andou muito, porém. O animal – viu – era cego. Aí pôde perceber o sentido das palavras do cigano: “O defeito está na vista”. Mas ficou tão envergonhado que não teve coragem de voltar atrás.

“Hoje estou com sorte.” – pensava João Garcia. “Ah! Se eu achasse comprador para Pachola...” Tinha dado um banho de tinta marrom no pangaré, e ele até que ficara parecendo novo. “Tomara que não chova...”.

Suas cismas foram interrompidas pelos gritos da cigana Erineide:

– João, fuja depressa, que Chico Antão tá lhe procurando. Ele mais dois capangas.

Tarde demais. Já o inimigo despontava, chibata na mão, boca espumando, o próprio dragão da maldade.

Daí a pouco, a vila presenciou aquela cena inusitada: correndo em busca do acampamento, inteiramente nu, o cigano dizia, numa tremenda aflição:

– Me acudam! Se sangue fede, eu estou todo ferido

ANEXO E – A Brisiana da meia-noite

A Brisiana da Meia-noite

lá vem seu chico na capalira muito cansado com a sua vaquinha mimosa com muita sede. era tardezinha, então ele viu uma casinha toda enfeitada de flores e foi até lá chegando lá viu que no alpendre estava seu ataviano o dono da casa.

- Ô de casa! o senhor pode arrandar um copo de água pra mim e minha vaquinha mimosa?

- perduta chico.

- Vou mandar minha mulher trazer. - respondeu ataviano.

"Terezinha traga um pouco de água pra seu chico e sua vaquinha mimosa"

- tá estou levando seu chico - respondeu terezinha atexada.

seu chico meu encalhado pergunta: "seu ataviano é que tá meio tarde! eu posso passar a noite aqui com minha vaquinha mimosa?"

- Pode! - respondeu seu ataviano. mas vo é vai ter que dormir ali no alpendre pois não tem a comodidade dentro de casa.

tá atimo! muito agradecido - respondeu seu chico... então terezinha trouxe a água e ele e sua vaquinha mimosa beberam.

Quando caiu a noite cantaram e foram dormir.

~~mas~~ mas antes de dormir seu ataliano falou:

- Cuidado com a brisiana da meia noite!

Seu Chico curioso queria perguntar que diabo de bicho era esse mas seu ataliano daí tinha fechado a porta.

Olhando a meia noite, seu Chico ouviu um gemido estranho e logo veio na sua cabeça que era a brisiana. Sem pensar, pegou a espingarda sem salter o que era então ele meteu o bumbo pra cima. Logo seu ataliano acordou assustado, abriu a porta e perguntou:

- Pelo amor de Deus Chico! o que foi isso?

- Matei a brisiana! - respondeu Chico ainda assustado

- Chico a brisiana e a brisa gostosa da meia-noite

- falou seu ataliano.

Curioso e espantado as duas foram olhar o que seu Chico tinha matado.

Que tristeza, ele tinha matado a vaquinha mimosa e seu filhote as gemidas.

tinham sido a mimosa dando a luz Chico chorou muito igual um bebê

ANEXO F – A égua de Josefino Araújo

A égua de Josefino Araújo

Josefino Araújo era o único residente branco naquela banda da Borçilho, Brameo, Brameo. Como tem aquele esquecimento. Ele possuía um bicho com o nome de Bequimão. Lá tinha uma charque, um cordeiro, e tem curral, mas nada e orgulhava mais do que sua égua, um animal bem Josefino a pequena de estimação.

Sucedeu que um Bantão veio cobrando a vizinhança da propriedade de Josefino Araújo em Alvorço. O touro criou na mata, longe de curral, pulava a cerca de tudo quanto era canto, e frousa quem encontrava.

Várias esquivas de fama tinham corrido atrás dele, sem resultado. Simão Nagaki contou que ele morava numa escuridão com a capota. As crianças acreditavam mesmo sendo mentira. O touro morava mesmo, era lá pra lá banda de Sagrada, numa mata fechada.

Um dia de lá, seu Nome, colou seu socado em desfralda, tentou pegar o touro, mas quando chegou o bicho já se foi longe. Depois daquele dia, a perseguição pelo bicho acabou mais ainda. Até que Josefino Araújo entrou no caso com sua égua.

"É, égua, Yambora". Bantão-be na mata, procurou, procurou, procurou, mas nada de olhar o Bantão. Li, com todo,

recolheu a cabeça do equo e foram andando um ao lado
do outro e de repente apareceu o touro. Joséfina não perdeu
nada, virou e tirou a espingarda para fora. Quando estava
no meio a equo atirou no meio e o touro foi fido. E
o touro fugiu mais uma vez.

E lá se foi a equo querida de Joséfina Maria.

ANEXO G – A infância de José

A infância de José

A infância de José foi muito alegre. Ele era uma criança muito amigável! Um dia José foi com a sua Primiça Jôã de Almeida com seu Pai. Em Lorian e Lorian Pedradas José acabou saindo. Então ele voltou para o seu Pai que ele falou "Luanã e Luanã para a vida e assim e sempre se lembrando que deu para alguém" José ficou a pensar cada que ele olhava mais em Luanã Maria, filha do pai, ou filha do Sr. Pedro Parim etc. ~~o~~ José José se lembrava das Pedradas e das comissões que seu Pai deixava para ele.

O Pai de José gostava de cantar canções. Uma vez ele cantava cantando histórias para José e sua irmã Teresa dando muitas histórias uma canção em irmã. Era sobre a "mulher" naquela época as irmã deviam ser sempre um e um ano. Foi quando o Pai de José falou:

- Cuidado com a Bruliana

Só que as crianças não sabiam que o pai queria da madrugada ir a Bruliana - Na casa de José tinha uma gato chamada João foi João que João ganhou um ~~do~~ e José apaixonado

de medo pegou uma lanterna e Terina seguiu
a Pamela e abriram uma ~~o~~ ruína sem teto. A zaida
olhou enfiando o nariz de fora que falou:

- o que foi isso

Tudo falou

- Não abram uma ruína na Guiliana

Depois de toda a discussão, eles viram que tinham
chegado no palme da grade todo tempo errado
Para deixar de fora e voltar lá todo mesmo.

ANEXO H – Artes e tribulações de um cigano em Logradouro

Artes e tribulações de um Cigano em Logradouro

Seu Antônimo, da Malhada Grande, andava às voltas com um problema sério. Suas burras de estimação deram fama por aí que nem osados ambulantes. A causa daquilo não era falta de pasta, pois sobrava capim nos cercados. Era que as danadas tinham pegado o hábito de comer barro. No peito as borbochas delas ficavam assim a tarde inteira. Seu Antônimo em desespero mandava tange-las para longe. Que fazer para acabar com aquele vício? Só prendendo as burras num curral cimentado, o que era inviável.

Certo dia, uma delas amambesou morto, no dia seguinte outra. Porcos davam as mais diversas conselhos ao fazendeiro: dê ral, não dê ral, dê residuo. E seu Antônimo fazia como lhe diziam, mas em nada melhorava a situação.

Nestas alturas apareceu na fazenda um cigano, com seu bando, tanguendo lote de burras e cavalos velhos. O nome desse cigano era Imacência. Ele ia todo para Logradouro e lá se negociava aqueles animais. Quando avistou a casa grande de seu Antônimo resolveu pedir arranche:

- Ô de fora!

- É de Paz.

Vestido num chamber, o velho cauro impressiona

- Ganhe, peça sua ordem made mão pe arranche ali na beira da estrada, até amanhã.

Seu Antônimo não gostava de ciganos, mas tinha a conação

mole mãs sabia digri mãs. Ficaram, ficaram mas nada de baderna.

Norlinda, Inocência se encostou na roda de conversa no alpendre da casa-grande

O assunto era o mal: dan buitar todo mundo dando palpite.

- Ora, - disse o cigano - bastava dan raiz de moFumbo, que elas ~~comiam~~ nunca mais comiam barro

Seu Antonino ficou muito ralado e grato, tanto que passou a tratar o hóspede na palma da mãs. E antes deste continu- ar viagem na madrugada seguinte, deu de presente dan fujeiro de coalho.

Nem bem amanheceu o dia, reguiu o seu conselheiro. Raiz de moFumbo em raras foi dada às buitar. Logo logo após to- mar o remédio, começaram a dan sinais estranhos. Agi- tar pareciam querer sacudir do lombo um cavabito invisível. Sai a pouco caiu uma, de camela esticada, e em cima dela caiu outra. Dentro de poucas horas o peito estava coalhado de buitar mortas. Foi preciso cavar uma vala onde foram enterradas.

- Se aquele desgraçado passar por aqui de novo ~~eu~~ eu mato ele. - Fala seu Firmão.

Longe, o cigano morrendo de sim contava o caso enquan- to tomava umas, de graça numa bodega da estrada.

- Na verdade elas mãs não mais comem barro.

Até que enfim Logradouro e seu ribulico de dia de Serra. O bando parou em um terreno baldio, a entrada da vila e ali amarraram as tendas. Depois de acomodar sua gente,

Inocência levou os animais para a Feira. Contava Sérgio bom, negociador, precisava tirar o pé de lama.

- É, ganjão, quer trocar o burrinho?

- Três mil réis pelo jumento. É de graça.

Mas ninguém lhe dava atenção, que ninguém era besta para quem negociava de cigano.

Mais adiante no Mercado Público, um dos Serantes, vendo entre os animais uma Samora égua marrom botou preço mas antes de compra-la, quis certificar-se.

- Ela tem algum defeito? Se tem, não me negue.

- O defeito está na vista. - disse o cigano.

O Serante olhou bem o animal e não viu nada.

Aí sim, o negócio foi feito e o Serante saiu logo montado na égua marrom. Não andou muito. O animal - viu - era cego. Ai pôde perceber o sentido das palavras do cigano: "O defeito está na vista". Mas ficou tão envergonhado que não teve coragem de voltar atrás.

"Hoje estou com sorte" - pensava Inocência. "Ah! Se eu achasse comprador para Pachola..." tinha dado um bamba de timba marrom no Pangaré e ele até que ficaria parecendo novo. "Tomara que não chova..."

Suas esmas foram interrompidas pelos gritos da cigana Elisângela:

- Inocência, suja depressa, que Antonino tá lhe ~~pedindo~~ procurando. Ele mais dois capangas.

Tarde demais, já o mimigo despontava, chibata na mão,

boca espumando, o próprio dragão da maldade

Dai a pouco, a vila presenciou aquela cena inusitada: Correndo em busca do acampamento, internamente eu, o cigano dizia, numa tremenda aflição:

- Me ajudem! Se sangrem sede, eu estou todo ferido.

ANEXO I – A terra de seu Boneji

A Terra de seu Boneji

Seu Boneji era dono das terras da Serra do Bonito. Era um fazendeiro muito sério, sério, sério, mesmo de ironia. Ele faleceu aos 88 anos com uma doença grave, chamada Jureco fino. Quando era vivo, tinha uma coisa que deixava seu Boneji danado de inveja, era o Paulo e a sua em suas terras.

Esta noite, seu Galo, um agricultor, e seu vizinho Laércio estavam saindo para casa.

- Laércio, você lembra do dia do velho Boneji? - Perguntou seu Galo.

- Lembro muito bem. Ele odiava casacos nas terras dele. Hoje nós caça até casacos, já que o velho faleceu. - Respondeu Laércio

Seu Galo ironicamente disse:

- Vamos caçar até amanhã.

E os dois foram junto às terras de seu Boneji, chegando lá, começaram a caçar tranquilamente. Com pouco tempo, eles ouviram um tranvê muito fino saindo da mata.

Seu Galo abraçado falou:

- Não me deu que zorra foi essa?

- Isso deve ser uma raposa. Vamos continuar caçando. - Disse seu Laércio.

Eles continuam fazendo. Mas aquele
 trabalho fica mais forte e mais forte.
 De repente, os trabalhadores se apressam. Os dias
 passam rapidamente em distração. Quando chegam
 na noite, meu corpo falha:

- Não, nunca tinha visto um trabalho
 tão feio como esse!! Eu acho que foi a última
 experiência.

- Já eu acho que foi o fim do mundo de
 meu pai que sabia da realidade em suas terras.
 - Retirei meu pai.

Quando voltamos à noite, vimos que
 tinha escrito:

"Meu pai sabia em minhas terras"

Meu pai e meu pai foram embora e nunca
 mais voltamos para essas nossas terras.

ANEXO J – João e o Papafigo

João e o Papafigo

Havia uma época em que o maior medo das crianças era o papafigo, um velho feio que ia atrás das crianças para pegá-las e fígado para comer. Quando chegava no finalzinho da tarde, todos que estavam brincando fora de casa corriam para dentro com medo do papafigo roubar seu precioso fígado, os mais corajosos que não corriam levavam uma chibata da mãe que gritava "MULHER, VEM JA PRA CASA SE NÃO O PAPA-FIGO TE PEGA".

Um dia, algumas crianças brincavam na frente de suas casas em uma estrada de barro, elas estavam brincando de tica, correndo de um lado para o outro, um rebulido só, correria e peixeira para todo lado, o sol começava a baixar e a noite começava a começar, uma senhora ~~sempre~~ colocou a calça pela parte de cima ~~para~~ da porta e gritou: "OH JOÃO, VEM LOGO PARA CASA SE NÃO O PAPA-FIGO VAI TE PEGAR, CORRE", todas as crianças que estavam em uma rua ficaram quietas, "Uh... já vou pra casa né", "É, minha papai vai esfriar... já vou!". Vários já haviam entrado em suas casas, haviam apenas 3 meninos, João, José e Carlos, José e Carlos estavam pedindo desculpas para ir para casa mas João queria porque queria ficar brincando, mas os outros não (por medo do Papa-Figo).

Pois os dois meninos foram e deixaram João, ele ficou lá, sentado na calçada reclamando baixinho "Mas Dão uns meduzos, dois meduzos desses... com medo

de Papa-figo, de papa-figo... esse bicho não existe" foi então que ele falou alto: "QUER SABER, SO ACREDITO QUANDO ESSE PAPA FIGO APARECER NA MINHA FRENTE" e ficou lá, enraivado do senta do na calçada. Já eram 17:40 quando no horizonte surgiu um velho, um velho magrelo e feio que andava com um saco nas costas.

"Ei menino tá fazendo o que aí senta do aqui sozinho essa hora?", o menino olhou pro velho o coração bateu, o suor saiu, os pés tremeram e ficou todo duro feito pé de pau. "Oh menino, eu te falando com tu, tem medo de papa-figo não?" Foi aí que ele correu mais que foi brabo correndo atrás de raqueiro, gritando mais alto que gata em tempo de parar gatinho, chamando mainha e o velho que ficou rindo.

ANEXO K - Dona Rita e a velha cangaceira

Dona Rita, a velha cangaceira

Dona Rita era uma senhora que vivia lá pro banda de Serra Moura, era uma senhora viúva que vivia sozinha. Coragem? Não, Caduquia. Não deixava quase ninguém entrar em sua casa falando que não confiava, e pensavam que iam roubar ela, mas um dia os ceiros se interessaram alguns meses de seu marido faleceu, ela ficou tristemente os ceiros dele quando achou uma espingarda e um chapeu de couro, então, pensou "Meu marido era o lampião, então eu sou Maria Bonita", então os que a viam se assustavam, ela estaria mais caduca do que nunca.

Ela ficou com medo e atirando até chegar pelas terras de seu Raimundão conhecidíssimo como o cabra mais macho dos banda de Serra Moura não tinha medo nem do diabo, quando diz, dizia que não tinha. Naquele dia em que dona Rita iniciava a colheita, se ouvia os relinchos dos cavalos, os gritos de dona Rita e os tiros que ela saltava para todos os lados.

Raimundão rezava a todos os santos existentes para que ele não morresse nos garras de um cangaceiro. Quando montada em um cavale desembestado, Dona Rita apontou a espingarda para ele (que já estaria sem balas) e falou

- Vossa desgraça coga na vai querer me dar seu couro ou vai ter que atirar?

Raimundão não pensou duas vezes, correu e pegou grande parte de sua riqueza e deu para ela, que saltou para a vila gritando: "Quem é a mais rica de Serra Moura? SOU EU!" e rindo muito.

ANEXO L - Dona Trude

Dona Trude

Houve uma vez, uma meninazinha
 tímida e muito curiosa. Quando os
 pais lhe dizem alguma coisa, nunca
 obedecia, como poderia pais, acabar bem?

Um dia disse a menina aos pais:

- Queri falar de dona Trude que tem
 vontade de ir a sua casa: dizem por lá
 que a casa dela tem um aspecto tão
 requintado e que tem tantas coisas
 estranhas! Estou morrendo de curiosidade.

Os pais proibiram-na categoricamente,
 dizendo:

- Dona Trude é uma mulher ruim, que
 faz coisas enormes, se for lá, não
 vamos mais a nossa filhinha.

A menina, porém, não se importando
 com a proibição, foi direitinho a casa
 de dona Trude. Quando chegou lá, dona Trude
 perguntou-lhe:

- Por que estás tão pálida?

- Ah! Disse a menina tremendo como
 uma folha - Vi uma coisa que me assustou
 terrivelmente.

- O que viste? - Perguntou dona Trude.

- Vi na parede escaida um homem preto!

Respondeu a menina.

- Era um ~~conceito~~ bicho! - Disse dona Trude;

- Depois vi um homem Verde. - Disse a menina aflita.

- Era um ~~coelho~~! - Retrucou dona Trude.

- Depois vi um homem Vermelho rubro como sangue!

- Era o esquaveiro! - Respondeu a Velha.

- Ah, dona Trude, que horror! Espiei pela janela e não vi, mas vi o diabo com a calça flamejante. - Indagou a menina espantada.

- Oh - disse dona Trude - então viste a bruxa na sua verdadeira uniforme, por muito tempo que espero por ti e te desejo: Vais me iluminar?

Então, dona Trude transferiu a menina num pedaço de pau e jogou a no fogo, quando o pau acendeu fazendo uma bela claridade, ela sentou-se perto e esqueceu-se, dizendo:

- Como ilumina bem.

ANEXO M – Joana e a cumade

Joana e a Cumade

Joana era uma menina que vivia nas terras do fazendeiro Josefino, era filha de uma empregada próxima da família. Um dia eles estavam conversando, na verdade contando lendas, mas uma em especial chamou a atenção de Joana. Foi a lenda da cumade filozinha, que era uma menina de cabelos longos e negros que prestigia a mata, não gostava de coqueiros mas gostava muito de papa, fuma e confeitos, também não gostava que a chamassem de caipora.

Algum tempo depois, o pai da garota foi caçar, ela desceu sobre a cumade, mas ele não deu nada para a filha e foi coçar assim mesmo. Joana com medo prececeu, e rolou o fumo da aruê, escondeu embraxos de sua cama uma sacola. Quando o pai chegou tudo ainda estava normal, o resto do dia também, até o meio da madrugada, quando Joana ouviu uns barulhos, os cachorros latindo, Joana com muito medo, correu mais rápido que um porco atrás de comida, arrambou a porta e gritou pelo pai para ver o que estava acontecendo lá fora, "ISSO É HORA DE ME ACORDAR MENINA" Joana insistiu muito ~~para~~ até que ele o foi, brabo mas foi.

- Tá vendo menina bruta, não tem diacho de caipora nenhuma aqui nesse...

Ao falar isso o pai de Joana teve uma incrível surpresa, algo como galhos de urtiga batendo nas suas costas, Joana já sabia o que era, a Cumade. Ela correu até a sua cama onde pegou o fumo e jogou para a cumade.

- Cumade pega esse fumo e deixa meu pai em
paz, por favor

Ela desce, pega o fumo que ficou jogou e foi pa-
ra a mata correndo

ANEXO N – Marina, a menina que se achava feia

Marina, a menina que se achava feia

Marina era uma menina como qualquer outra de sua idade, tinha 15 anos. Ela era uma menina tímida e quieta, porém sonhadora. Ela tinha um sonho que era ser professora, mas era muito tímida para isso. Mas ela nunca deixou de sonhar, ela não tinha muitas amigas, pois as pessoas a julgavam pela sua aparência.

Uma vez, seu primo Marcos a convidou para ir à igreja que frequentava lá muito tempo. Ela ficou muito feliz, pois nunca tinha sido convidado antes por ninguém. Ela achava que sua mãe iria ser maravilhosa. Mas quando lá, seu primo Marcos mandou ela ficar do lado de Jera, pois tinha lembrança de apresentá-la como sua prima, pois ele a achava feia. Que mulher gostaria de ouvir isso? Acredito que nenhuma, mas Marina naquele momento tinha duas opções: ignorar o que ele falou ou ficar triste. Mas não conseguia esquecer, já não achava o cabelo bonito, era complexada, então fiquei arrasada! Lembra quando ouvi pela primeira vez, pouco antes de comê-la

logo pensei que uma menina bonita. Porque
então se achava tão feia? Mas ela explicou
que só tinha defeito em si mesma.

"Eu achava que eu não tinha o perfil de
uma menina bonita como você", disse.

Infelizmente mulheres de aonde são
influenciada dessa mesma maneira pela
sociedade, que mostra o corpo esculpido
como modelo de beleza. Por isso muitas
são influenciadas com pensamentos
negativos e o brilho próprio se apaga.

E a conclusão que ela tomou foi que as
mulheres são muito invejosas consigo
mesmas.

Mas ela preferiu esquecer tudo e passou a
seguir a vida e ela preferiu só seguir de
cabeça erguida, afinal ninguém não pode
baixar a cabeça, senão a coisa vai.

ANEXO O – O caixão roxo

O caixão roxo

Na noite da noite de segunda-feira, Meu Nino e Meu Compadre Atacilio se ajeitaram Para ir Paraem. Quando Chegaram no Zangueiro, Meu Nino Percebeu que tinha uma Soia Jramea no topo das estacas do rio de Meu Zi-Mito. Muito assustado, Nino falou Para Meu Compadre:

- Atacilio, aquela Soia Jramea esta meo Perseguido faz um Som Tempo.

Seu Atacilio mostrando de medo, quis dar um de Cada maedo e Cadafomeo.

- Seu Nino, meoia Soia, eu não tenho medo de nada, nem de ninguém. Vou dar agora mesmo, Ma vai o que darado e irado.

- Vai meu Compadre, que eu So expereio aqui. Respondeu Nino mostrando de medo.

Seu Atacilio foi e quando Chegou Para as estacas, aquela Soia Jramea desapa-receu. Tudo acabado, Meu Atacilio chamou o Compadre Nino Para seguir em viagem.

Quando Chegaram na Beira do Rio, Meu Atacilio viu um Cachoe, e esse Cachoe não distando Por uma estrada cheia de flores e com um Penjume que era uma manarilha. Seu Atacilio, se chamando de medo, disse:

- Nimo, eu já tô e com meus, vamos embora que eu tô e cansado.

- Vamos embora que eu também tô cansado. - Responde Nimo.

Os dois continuam em direção aos seus carros caminhando. No meio do caminho, encontram-se com Meu Bola, um morador da região.

- Nimo e Atalício, vocês estão voltando para casa? - Pergunta Meu Bola.

- Sim, Meu Bola, mas por que a pergunta? - Fazem os dois.

o Meu Bola responde:

- Preste atenção no caixão novo que tem no meio da estrada.

Os caminhões movendo de modo, já não ignorava tudo que tinham visto naquela noite, dizem:

- Tá certo, Meu Bola. Vamos prestar bem atenção.

o seguem o caminho. De longe eles veem um caixão novo e continuam andando. Atalício porque cada um não tem medo de nada. Quando chegam bem perto veem que não existia caixão nenhum. Na verdade, era uma caixa nova que tinha uma

mensagem. Seu Nino não sabia ler. Seu
Ataídio da Moura, mas conseguiu a duras
penas decifrar a dita mensagem que dizia:
"Segunda-Feita não é dia do Pescador e
nem dia da Pesca"

Os embriões geram mais coisa espanta-
dos.

ANEXO P – O casarão

O Casarão

Na embarca da galé de travão meu chilo vem em direção a uma casinha em Rio Branco era uma casa muito bonita murada cheia de árvores tinha varanda e uma muito rede então decidiu Pedir Pausada.

Chegando lá viu meu Casaldo a dona da casa, então meu chilo Pedir Pausada a meu Casaldo muito simpática disse que podia sim mas a casa não tinha muitas quartos mas tinha a área de serviço que tinha uma rede de dormir que foi muito bom ali.

Então meu chilo foi logo se acomodando, chegando na manhã de tardezinha meu Casaldo foi calado e ficou para os cavalos e meu chilo decidiu tomar um banho e tirar uma soneca.

Chegando em casa meu Casaldo já embriagado meu chilo sentado na cadeira de balanço meu Casaldo decidiu fazer um cafezinho para a dona chegando a cafezinha meu chilo muito entusiasmado na casa de meu Casaldo perguntou a seu vó meu Casaldo deu aquele susto e disse essa casa meu filho não tem vó então meu chilo perguntou a seu Casaldo por que essa casa não tem vó para a senhora?

Respondendo meu Casaldo a meu chilo: folanda vem calma e com muita simpatia diga a história dessa casa meu filho é muito triste e também muito feliz antes dessa casa ser assim tão bonita ela era mais bonita ainda porque tinha a mais bonita das floras, foi nessa hora que a

história foi interrompida pela enfermeira que veio dar a medicação ao senhor. Quando a parte acima é que seu Gusaldo após a medicação tinha que se deitar e seu Chico filava muita curiosidade com a história mas quando ia perguntar seu Gusaldo já ia falando a parte da sua quarta, e seu Gusaldo falava cuidado com a Teruzimba!!!

Chegando já os dez horas da noite o nome Kate em seu Chico ele decidiu ir para a sua redinha, quando se apaga os luzes seu Chico escuta uma barulha estranha com muita medo decide ir ver o que é na cozinha da casa ele acha uma garrafinha chegando perto da água de beber ele avista algo e mete lá quando ele ver não tinha mais nada, pela manhã seu Gusaldo abre a redinha e alardeou seu Chico vendeu ali muitas de sangue e várias Palminhas de sangue que levavam até a local. Chegando lá seu Gusaldo avista o selo animal, no final das lanternas seu Chico descobriu que Teruzimba era só a cadela de seu Gusaldo.

ANEXO Q – O medo da vaca

O medo da vaca

Em um certo dia bem nublado, eu estava indo para o bequeirão, e quando eu estava seguindo o meu caminho, eu me deparei com uma vaca. Essa vaca estava em um pote muito apertado. Então, eu fui me aproximando. Para ver o que tinha acontecido com ela, fui me aproximando, e a vaca lá, muito apertada, quando eu cheguei próximo dela, apareceu uma cobra. Eu me districi tentando matar a cobra e a vaca sumiu.

Quando eu consegui matar a cobra, fui corar a vaca e olhando para onde a vaca estava não vi nada. Foi então que falei: "Quanto mais eu vejo mais as lembranças me aparecem". De repente a vaca fez:

- Uheuu, meuuu

Quando voltei para trás, a va-

ca. enfim ele tá atrás de mim e
 eu acabei na minha carreira. eu já
 muito comado, parei na casa de
 seu Joca, meu amigo o dono da v-
 oca. e mais que ~~depois~~ depois,
 ele disse:

- e táre você tá muito comado. o q-
 ue houve?

- eolna, eu estava indo para o
 boqueirão e essa boca infeliz comeu
 atrás dele - respondeu ainda comado.

Joca perguntou:

- o que foi que você fez a pobre
 da boca, não é de comer atrás
 de ninguém.

- e eu lá sei, essa bexiga
 ficou lá, nada - respondeu com
 muita raiva.

ANEXO R – O milharal de seu Joca

O milharal de seu Joca

Certo dia seu Joca estava passeando pela sua grande plantação de milho, quando ele percebeu que seu milharal estava sendo roubado. Muito chateado ele chamou o seu capanga Josi e disse:

- Josi, estão roubando o meu milho, e quero que você vá caçar o ladrão.

Josi respondeu:

- É para já, seu Joca

Durante a caçada, Josi viu um minino correndo dentro da capoeira com um saco cheio de milho. Então Josi disse:

- O ladrão é um minino

Seu Joca respondeu:

- Vá pegar aquele cabra da peste!

Foi então que Josi pediu ajuda de outros capangas para pegar o minino. O minino era tão rápido que nem um existia.

Nessa correria o minino acabou tropeçando e caiu no chão e os capangas que estavam com Josi pegaram o minino e levaram para seu Joca.

Então seu Joca perguntou ao minino:

- Por que você cabra capado roubou meu

malho?

O menino chorando, respondeu:

- Para dar de comer aos meus irmãos mais novos e a minha mãe.

Sua zela muito bravo, perguntou:

- E sua pai por que não vai procurar um trabalho?

O menino chorando muito, respondeu:

- Queria eu, eu aqui com eu e os meus irmãos e a minha mãe.

Sua zela não entendendo, perguntou:

- E por que eu não está com "Valis"?

O menino respondeu:

- Por que ele morreu.

Sua zela ficou tão surpreso que mandou os seus capangas saltarem o menino e deu o seu zelo cheio de milho e muita comida. A partir desse dia sua zela passou a ser padrinho do menino, dando a ele tudo o que ele precisava.

ANEXO S – O riacho do seu Chico

O Riacho do Meu Chico

Na noite da noite, a Menhona Josefa e o Meu neto João, vinham de uma longa caminhada. Eles estavam com muita fome e Por isso, estavam indo para casa de Tereza, para ter um amanhado um Punhado de farinha Para mede matar a fome.

No meio do caminho havia um riacho. Naquele momento que Josefa e Meu neto iam chegando perto do riacho, o primo do dono das Terras de Meu Chico viu ela e Meu neto e falou:

- Oi Menhona, tá indo passar pelo riacho essas noites?

É ela lhe respondeu:

- Sim.

- Cuidado com a Menhona que fica lá toda noite tomando banho e cantando antigas até o amanhecer! - falou o primo de Meu Chico.

Ficando meio assustada, Josefa respondeu:

- Tá certo, mas tem bastante cuidado!

Ela chegando ao riacho viu uma mulher cantando antigas e tomando banho, mais que depressa pegou na mão de João e saiu correndo chegando na casa de sua sogra, dona Tereza, falou tudo o que tinha

alentejado, mas dona Teresa já fazia
muito anos e três meses que morava ali
e já sabia de toda a história. Dona Teresa
pediu para dona Josefa mentar e falou que
a mentana que fica lá toda noite era apenas
uma tronca feita de barro para ornamentar os
escaadures, porque o dono das terras não queria
ninguém casando por ali.

Dona Josefa e seu nito fantomam e
passeiam a noite na casa de dona Teresa.
No dia seguinte, ao meio do dia, eles saíram
em direção a casa deles e decidiram numa
maior festa de São João da noite.

ANEXO T – Os cachorros de seu Chico

Os cachorros de seu Chico

Josefina vinha por uma estrada solitária rumo a casa de seu irmão João. Ela contava ir à casa de sua prima Terezinha ainda hoje, para pegar emprestado uma cumaloca de feijão, made comer ela e seus três filhos. Logo de meio dia, precisão subindo em seus escaletes, Toni, seu filho mais velho, não cessava de dizer:

- São não vai se esquecer de pi!!!

Ninguém havia nem tomado café, pois as provisões de leite se acabaram. Chegando na casa de João, Josefina falou:

- João, vim aqui deixar Dêta e Crabel aqui mais tu para eu ir ver se Terezinha tem um punhado de feijão, pra made eu almoçar com meus filhos. João lhe respondeu: "Deixa eles aí, agora cuidado com os estranhos que seu zela cria nas terras dele". Josefina saiu rumo a casa de Terezinha, quando passava nas terras de seu zela, encontrou cachorros brabos e saltões que celaram ela pra correr. Quando Terezinha viu Josefina chegando perto de sua casa, mais que depressa correu para dentro e fechou as portas pensando que era um ladrão. Josefina chegou e bateu na porta. Terezinha falou: "Oê quer me matar de susto, pensei que era um ladrão, e que quer?" Josefina falou o que queria, mas sua prima estava com tanta raiva, que reneceu o feijão e mandou ela sumir de sua casa. João era um homem casado, sem condições, nos pensamentos de Josefina, mas foi o único que ajudou ela e seus três filhos.

ANEXO U – Seu Mané vaqueiro

Seu Mané Vaqueiro

numa certa manhã, seu Mané estava indo levar um gado para o Serrão do Cauro e logo, batou a cela nos cavalos. Seu Mané era um Vaqueiro que não tinha medo de nada. Famoso por amansar animais selvagens.

- Maria, já estou-me indo - Disse Mané.

- Certo Mané, vá com Deus que eu vou ficar bem - Respondeu Maria.

E lá foi seu Mané descendo a ladeira com seu gado e seu cavalo, paivão subindo: "Patoé, patoé, patoé" - João, cabra pragueirão, não parava de dizer:

- Nada de chegar a Serrão do Cauro!

Já estava chegando a hora do ranço e ninguém tinha almoçado, pois um boi tinha saído do relonho e eles foram atrás para pegar o bicho, pois lá perderam a calçada de água na mata fechada.

e por sorte, de lá assistiram Serra do Cauro, foi uma lagunha, todos mudaram para a sexta marcha. Chegaram em Serra do Cauro como gado, bateram em um curral e foram para um latices

Maria, esposa de Nane, mulher guerreira, estava amarrando os cabros no terreiro, quando sem mais nem menos, foi ficando tudo escuro. As galinhas foram para o galinheiro e o gado cantava como se fosse noite. Maria caída correu para casa depressa e ficou rezando.

Lá em Serra do Cauro, tudo escureceu também. Todos entraram para dentro de suas casas e o latices que estava seu Nane fechou os portos. Logo correu o boato que era o fim do mundo, nesse dia, foi uma loucura, só crianças chorando e velhos rezando, ninguém sabia que aquilo se tratava de um eclipse

Logo, a luz saiu do fronto do sol, e tudo foi clareando. Depois a luz saiu

totalmente, o povo curioso para olhar
e tudo já estava normal. Seu namorado
disse

- É o fim do mundo, isso foi mesmo
okusor!

- É o apocalipse! - Disse Maria

. Mas era apenas um eclipse

ANEXO V – Vaqueiro arretado

Vaqueiro arretado

um tempo atrás no sertão sertanês, havia um vaqueiro que era muito macho e se achava um dos melhores vaqueiros daquela região. Através pelo nome de escravidão, ele era um cara moreno de olhos castanhos e alto.

Num certo dia, ele foi junto com o seu cavalo galopar na região e viu uma fazenda e foi, então ele resolveu ir para aquela fazenda que estava logo ali, era uma linda casa, branca e toda alpendrada.

Aí chegando perto da casa, o dono da fazenda falou:

- Ven cá aqui não

Ele sem medo e com muita eufia foi lá

- O que é que tu quer cá? - Perguntou o fazendeiro.

- Eu quero um cavalo com água, estou com muita sede. - Respondeu o Vaqueiro.

Então, seu servo veio chamar sua mulher e disse:

- Vai buscar um cavalo com água para esse rapaz!

A mulher trouxe a água para o vaqueiro que bebeu sem depressa e os dois, fazendeiro e vaqueiro, ficaram a conversar.

- Eu aqui falar que você é um dos melhores vaqueiros da região, é verdade isso? - Perguntou o fazendeiro.

- Sim. Eu até já peguei um boi bravo na mão, para o macho que não sabe. - Respondeu o vaqueiro

tudo unidas.

Seu sereno, que não era besta nem nada, quis tirar a prova.

- Então não há para o animal fora de ser se não é o melhor saqueiro dessa região mesmo. - chamou sereno.

Everaldo foi todo cheio de si. Mas quando chegou no curral, o saqueiro se deparou com uns lais que eram um monstrão. Tinha lais tão grande, mas tão grande que se parecia mas era com lais brandido. Maravado de medo, Everaldo não podia fazer mais. Afinal, ele era o saqueiro arrejado.

- Meu Deus do céu, nunca mantive um lais desses. - Pensou Everaldo.

Mesmo assim, ele foi. Pulou no lais que no primeiro pulo saltou Everaldo no chão, deu-lhe o sapato e saltou o saqueiro para cima.

Caitado de Everaldo, nunca mais quis voltar de ver saqueiro.

ANEXO X - Termo de Consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRES E ESCLARECIDOS
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
 MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM LETRAS – PROFLETRAS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, tendo sido convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa: **LEITURA DO LIVRO CHÃO DOS SIMPLES NA SALA DE AULA: RISO E TRADICIONAL REGIONAL NOS CONTOS DE MANOEL ONOFRE JÚNIOR**, projeto que consiste em uma proposta de intervenção, aplicada através do paradigma do Letramento Literário, sugerido por Rildo Cosson, utilizando a sequência básica para atividades de leitura e reescrita de contos, do livro **Chão dos Simples**, do escritor e acadêmico norte-rio-grandense Manoel Onofre Júnior, recebi da professora mestranda Simara Ribeiro Gomes da Cunha Lima, as seguintes informações que me fizeram entender, sem dificuldades os seguintes aspectos:

- Que esta pesquisa tem o intento de desenvolver a nossa competência leitora e escritora, formando assim, uma comunidade de leitores de textos literários. Além de promover também, a inserção definitiva da literatura como um dos objetos de estudo para alcançar este fim;
- Que a inserção do texto literário acontecerá como meio de prover a nós, alunos, o conhecimento indispensável para o nosso desenvolvimento humano; além de motivar-nos o interesse pela leitura de textos literários, com o intuito de aguçar-nos o desejo de ler; nos proporcionando condições necessárias à produção de contos com resíduos da tradição regional, a partir das nossas vivências e das experiências com os contos lidos;
- Que essa intervenção será realizada com os alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental II;
- Que esse projeto começou em ____ de _____ de ____ e terminará em ____ de _____ de ____;
- Que o projeto seguirá os seguintes passos:
- Etapa de motivação para participação do projeto;
- Apresentação do autor Onofre Júnior, da obra **Chão dos Simples** e do gênero conto;

- Atividades de leitura e escrita de contos do livro **Chão dos Simples**;
- Produção de uma antologia de contos;
- Participação nas atividades de culminância desse projeto.
- Análise e avaliação dos resultados de nosso desempenho;
- Que meu nome não será divulgado na pesquisa, sendo o resultado de minha participação por um código (letra ou número);
- Que poderão ser utilizados excertos da minha fala e/ou escrita;
- Que poderão ser utilizadas imagens minhas na pesquisa;
- Que, sempre que eu desejar, me será fornecido esclarecimento sobre cada uma das etapas da pesquisa;
- Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando da pesquisa e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.

Finalmente, tendo eu compreendido tudo o que me foi informado sobre a minha participação na mencionada pesquisa e estando consciente dos meus direitos e das minhas responsabilidades, compreendendo a importância da minha participação para a realização dessa pesquisa, DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO OBRIGADO(A) A PARTICIPAR.

(Assinatura do participante voluntário da pesquisa)

(Assinatura dos pais ou responsável)

Endereço domiciliar: _____

Telefone para contato: _____

(Assinatura do responsável pela pesquisa)

Logradouro/PB, ____ de _____ de ____.

Termo de consentimento livre e esclarecido.

